



UFPB



UEPB



UESC



UFRN



UFS



UFPE



UFC



UFPI

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e
Meio Ambiente**

FLÁVIO JOSÉ ROCHA DA SILVA

**O TEATRO DO OPRIMIDO COMO INSTRUMENTO
PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**



PRODEMA

**João Pessoa-PB
2010**

FLÁVIO JOSÉ ROCHA DA SILVA

**O TEATRO DO OPRIMIDO COMO INSTRUMENTO
PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente ó PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção de grau de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Pegado Abílio

João Pessoa . PB
2010



[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Silva, Flávio José Rocha da.

**O teatro do oprimido como instrumento para a
educação ambiental / Flávio José Rocha da Silva. - -**

João Pessoa: [s.n.], 2010.

146 f. : il.

Orientador: Francisco José Pegado Abílio o.

*Dissertação (Mestrado) . UFPB/
CCEN/PRODEMA.*

*1.Educação ambiental . 2. Teatro do oprimido .
3.Justiça ambiental.*

UFPB/BC

CDU:

37:504(043)

FLÁVIO JOSÉ ROCHA DA SILVA

O TEATRO DO OPRIMIDO COMO INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente ó PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção de grau de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Aprovado em: 23/02/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco José Pegado Abílio
Orientador

Prof. Dr. Gustavo Ferreira da Costa Lima
Examinador Interno

Profa. Dra. Maria de Fátima Camarotti
Examinadora Externa



À Augusto Boal
(in memoriam)

À Kátia e Maya,
pela partilha do tempo com este projeto.

AGRADECIMENTOS

Se por um lado agradecer é um ato de justiça para com o agradecido ou a agradecida, por outro lado é sempre um ato injusto para com os esquecidos e as esquecidas. Portanto, já me antecipo nas desculpas ao segundo grupo. Primeiro que tudo, quero agradecer aos meus pais pelo esforço em promover a educação da prole. Aos meus irmãos e a minha irmã pelo incentivo. Ao Professor Francisco Pegado que me orientou apontando a direção aos meus olhos sem interferir no meu olhar. Aos professores e amigos de sala de aula do PRODEMA pelo crescimento intelectual e pessoal proporcionados através dos ensinamentos e das conversas informais e a Cláudio Rocha pelo primeiro contato com o Teatro do Oprimido. Aos educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes que, abertos ao novo, me ensinaram que devo continuar tendo esperança. Enfim, a todos e a todas que proporcionaram e proporcionam o sonho por um mundo melhor através das mais diferentes maneiras de atuar neste planeta.

Luz do Sol

Caetano Veloso

Luz do sol
Que a folha traga e traduz
Em verde novo
Em folha, em graça
Em vida, em força, em luz

Céu azul que vem até
Onde os pés tocam a terra
E a terra inspira
E exala os seus azuis
Reza, reza o rio

Córrego pra o rio, o rio pro mar
Reza correnteza, roça a beira, doura a areia
Marcha o homem sobre o chão
Leva no coração uma ferida acesa
Dono do sim e do não
Diante da visão da infinita beleza
Finda por ferir com a mão essa delicadeza
Coisa mais querida, a glória da vida...

RESUMO

Este trabalho tem o seu foco na utilização do Teatro do Oprimido como instrumento para a Educação Ambiental. Embora a finalidade inicial desta técnica teatral fosse lidar com as relações de poder opressivas entre os seres humanos, a nossa pesquisa teve a intenção de compreender como esta metodologia pode ser levada aos alunos de uma escola pública para discutir a problemática ambiental. Nossa investigação foi realizada com um grupo de educandos voluntários da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes, localizada no Bairro do Mutirão-Bayeux/PB no segundo semestre de 2008 e no primeiro semestre de 2009. Durante este período, coordenamos trinta oficinas lúdico-pedagógicas e discutimos temas ligados a questão ambiental a cada atividade. Ao final de cada semestre, o grupo apresentou peças teatrais com a temática do lixo na escola e sobre a degradação do Parque Estadual da Mata do Xém-xém, localizado no mesmo bairro. Para averiguar o resultado da pesquisa, foram aplicados questionários com as turmas dos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e das 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio ao início e ao término do nosso trabalho, onde pudemos constatar um crescimento no nível de entendimento da maioria dos educandos das referidas turmas acerca da problemática ambiental e de conceitos como natureza, meio ambiente e educação ambiental, confirmando que o Teatro do Oprimido pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para facilitar uma Educação Ambiental crítica e promover a Justiça Ambiental de forma participativa.

Palavras-Chave: 1-Teatro do Oprimido 2-Educação Ambiental 3-Justiça Ambiental

ABSTRACT

This research focuses on the Theater of the Oppressed as a tool for Environmental Education. Although the initial motivation of this theater technique was to discuss the oppressive relationships between human beings, our work had the intention to understand how this methodology can be undertaken with a group of students in a public school to talk about the environmental crisis. Our research was made with a group of volunteer students from the Professor Antônio Gomes Middle and High School, located in the neighborhood of Mutirão-Bayuex/PB during the second semester of 2008 and the first semester of 2009. Throughout this time, we coordinated thirty workshops on the Theater of the Oppressed techniques and discussed themes connected to the environment on each activity. At the end of each semester, the group presented a play focusing on the garbage on the school grounds and class rooms and on the devastation the Mata do Xém-xém State Park, located in the same neighborhood. At the beginning of our research and at the end of our workshops, we applied questionnaires with the Eighth, Ninth, Eleventh and Twelfth grade students to discover if there was an increase in the level of understanding of environmental problems and concepts like nature, environment and environmental education. Our research confirms that the Theater of the Oppressed can be a tool to facilitate a critical Environmental Education and promote Environmental Justice in a participatory method.

Key Words . 1 - Theater of the Oppressed 2 - Environmental Education
3 - Environmental Justice

TAS DE SIGLAS

AITO . Associação Internacional do Teatro do Oprimido

BM . Bairro do Mutirão

CIEP . Centros Integrados de Educação Pública

CTO . Centro de Teatro do Oprimido

EA . Educação Ambiental

EEEFMPAG . Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor
Antônio Gomes

GTO . Grupo de Teatro do Oprimido

IBGE . Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IPEA . Instituto de Pesquisas Aplicadas

MST . Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MUB . Movimento dos Bairros

ONG . Organização Não Governamental

ONU . Organização das Nações Unidas

PEMX . Parque Estadual da Mata do Xém-Xém

SUDEMA . Superintendência do Desenvolvimento e Meio Ambiente

TO . Teatro do Oprimido

TF . Teatro Fórum

UC . Unidade de Conservação

UNESCO . United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

AS DE FIGURAS

Figura 1 - O Teatro do Oprimido e suas técnicas	48
Figura 2 - A Arvore do Teatro do Oprimido.....	61
Figura 3 - No Teatro do Oprimido, o espectador é considerado um ator em potencial, ou seja, um expect-ator.....	63
Figura 4 - Lixo jogado dentro da EEEFMPAG.....	67
Figura 5 - Lixo jogado em frente a EEEMF PAG.....	68
Figura 6 - Localização geográfica do Município de Bayeux/PB	70
Figura 7 - Lixo Jogado no PEMX.....	72
Figura 8 - O Riacho do Meio é utilizado como área de lazer pelos jovens do BM.....	72
Figura 9 - Os estudantes praticam os jogos e exercícios, chamados por Boal de % Arsenal do TO+.....	75
Figura 10 . Os integrantes do grupo de TO da EEEFMPAG encenam a realidade vivenciada por eles em sala de aula.....	76
Figura 11 . Educandos da EEEFMPAG assistem a peça teatral com a temática da degradação ambiental no PEMX.....	77
Figura 12 . Os educandos praticam mais jogos e exercícios usados para intercalar as discussões sobre a pr oblemática ambiental no BM.....	109
Figura 13 . Integrantes do grupo pintam painel que serviu de cenário para a apresentação da segunda peça	112

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Natureza.....	84
Gráfico 2 - Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Natureza.....	84
Gráfico 3 - Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Meio Ambiente.....	86
Gráfico 4 - Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Meio Ambiente.....	87
Gráfico 5 - Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Educação Ambiental.....	89
Gráfico 6 - Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Educação Ambiental.....	89
Gráfico 7 - Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Desenvolvimento Sustentável.....	90
Gráfico 8 - Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Desenvolvimento Sustentável.....	91
Gráfico 9 - Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Biodiversidade.....	92
Gráfico 10-Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Biodiversidade.....	92
Gráfico 11-Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre os principais problemas ambientais do BM.....	93
Gráfico 12-Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre os principais problemas ambientais do BM.....	94
Gráfico 13-Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o PEMX.....	95
Gráfico 14-Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o PEMX.....	95
Gráfico 15-Animais e plantas típicos que ocorrem no PEMX conhecidos pelos educandos 8º e 9º Anos.....	96
Gráfico 16-Animais e plantas típicos que ocorrem no PEMX conhecidos pelos educandos das 1ª e 2ª Séries.....	97
Gráfico 17-Os principais problemas ambientais no PEMX apontados pelos educandos dos 8º e 9º Anos.....	98
Gráfico 18-Os principais problemas ambientais no PEMX apontados pelos educandos das 1ª e 2ª Séries.....	98
Gráfico 19- Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre como a EA pode contribuir para resolver os problemas ambientais do BM e do PEMX	99
Gráfico 20-Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre como a EA pode contribuir para resolver os problemas ambientais do BM e do PEMX.....	100
Gráfico 21-Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre como o teatro pode contribuir na aprendizagem.....	101
Gráfico 22-Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre como o teatro pode contribuir na aprendizagem.....	101
Gráfico 23-Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre a importância do teatro na educação	102
Gráfico 24-Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre a importância do teatro na educação.....	103
Gráfico 25-Conhecimento dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o TO.....	104
Gráfico 26-Conhecimento dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o TO.....	104

APÊNDICES

Apêndice I . Questionário utilizado para entrevistar a Diretoria.....	122
Apêndice II . Questionário utilizado para entrevistar os educandos dos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e das 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio da EEEFMPAG no Pré-teste.....	126
Apêndice III . Questionário utilizado para entrevistar os educandos dos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e das 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio da EEEFMPAG no Pós-teste.....	128
Apêndice IV - Manifesto divulgado pela Associação Internacional do Teatro do Oprimido.....	130

ANEXOS

Anexo I . Roteiro das oficinas.....	134
Anexo II - Material produzido pelos educandos sobre o mito da Comadre Florzinha.....	139
Anexo III . Roteiro da Primeira Peça Teatral.....	143
Anexo IV . Roteiro da Segunda Peça Teatral.....	144
Anexo V - Paródia da música Razões e Emoções da Banda NX Zero.....	145

SUMÁRIO

Introdução.....	15
1. Primeira Cena . Por uma Educação Ambiental Crítica ao Atual Modelo de Desenvolvimento.....	18
1.1. A Educação Ambiental no Mundo Moderno.....	21
1.2. A Educação Ambiental no Brasil.....	27
2. Segunda Cena . Abrem-se as Cortinas: A História do Teatro do Oprimido..	31
2.1 Como Nasceu o Teatro do Oprimido.....	36
2.2 O Teatro Fórum e a Radicalização do Fazer Teatral.....	39
2.3 Um Teatro em Busca do Futuro.....	46
3. Terceira Cena . O Teatro do Oprimido como Proposta Pedagógica para uma Educação Ambiental Crítica.....	49
3.1. Teatro e Educação	50
3.2. Teatro e Educação Ambiental.....	52
3.3. O TO como Proposta para uma Educação Ambiental Crítica.....	54
3.4. O TO e a sua Relação com a Educação Ambiental.....	56
3.5. Teatro do Oprimido: um caminho para a EA na escola pública.....	58
3.6. O Teatro Fórum e a Educação Ambiental.....	60
4. Quarta Cena . A Experiência com o Teatro do Oprimido como Instrumento para a Educação Ambiental na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes . Bayeux/PB.....	65
4.1. O Cenário	66
4.2. O Figurino	73
4.2.1 As Dificuldades para o Figurino Planejado.....	77
4.3. Os Atores.....	79
4.4. Diagnóstico Sobre a Percepção Ambiental e Sobre o TO.....	82
4.5. Oficinas Lúdico-Pedagógicas com a Metodologia do TO.....	105
Conclusão e Considerações	114
Referências	116
Apêndices.....	122
Anexos.....	134

Introdução

Nunca antes na história da humanidade foi tão clara a necessidade de se repensar o modelo de desenvolvimento que nos trouxe ao patamar de destruição ambiental que presenciamos atualmente. A mídia tem nos fartado com notícias, filmes, comerciais, artigos os mais diversos sobre o aquecimento global, as mudanças climáticas, as catástrofes ambientais, os refugiados ambientais, etc. Nunca foi tão possível vislumbrar o futuro do planeta como hoje, e diga-se que não é um futuro promissor, com a precisão tecnológica de que dispomos.

Se por um lado somos bombardeados com notícias sobre estas catástrofes, por outro é possível perceber que as mudanças de comportamento exigidas para reverter tal situação têm sido muito poucas, especialmente se comparadas com a gravidade do problema. É como se a grande maioria dos seres humanos que tem acesso a essas informações não as processassem e não dessem a elas o devido valor que merecem. Ou mudamos a nossa maneira de viver ou não viveremos para mudar.

Por onde começar, então? De onde partir para a mudança comportamental tão necessária, se não para parar, ao menos para diminuir as conseqüências dos desastres que estaremos a testemunhar no futuro e que são anunciados pela comunidade científica? Creio que conquistar as novas gerações deva ser a resposta. Sempre foram os mais jovens, ou quase sempre, que se despojaram das amarras morais, sociais e econômicas em nome das causas que acreditam. Não será diferente agora. É lá que está depositada a possibilidade real de mudança. Não importa a que classe social pertençam ou o nível de formação educacional que possuam, muitos jovens estão dispostos a encarar os problemas de frente e a encontrar, irradiar, praticar meios de desordem organizada ou de desorganizada ordem em nome das mudanças essenciais para validar suas utopias.

Mas como conquistá-los? Como fazer com que abracem uma causa em um mundo cada vez mais desiludido com as causas? Como sensibilizá-los para os problemas ambientais que enfrentamos e que tem no consumo praticado

gens? A resposta não é tão simples. O mundo nas últimas décadas. O planeta é cada vez mais urbano, conectado por rede, decifrado por imagens e funciona com uma velocidade nunca antes experimentada pelas gerações que nos precederam. É preciso usar de muita criatividade para ganhar a atenção desses jovens. Junte-se a tudo isso o fato de que muitos vivem nas periferias das grandes cidades envoltos pela violência, dentro e fora do lar; acesso, ou não, a uma escola pública de má qualidade e sem uma perspectiva de futuro que os leve a esperar o sucesso profissional. Não é fácil fazer com que grupos humanos, com estas características, dediquem seu tempo para refletir e atuar de forma prática em suas comunidades abordando a questão do meio ambiente. Como já afirmado anteriormente, é preciso usar a criatividade como estratégia para conquistá-los para esta causa.

Foi na busca por uma metodologia criativa e participativa para trabalhar com jovens que me deparei com o Teatro do Oprimido (TO) e o seu leque de técnicas como uma ferramenta viável a este objetivo, como comprovado em experiências acumuladas por quase quarenta anos em vários países. Os primeiros experimentos com o TO mostraram-se acessíveis, de fácil compreensão e de caráter multifacetado para as mais amplas discussões: gênero, raça, etnia, homofobia, direitos trabalhistas, relações de poder, enfim tudo que gera opressão entre os seres humanos. Porém, havia pouco trabalho no campo da Educação Ambiental (EA). Em 2007, foi realizada, sob minha coordenação, uma experiência em uma Organização Não Governamental (ONG) que atende a crianças e adolescentes em situação de risco na cidade de Bayeux-PB. Esta atividade teve enfoque nas questões ambientais e concluí ser grande o potencial deste método quando utilizado para discutir a Justiça Ambiental.

Mesmo sabendo que seu criador não tinha a temática ambiental em mente quando idealizou o TO, voltei a trabalhar com jovens em uma escola pública estadual no mesmo bairro onde desenvolvi o trabalho com a ONG, principalmente por causa vínculos que havia desenvolvido com a comunidade. Este trabalho é aqui apresentado e teve o objetivo geral de validar o TO como um instrumento para a EA, assim como buscou desenvolver a sensibilização dos educandos sobre a necessidade de preservação do Parque Estadual Mata

mesmo bairro, utilizando as oficinas e os

O resultado da investigação pode ser conferido nos tópicos que se seguem, aqui chamados de *cenas*. Na *Primeira Cena* discorre-se sobre a necessidade de aprofundamento da crítica ao modelo social e econômico em que vive a nossa sociedade e o papel que a EA pode exercer nesta crítica. Educar com seriedade é formar seres humanos para um outro paradigma social, político, econômico e ambiental e, uma EA crítica, deve trilhar este caminho.

Na *Segunda Cena*, a história do TO e a origem da formulação de cada uma de suas técnicas é resgatada para uma melhor compreensão do contexto social, histórico e artístico do nascimento e desenvolvimento desta metodologia teatral. Especial atenção é dedicada ao Teatro Fórum (TF) por ser esta a mais difundida entre as técnicas.

A *Terceira Cena* traça a relação entre o teatro e a educação, dando especial ênfase a EA. Em seguida, elabora-se um breve histórico entre a conexão do TO com a EA nas últimas décadas, já que existem experiências, dentro e fora do Brasil, que mostram a sua viabilidade em diferentes espaços sociais e geográficos.

Seguindo na *Quarta Cena*, transcrevemos o relato da experiência com os educandos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes (EEEFMPAG) e a metodologia das oficinas lúdico-pedagógicas desenvolvidas com o grupo. Os resultados obtidos poderão ser observados em uma amostragem gráfica, juntamente com sua análise. Por último, a conclusão do trabalho e as considerações.

1.Primeira Cena

Por uma Educação Ambiental Crítica ao Atual Modelo de Desenvolvimento

Compreender as questões ambientais para além de suas dimensões biológicas, químicas e físicas, enquanto questões sociopolíticas, exige a formação de uma consciência ambiental em preparação para o pleno exercício da cidadania, fundamentadas no conhecimento prévio de atores sociais que se utilizam dos ecossistemas do seu entorno.

Francisco José Pegado Abílio

Quando o assunto EA é abordado, muitos crêem tratar-se de algo muito recente na história da humanidade. Na verdade, todas as vezes que um grupo humano, em qualquer época da história deste planeta, criou regras para o uso dos recursos naturais no seu entorno, estava disseminando uma maneira de educar para lidar com aquele espaço geográfico, e assim educar para sobreviver da melhor forma possível, no julgamento daquele grupo, com o que a natureza lhes oferecia. Cardoso (2009) afirma que, %O processo histórico da evolução do homem mostra que, este interage com o ambiente de acordo com os conhecimentos históricos construídos, transmitidos culturalmente através de gerações...+ Sendo assim, EA não é apenas aquela que é registrada por meio dos processos formais, mas também todo arcabouço adquirido através dos séculos por grupos humanos na forma de lidar com o meio ambiente. Pois, %O conhecimento empírico que povos tradicionais acumulam sobre o seu habitat e os recursos bióticos que utilizam, também deve ser respeitado e considerado.+ (NORDI *et al*, 2006, p. 134)

Muitas das cosmovisões dos indígenas, tribos nômades e grupos religiosos contém regras para conviver, ou aquilo a que se chegou a conclusão, à época, que seria bom para a convivência do ser humano com o meio ambiente. Estes princípios foram transmitidos pela fala, simbologias e experiências observadas sobre as variações naturais (NORDI *et al*, 2006, p. 134). Um exemplo bem claro são os preceitos criados pelo povo judeu, e catalogadas no Livro do Levítico, de convivência com a natureza. O tema da santidade era buscado nas relações concretas do cotidiano entre seus membros e a relação com a natureza (STORNILO; BALANCIN, 1990). Há outros exemplos como as regras hindus, a cosmovisão budista e a ética taoísta na busca pelo equilíbrio e interação com as forças governantes dos processos e dinâmicas do planeta Terra (BERRY, 1988). Havia uma preocupação com o equilíbrio do espaço humano/geográfico em que viviam e uma possível perda do bem natural comunitário e a conseqüente desarmonia que seria gerada no grupo se algumas regras não fossem adotadas e seguidas. A EA é, portanto,

s e sempre foi necessária, mesmo que não
denominação.

A palavra educação vem do latim *educatio* . formação do espírito - e ambiente do latim *circumfusus* . que rodeia, que está em volta (DICIONÁRIO PORTUGUÊS-LATIM, 2000, p. 240) - isso mostra a tentativa dos antigos de educar o espírito para conviver com o que os rodeava. Aqui não exercitaremos juízo de valor sobre este fazer educacional embrionário, mas é correto evidenciá-lo.

O relacionamento dos seres humanos com a natureza passou por muitas transformações nos últimos séculos. Segundo Reigota (1994b), ao comentar esta relação na América Latina, a invasão européia foi um marco divisor em nosso continente.

Estes deixaram como forte herança a idéia de desenvolvimento econômico baseado na monocultura agrícola e/ou na exploração, até o esgotamento ou extinção dos recursos naturais.

Por outro lado, desconsideraram, e esta é também uma pesada herança, toda a cultura e o direito à vida dos povos indígenas, iniciando um dos maiores genocídios da história, que ainda não terminou.

O modelo dos colonizadores permaneceu, mesmo após a independência política. Eles foram substituídos, principalmente a partir do século XX, pelos americanos, e as multinacionais, aliadas à elite cultural e econômica do continente. (1994b, p. 47-48),

Junte-se ao genocídio indígena, o genocídio africano de milhões de pessoas raptadas para servirem de escravos e escravas nas plantações de cana-de-açúcar e cacau do Nordeste, café no Sudeste, extração de minérios em Minas Gerais e extração de borracha na Amazônia brasileira, e encontraremos muitas respostas para as mazes sócio ambientais do nosso país. Há muito que se recontar na nossa historia oficial e a EA pode prestar um relevante serviço neste aspecto ao criticar o modelo vigente e re-memorar os modelos de sociedade que foram forjados na opressão de povos e culturas e geradores da *dívida ecológica*. Leff (1998, p. 38) enfatiza que, %A dívida ecológica é mais vasta e profunda do que a dívida financeira. Não é só impagável, mas é incomensurável.+

Mundo Moderno

Com o distanciamento de grande parte dos seres humanos da natureza e sua respectiva perda de afinidade com o mundo que os cerca, causados pelo individualismo e pela metropolização da população no último século (REIGOTA, 1994b), a necessidade de restabelecer normas para a boa convivência entre os humanos e o mundo natural que os circunda, e para um possível abrandamento do caos em que nos encontramos, tornou-se não somente necessária, mas inadiável e vital para a sobrevivência da espécie humana neste planeta. É, pois, necessária uma nova ética (LIMA, 2004) e uma educação para a cidadania. Fazemos coro com a afirmação de Jacobi (2005, p. 243), *Entende-se que a educação para a cidadania trata não só da capacidade do indivíduo de exercer os seus direitos nas escolhas e nas decisões políticas, como ainda de assegurar a sua total dignidade nas estruturas sociais, fazendo valer uma verdadeira cidadania ambiental.*

As novas configurações sociais do planeta apontam para grandes massas de populações vítimas das injustiças socioambientais resultante das estruturas macroeconômicas que governam e determinam o modelo de desenvolvimento vigente, e este modelo que nos é imposto gera desigualdades sociais e ambientais (PORTO-GONÇALVES, 2004).

Por tudo isso, urge uma nova ética baseada na crítica do que aí está posto e que normatize novos paradigmas para o bom relacionamento entre os seres deste planeta imprimindo os princípios da autonomia, solidariedade, integração e criatividade em harmonia com a natureza (LEFF, 1998; REIGOTA, 1994a). Tais normas éticas não serão absorvidas pela população de forma repentina. Elas precisam fazer parte do arcabouço das instituições, entre elas a escola, para que se espalhem de maneira a serem capilarizadas nos meios sociais, e transformadas em eco-práticas cotidianas. Jacobi (2005, p. 244) afirma que, *Atualmente, o desafio de fortalecer uma educação para a cidadania ambiental convergente e multi-referencial se coloca como prioridade para viabilizar uma prática educativa que articule de forma incisiva a necessidade de se enfrentar concomitantemente a crise ambiental e os problemas sociais. Portanto, a educação deve tomar partido no que se refere*

que alimentamos, pois não existe neutralidade
pessoas neutras (SATO, 2004).

No mundo moderno, foi com o final da Segunda Guerra, na metade da década de quarenta, que a humanidade deu-se conta da insanidade a que a ciência estava nos levando (ABÍLIO, 2008). O termo educação ambiental foi utilizado pela primeira vez no ano de 1948 em uma reunião da União Internacional para a Conservação da Natureza, em Paris (JACOBI, 2005). Este despertar aumentou depois da reunião do Clube de Roma¹, da 1ª Conferência do Meio Ambiente em Estocolmo, Suécia,² e do Relatório de Bruntland³. Sua magnitude alcançou o topo com a Rio ECO-92⁴ (REIGOTA, 1994a). Neste sentido, estes encontros de caráter global conseguiram chamar a atenção para os graves problemas que a população planetária está sendo submetida tendo como causa um modelo de desenvolvimento que gera destruição, poluição e consequente pobreza para milhões de pessoas.

No campo da educação, estes grandes eventos culminaram com conferências direcionadas para repensar a educação para o meio ambiente. De acordo com Leff,

A Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano, celebrada em Estocolmo em 1972, mostrou a necessidade de gerar um amplo processo de educação ambiental, o que levou a criar o Programa Internacional de Educação Ambiental Unesco/PNUMA em 1975 e a elaborar os princípios e orientações da educação ambiental na Conferência de Tibilissi em 1977. (1998, p. 237).

Assim, aconteceu em 1975, em Belgrado na antiga Iugoslávia, um seminário com especialistas da área ambiental e onde foram definidos os

¹ Em 1968 foi realizada em Roma uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos para se discutir o consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis e o crescimento da população mundial até meados do século XXI+(REIGOTA, 1994a, p. 13).

² A Organização das Nações Unidas realizou em 1972, em Estocolmo, na Suécia, a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano. O grande tema da conferência de Estocolmo foi a poluição ocasionada principalmente pelas indústrias+(REIGOTA, 1994a, p. 14).

³ Reuniões patrocinadas pela Primeira Ministra da Noruega, Gro-Brundtland, em várias cidades do mundo para dar prosseguimento a Conferência de Estocolmo (REIGOTA, 1994a).

⁴ Rio 92, marcada para junho de 1992, tinha por finalidade essencial decidir quais são as medidas urgentes a serem adotadas em conjunto por todas as nações do mundo (sendo uma realização da ONU) para evitar, se ainda for possível, o fim da vida na superfície da Terra+(FREIRE, 1992, p. 9).

Carta de Belgrado. Reigota reporta os seis
são eles:

- 1-Conscientização: Levar os indivíduos e os grupos associados a tomarem consciência do meio ambiente global e de problemas conexos e de se mostrarem sensível aos mesmos;
- 2-Conhecimento: Levar os indivíduos e os grupos a adquirir uma compreensão essencial do meio ambiente global, dos problemas que estão a eles interligados e o papel e lugar da responsabilidade crítica do ser humano;
- 3-Comportamento: Levar os indivíduos e os grupos a adquirir o sentido dos valores sociais, um sentimento profundo de interesse pelo meio ambiente e a vontade de contribuir para sua proteção e qualidade;
- 4-Competência: Levar os indivíduos e os grupos a adquirir o *savoir-faire* necessário à solução dos problemas;
- 5-Capacidade de Avaliação: Levar os indivíduos e os grupos a avaliar medidas e programas relacionados ao meio ambiente em função de fatores de ordem ecológica, política, econômica, social, estética e educativa;
- 6-Participação: Levar os indivíduos e grupos a perceber suas responsabilidades e necessidades de ação imediata para a solução dos problemas ambientais (1994a, p. 31-34).

Em seguida, aconteceu o Primeiro Congresso Mundial em Educação Ambiental em Tibilissi, na Geórgia (ex-URSS), em 1977, e Moscou sediou o Segundo Congresso de Educação Ambiental em 1987 (REIGOTA, 1994a). Estes eventos trouxeram à tona a importância da EA para a disseminação de uma nova postura frente aos desmandos do capitalismo.

Segundo Sato (2006, p. 23), a primeira definição da Educação Ambiental foi adotada pela International Union for the Conservation of Nature (IUCN, 1971), que enfatizou os aspectos ecológicos da Conservação. Ainda de acordo com a mesma autora, a definição internacionalmente mais aceita é a da Conferência de Tibilissi, que assim define a EA:

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e classificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática de tomada de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida (SATO, 2006, p. 23-24).

32) afirmam que, %Definir EA é falar sobre Educação, dando-lhe uma nova dimensão: a dimensão ambiental, contextualizada e adaptada para a realidade Interdisciplinar, vinculada aos temas locais e globais.+Estes autores também apontam três requisitos básicos para que o Professor/Pesquisador desenvolva propostas pedagógicas de EA:

- 1-SENTIMENTO- estimular o sentimento de satisfação, responsabilidade e solidariedade entre os homens e entre estes e os outros elementos da natureza;
- 2- RAZÃO- promover compreensão do ambiente em sua totalidade resultante do processo permanente de interação e inter-relação de seus elementos;
- 3-AÇÃO- oferecer meios que proporcionem a participação responsável e eficaz da população na concepção e aplicação das decisões que interferem no ambiente. (2006, pp. 33-34)

Em nossa concepção, o segundo item tem sido bastante trabalhado através de pesquisas científicas, mas há uma deficiência na popularização do primeiro e do terceiro itens tanto no ensino formal quanto informal, e são estes que justamente trarão mudanças profundas na nossa sociedade. Para Leff,

O desafio que se coloca à pedagogia ambiental é o de formar o ser humano, desde a infância e juventude, com um espírito crítico e construtivo, estimulando antes sua criatividade do que o submetendo aos desígnios de um mundo automatizado, armado por pedaços (bits) de informação, concatenado e encadeado pela tecnologia de uma ordem econômica supra-humana. (2007, p. 259)

Embora a EA tenha sido disseminada em vários setores da sociedade, e não somente no ensino formal, pois dados mostram que a maioria das atividades da EA são desenvolvidas fora do espaço escolar (BARCELOS, 2008), ela ainda está longe de atingir uma postura crítica na totalidade das suas várias tendências no Brasil como definidas por Sato (2002), sendo elas:

- Conservacionista - Desenvolvimento de atividades de excursões, lutas conservacionistas, preservação da fauna e da flora;
- Biológica - Enfatiza a Biologia e a Ciência nos livros didáticos, cadeias alimentares e aspectos da biosfera;
- Comemorativa - Destaca campanhas temporárias, como comemoração da Semana do Meio Ambiente, Dia da Árvore, etc.;

a - Enfatiza e valoriza as questões de natureza
i, em detrimento dos aspectos naturais;
para as Sociedades Sustentáveis - Entendimento
das origens, causas e conseqüências da degradação
ambiental, através de uma metodologia interdisciplinar,
visando uma nova forma de vida coletiva (SATO, 2002).

Sendo esta última, a única questionadora da degradação ambiental gerada pelo modelo de sociedade capitalista. Para Carvalho (2004, p. 19),
%Para uma educação ambiental crítica, a prática educativa é a formação do
sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado.+Isto é,
uma educação que dote o sujeito de entendimento sobre o seu direito á
participação nos destinos da sua comuni dade.

Se é verdadeira a afirmação de que a EA não será o catalisador central das mudanças que a crise ambiental exige, é também verdadeira a afirmação de que ela pode influenciar cidadãos e cidadãs que promoverão a ruptura rumo a uma sociedade mais justa ambientalmente (REIGOTA, 1994a; GUIMARÃES, 2004; LOUREIRO, 2004). Pois a EA %Busca a consciência crítica que permita o entendimento e a intervenção de todos os setor es da sociedade, encorajando o surgimento de um novo modelo de sociedade, onde a conservação dos Recursos Naturais seja compatível com o bem-estar socioeconômico da população+(GUERRA; ABÍLIO, 2006 , p. 33).

É urgente uma postura questionadora com relação ao modelo capitalista de sociedade e a EA deve pautar-se por um novo caminho ético, inclusive superando o antropocentrismo. %A Educação Ambiental vem contribuir em um processo interativo, participativo e crítico para o surgimento de uma nova Ética, esta vinculada e condicionada à mudança de valores, atitudes e práticas individuais e coletivas+(GUERRA; ABÍLIO, 2006, p. 33). Essas práticas podem e devem traduzir-se em posturas solidárias para com a natureza em processo de degradação. O teólogo Hans Kung sugere três pontos para criar a solidariedade com o meio ambiente:

- 1-Superar a compreensão de divisão entre as pessoas e o resto da criação;
- 2- Deixar de lado um estilo de vida e um modo de produção que prejudique profundamente a natureza;
- 3-Superar o individualismo que danifica a integridade da criação em prol de interesses privados (2001, p. 101).

ta Reigota (1994a, p. 11), ao afirmar que, %A dessa forma, impregnada da utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas, entre a humanidade, sejam entre esta e a natureza.+ A EA deve, então, se fazer presente para confrontar todos os desafios que permeiam as relações de equilíbrio ameaçadas pela industrialização, a manipulação de organismos genéticos e o agronegócio, etc. e questionar todas as formas de expropriação dos recursos naturais e da força de trabalho, assim como questionar não apenas a posse do modo de produção, mas o próprio modo de produção (LOUREIRO, 2004). Para Cardoso, %a educação ambiental entra como subsídio para construir uma consciência ambiental, como também, questionar o modo de como a humanidade vem garantindo a sua existência+ (2009). De outra forma não terá interagido com os problemas com os quais tenta confrontar-se. Barcelos afirma que,

Se existe algum consenso, hoje sobre as questões ambientais e sobre o trabalho com educação ambiental, é que não basta estarmos cientes ou conscientes do que é ou não adequado fazer. Para além disto, é necessário construirmos espaços de convivência em valores tais como a solidariedade, a cooperação, a participação, a responsabilidade, o cuidado, o reconhecimento do outro como legítimo outro na sua diferença. Enfim, mais que %ensinar+ e/ou transmitirmos conhecimentos e técnicas há que criarmos espaços de exercício de atitudes que sejam mais coerentes com os nossos princípios, fundamentos, teses, teorias, ou pressupostos de mundo, bem como de formas de *ser* e de *estar* neste mundo (2008, P. 54).

Como bem afirmou Freire, %a como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo+ (1999, p. 110). Nesse sentido, Jacobi também afirma que, %a o desafio político-ético da educação ambiental, apoiado no potencial transformador das relações sociais, encontra-se estreitamente vinculado ao processo de fortalecimento da democracia e da construção de uma cidadania ambiental+ (2005, p. 247). Pois como processo histórico-humano, a EA, formal ou informal, não pode negar-se a missão de transformar o que aí está posto e exposto pelas autoridades científicas mundiais no tocante à ameaça ao planeta Terra.

No Brasil, assim como em outras partes do planeta, os grupos indígenas e alguns dos habitantes que aqui chegaram depois da invasão européia como colonos vindos do Velho Mundo, em 1500, também desenvolveram métodos de convivência com o ambiente, praticando assim, uma relação, na maioria das vezes, harmoniosa. Seus ensinamentos educativos são repassados de geração em geração na forma de uma EA não formal até os dias de hoje. Pois educar é um fenômeno típico da espécie humana (GUIMARÃES, 2004).

Barcelos (2008) afirma que a EA no Brasil em nossos dias está muito mais presente fora do que dentro da escola, embora esta seja um lugar privilegiado para ensiná-la, desde que haja oportunidade para a criatividade (REIGOTA, 1994a). Já para Silva (2009), ~~N~~ão existe no Brasil uma educação formal eficiente e holística. Portanto, dificilmente seria possível abordar a questão ambiental no mesmo bojo do currículo tradicional, que é disciplinar e cartesiano.+

Apenas no início da década de setenta é que foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente . SEMA - e a EA deste período vale apenas como menção histórica. Na metade dos anos oitenta as primeiras discussões sobre a EA nas escolas brasileiras começaram a ser fomentadas nos meios educacionais e começou o debate se a EA deveria ou não ser mais uma disciplina no currículo escolar, no que o Conselho Federal de Educação optou por assumir a posição ~~%~~os principais educadores ambientalistas brasileiros da época, que consideravam a educação ambiental como uma perspectiva de educação que deve permear todas as disciplinas+ (REIGOTA, 1994a, p.25). Leve-se em conta que a sociedade brasileira estava sob a Ditadura Militar e não havia espaço para a participação da sociedade civil (GUIMARÃES, 2004). Lima afirma que é só

... por volta dos anos 1990, em nível nacional, a educação ambiental ganhou um impulso considerável, conquistando reconhecimento público e irradiando-se através de uma multiplicidade de reflexões e de ações promovidas por uma diversidade de agentes de organismos internacionais, organizações governamentais e não-governamentais, movimentos sociais, universidades e escolas (2004, p. 86).

ta (1994a) a ECO-92 foi um divisor de águas no Brasil e no planeta. A visibilidade midiática trazida por este evento global, realizado na cidade do Rio de Janeiro, proporcionou os meios para a difusão da EA em nosso país, embora a constituição brasileira de 1988 já tivesse expressado a necessidade de promover a educação ambiental em todos os níveis do ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente+(VILLAS-BOAS; CARVALHO, 2002), fazendo coro ao consenso da comunidade internacional de que a EA deve estar presente em todos os espaços educativos, e não somente na escola (REIGOTA, 1994a).

A EA, na grande maioria dos municípios brasileiros, ainda está longe de atingir os objetivos formulados na Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que em seu Capítulo Primeiro, nos seus dois primeiros artigos, afirma:

Art. 1º Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.⁵

No primeiro artigo podemos observar a necessidade de construir valores para a busca da qualidade de vida. Para Leff (1998, p. 239), os avanços teóricos, epistemológicos e metodológicos no terreno ambiental foram mais férteis no terreno da pesquisa do que eficazes na condução de programas educacionais+. Pois, segundo ele, faltou aos projetos de educação ambiental formal a conformação de massas críticas de professores . tanto em número como em caráter . assim como uma vigilância epistemológica, metodológica e pedagógica em seu projeto e desenvolvimento prático+(1998, p. 240-241).

Embora no campo teórico a EA brasileira se posicione de forma crítica, a realidade ainda não contempla esta orientação nas nossas escolas

⁵ Disponível no site <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea.pdf>. Acessado em 17/07/2008.

uma EA crítica deve contribuir para uma (CARVALHO, 2004). A participação política dos cidadãos e cidadãs nos Conselhos Municipais de Meio Ambiente é um bom exemplo: ou funcionam precariamente ou não funcionam (BERNA, 2004). Outro exemplo desta afirmação pode ser atestado ao ler-se o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, de onde destaco alguns princípios, a compará-lo com a realidade vivenciada pela grande maioria dos brasileiros e das brasileiras vítimas da injustiça ambiental:

1. Deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seus modos formal, não-formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade.
2. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.
3. Não é neutra, mas ideológica. É um ato político.
4. Deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar.
5. Deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas.
6. Deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente, tais como população, saúde, paz, direitos humanos, democracia, fome, degradação da flora e fauna, devem se abordados dessa maneira
7. Deve estimular e potencializar o poder das diversas populações, promovendo oportunidades para as mudanças democráticas de base que estimulem os setores populares da sociedade. Isto implica que as comunidades devem retomar a condução de seus próprios destinos.
8. Valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.
9. Deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe.
10. Deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações.
11. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.
12. Deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.⁶

Se a pobreza, o desmatamento, a erosão e a contaminação do ar são observáveis, as causas que levam a degradação ambiental nem sempre o são

⁶ Disponível no site <http://portal.mec.gov.br/secad/>. Acessado em 31/07/2008

a fazer a ponte para explicar estes problemas (p. 15), as causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação humana e ambiental e da violência podem ser identificadas no modelo de civilização dominante, que se baseia na superprodução e superconsumo para uns e subconsumo e a falta de condições para produzir para a maioria. E continua, a tarefa da EA é reconstruir uma nova ética capaz de comportar a tensividade e o diálogo, recuperando o movimento das mãos e das mentes de cada sujeito ecológico. Como lugar privilegiado para a discussão das questões ambientais, a escola pode contribuir para os elementos ensino/aprendizagem relativos à política, cidadania e ética (SEGURA, 2001). Já para Jacobi,

Ao interferir no processo de aprendizagem e nas percepções e representações sobre a relação entre indivíduos e ambiente nas condutas cotidianas que afetam a qualidade de vida, a educação ambiental promove os instrumentos para a construção de uma visão crítica, reforçando práticas que explicitam a necessidade de problematizar e agir em relação aos problemas socioambientais, tendo como horizonte, a partir de uma compreensão dos conflitos, partilhar uma ética preocupada com a justiça ambiental (2005, p. 245).

Assim sendo, é mais que necessário que a EA faça-se portadora não de respostas, mas sim de perguntas que instigarão as populações vítimas do modelo de desenvolvimento vigente no processo de quebra do ciclo de injustiça socioambiental no nosso país utilizando os mais diversos meios possíveis para este objetivo. Perguntas estas que respeitarão o exercício da cidadania e da participação daqueles e daquelas que podem transformar em ações as reflexões exercitadas por uma EA crítica e reflexiva.

2.Segunda Cena

Abrem-se as Cortinas:

A História do Teatro do Oprimido

O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos seres humanos são atores , porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos *espec-atores*. O Teatro do Oprimido é uma forma de teatro entre todas as outras.

Augusto Boal

O Teatro do Oprimido é o teatro da primeira pessoa do plural.

Augusto Boal

tória do Teatro do Oprimido

Quando realmente começou o teatro na história da humanidade? É impossível definir cronologicamente o seu nascimento, mas é possível afirmar a que finalidade ele servia no seu estágio embrionário. De acordo com Fernando Peixoto, %a desde cedo o homem sente a necessidade do jogo, e no espírito lúdico, aparece a incontida ânsia de ser outroq disfarçar-se e representar-se a si mesmo ou aos próprios deuses...+(PEIXOTO, 1981, p. 14). Ainda, segundo ele, %Pesquisadores mencionam representações litúrgicas no Egito entre 2000 e 3000 anos antes de Cri sto. Hoje dispomos de um papiro que indica um ritual de representação da morte e do esquartejamento de Osíris, Deus da terra e da fertilidade, no Egito. Data provável, 1887 A. C.+(PEIXOTO, 1981, p. 65). Esta necessidade de ritualizar os acontecimentos do cotidiano se dá porque, %Sem rituais e sem performances, a vida seria impossível: se estivéssemos condenados a ser originais a vida inteira, estaríamos condenados ao caos, não saberíamos jamais o valor dos nossos atos nem das suas conseqüências.+(BOAL, 2003, p. 75).

A palavra TEATRO vem do verbo grego *theastai* e significa ver, contemplar, olhar (PEIXOTO, 1981). Boal (2005a, p. xx) afirma que, %O teatro é isso: a arte de nos vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo!+ Já Courtney (2003, p. 17) afirma que para Nietzsche, %o teatro representa o desejo de viver do homem, seu sucesso em superar a natureza transitória da existência.+

No início, a palavra teatro apenas designava o local onde aconteciam os espetáculos, para mais tarde designar os próprios espetáculos.

É provável que os primeiros intérpretes tenham sido sacerdotes. O primeiro que tem o seu nome registrado na história do espetáculo é o grego Téripis, que em 560 A.C. teria introduzido, na dramaturgia primitiva, fundamentada no canto poético, o diálogo e o personagem+(PEIXOTO, 1981, P. 43).

Com o passar dos anos, o teatro foi criando as divisões que são a sua base atualmente: protagonista, coro, palco e espectadores. Para Augusto Boal, as classes dominantes sempre tentaram apropriar-se do teatro, percebendo o seu poder para o processo de libertação das classes oprimidas. Segundo ele,

...era o povo cantando livremente ao ar livre: o
ra o criador e o destinatário do espetáculo teatral,
podia então chamar tanto ditirâmico. Era uma
feita em que podiam todos livremente participar. Veio a
aristocracia e estabeleceu divisões: algumas pessoas
iriam ao palco e só elas poderiam representar enquanto
todas as outras permaneceriam sentadas, receptivas,
passivas: estes seriam os espectadores, a massa, o
povo. E para que o espetáculo pudesse refletir
eficientemente a ideologia dominante, a aristocracia
estabeleceu uma nova divisão: alguns atores seriam os
protagonistas (aristocratas) e os demais seriam o coro,
de uma forma ou de outra simbolizando a massa+
(BOAL, 2005b, p. 11).

Boal afirma que as classes dominantes, vendo o poder libertário do teatro,
dele se apossaram e mudaram o seu significado. O primeiro passo foi criar a
distância entre ator e o espectador. Em seguida, este processo continuou com
a criação do personagem principal (ou herói) como solucionador do conflito
apresentado em cena e a conseqüente absorção catártica pela platéia que se
vê representada pelo ator central do espetáculo em tal ato, quando %a os
expectadores ficavam tão identificados com o Protagonista, que interrompiam,
por um momento, seus próprios pensamentos e pensavam com a cabeça do
Protagonista, anesthesiavam as suas emoções e se emocionavam com as dele+
(BOAL, 2003, p. 33). Esse gesto vem sendo repetido por séculos na arte
teatral. Peixoto (1981, p. 68) assegura que, %a identificação do público com os
personagens coloca o primeiro em estado de êxtase e assim poderá atingir a
purgação (catarse) destas emoções+. Esta técnica teatral é bem explicitada no
Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles⁷ e muito utilizada até os dias atuais
pela grande mídia através da indústria de cinema estadunidense⁸ e das

⁷ O sistema trágico coercitivo de Aristóteles é um sistema de repressão na medida em que tem por finalidade, através da eliminação de algum elemento prejudicial ao equilíbrio interno da sociedade (catarse), frear o indivíduo, conter rebeliões contra o sistema político estabelecido, eliminar tudo aquilo que não é legalmente aceito, purgar as tendências agressivas do espectador, uma vez que revela o destino trágico de uma personagem que agiu contra os valores éticos da sociedade em que se encontra. (<http://geminidiz.blogspot.com/2007/09/o-sistema-trgico-e-coercitivo-de.html>).

⁸ O cinema dos Estados Unidos, além de uma forma de expressão cultural específica de um povo, é também uma das mais bem sucedidas indústrias de entretenimento do mundo. Apesar de nem todos os filmes dos Estados Unidos serem produzidos em Hollywood, a localidade tornou-se sinnimo desta indústria nacional. A influência do cinema norte-americano no resto do mundo é avassaladora e permanece, geralmente, como uma referência para o público que, em termos gerais, prefere esta cinematografia aos filmes do seu país. do mundo é avassaladora e

mplo. Nas palavras de Boal, "Este Sistema
atisfazer e eliminar tudo o que possa romper o
equilíbrio social; tudo, inclusive os impulsos revolucionários, transformadores."
(BOAL, 2005b, p. 91).

Não nos caberá aqui uma ampla explanação sobre o processo de tomada
do fazer teatral por parte da classe dominante e seu aparato ideológico, já que
este não é o intuito do nosso trabalho. É certo afirmar, porém, que durante toda
a história humana, alguns grupos se insurgiram contra as opressões utilizando-
se da arte, incluindo-se aí o teatro, pois a arte sempre foi uma forma aberta de
desafio e rebeldia e o teatro tem assumido, em diferentes períodos de sua
trajetória histórica, um papel de agente da contestação (PEIXOTO, 1981, p.
56). É também correto afirmar que, é com o teatro marxista de Erwin Piscator e
Bertolt Brecht que o papel da arte teatral retoma como processo libertário das
classes oprimidas de forma intencional e organizada (PEIXOTO, 1981). Tal fato
se deu no século XX pela influência da Dialética Marxista (RAMOS, 2008).
Brecht⁹ revoluciona o fazer teatral, pois deseja um espectador crítico
(PEIXOTO, 1981). Boal assegura que, a poética brechtiana não é
simplesmente *épica: é marxista* e, sendo marxista pode ser lírica, dramática ou
épica. (BOAL, 2005b, p. 150). Embora voltado para as questões sociais, a
técnica introduzida por este teatrólogo de origem alemã não aboliu a distância
entre os atores e os espectadores. Neste sentido, o espectador ainda se vê
representado pelo protagonista e, embora os temas desta escola teatral tragam
em seu bojo as temáticas sociais e busquem romper com os padrões de classe
social e moral dominantes, o modo de produção ainda é dominado por um
grupo de pessoas e o espetáculo não sofre a intervenção direta do público.
Sendo assim, o espectador, imobilizado, é estimulado a pensar de uma forma

permanece, geralmente, como uma referência para o público que, em termos gerais, prefere
esta cinematografia aos filmes do seu país.
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_dos_Estados_Unidos).

⁹ Eugen Berthold Friedrich Brecht (Augsburg, 10 de Fevereiro de 1898 - Berlim, 14 de Agosto
de 1956) foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. Seus
trabalhos artísticos e teóricos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo, tornando-
o mundialmente conhecido a partir das apresentações de sua companhia o Berliner Ensemble
realizadas em Paris durante os anos 1954 e 1955. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Bertolt_Brecht).

reta de pensar, a *Verdade*; quem o diz é o
o: afirma, não pergunta+(BOAL, 2003, p. 37).

Segundo Boal, «Nos espetáculos de Brecht, no entanto, a relação intransitiva entre palco e platéia permanece. O palco pertence aos personagens e aos atores. Mesmo quando o dramaturgo critica o comportamento do Personagem, quando o denuncia, é o Dramaturgo ou Ator que o fazem . não a platéia!» (BOAL, 2003, p. 36). O hiato dialogal entre o espetáculo e os espectadores continua a existir. Ainda, segundo ele,

O teatro habitual põe em contato dois mundos: o mundo da platéia e o do palco. Os rituais teatrais convencionais determinam os papéis que devem ser interpretados por uns e outros. No palco são apresentadas *imagens da vida social*, de forma orgânica, autônoma e não modificável pela platéia. Durante o espetáculo, a platéia é desativada, reduzida à contemplação, (ainda que por vezes crítica dos acontecimentos que se desenrolam no palco (BOAL, 1992, p. 54).

É somente com Augusto Boal e o seu Teatro do Oprimido, nascido na América Latina, que esta divisão é finalmente abolida e o teatro re-encontra as suas origens, trazendo de volta as pessoas como portadoras do poder de intervenção do espetáculo teatral.

No teatro convencional existe uma relação intransitiva: do palco tudo vai à sala, tudo se transporta, transfere . emoções, idéias, moral!- e nada vice-versa. Qualquer ruído, exclamação qualquer sinal de vida que faça o expectador é contramão: perigo! Pede-se silêncio para que não se destrua a magia da cena. No Teatro do Oprimido, ao contrário, cria-se o diálogo, mas do que se permite, busca-se a transitividade, interroga-se o expectador e dele se espera resposta. Sinceramente (BOAL, 1996, p. 46).

Sendo assim, os oprimidos voltam a dominar a arte teatral, que deles foi tomada por milênios, e a ter a posse dos meios de produção teatral (ROVAL; AYER, 2008). Essa tomada do fazer teatral é a essência do TO. Pois se no teatro convencional há imobilismo por parte da platéia, relegada ao plano da observação, «No Teatro do Oprimido, procura-se abater esse *imobilismo* e tornar o diálogo platéia-palco totalmente transitivo: o palco pode procurar transformar a platéia, mas a platéia também pode transformar tudo, pode tentar

maneira, as regras do jogo teatral no TO são o diálogo. Para Boal, %O que não se pode modificar absolutamente no Teatro do Oprimido são seus dois princípios fundamentais: o espectador deve protagonizar a ação dramática; e preparar-se para protagonizar a própria vida! Isso é essencial+(BOAL, 2005a, p. 343).

2.1 Como Nasceu o Teatro do Oprimido?

O Teatro do Oprimido é um método teatral criado por Augusto Boal no início da década de setenta e que começou a dar os seus primeiros passos no Brasil. Boal estudou teatro em Nova York, no início dos anos cinquenta, enquanto fazia um curso de Química Industrial. Lá entrou em contato com o Sistema Stanislavski¹⁰. De volta ao Brasil em 1955, estreou no teatro em 1956 com a peça *Homens e Ratos*. Na década de sessenta, dirigiu o famoso espetáculo *Opinião*¹¹ e foi o primeiro diretor de cantores como Maria Bethânia e Caetano Veloso. Revolucionou o teatro brasileiro naquela década com o espetáculo *Arena Canta Zumbi* e o *Sistema Curinga*¹², com o grupo paulista Teatro de Arena (ROVAL; AYER, 2008; VELOSO; 1997).

Podemos afirmar que o TO é uma metodologia que congrega sete técnicas (ver Figura 1) nascidas das necessidades pedagógicas que Boal encontrou em países onde morou ou trabalhou e que por isso foram criadas. Boal afirmava que o TO sofre a influência de Paulo Freire, Berthold Brecht, Shakespear, Moliere e uma contra-influência de Aristóteles (ROVAL; AYER, 2008).

¹⁰ Sistema Stanislavski, consiste numa série de procedimentos técnicos para a interpretação do ator e da atriz, desenvolvido na arte dramática pelo teatrólogo e ator russo, Constantin Stanislavski, no final do século XIX e começo do XX. O *sistema*, como é chamado, é um dos principais estudos para a interpretação do ator, no teatro, e é muito utilizado no cinema. http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_Stanolavski

¹¹ %Alguns meses depois da ~~revolução~~q- como era chamado oficialmente o golpe de Estado que tinha instaurado o governo militar . o musical *Opinião* reunião um compositor de morro (Zé Kéti), um compositor rural do Nordeste (João do Vale) e uma cantora de bossa nova da Zona Sul carioca (Nara Leão) num pequeno teatro de arena de Copacabana, combinando o charme dos shows de bolso de bossa nova em casa noturna com a excitação do teatro de participação política+(VELOSO, 1997, p. 72)

¹² A partir de *Opinião*, Boal inicia o ciclo de musicais no Arena, com Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo, apresentando *Arena Conta Zumbi* (1965), primeiro experimento com o *sistema curinga* ^[4] onde oito atores se revezam, fazendo todas as personagens. http://pt.wikipedia.org/wiki/Augusto_Boal

na Fórum, Boal revelou que o TO foi batizado em homenagem ao trabalho de Paulo Freire e o seu mais famoso livro, *A Pedagogia do Oprimido*.

Sim, isso foi uma homenagem que fiz a ele. Porque três ou quatro anos antes o Paulo Freire tinha escrito a *Pedagogia do Oprimido* e eu havia adorado o título, pensei em colocar o nome do meu livro de *A Poética do Oprimido*. Mas o meu editor, que era argentino . porque era 1974 e ainda estava exilado - argumentou que não podia ser este título porque os livreiros diziam que não sabiam onde iriam colocar, em que estante. Se colocavam na estante de poesia ou de teatro... Foi o Daniel Diniz, o editor, quem sugeriu *Teatro do Oprimido*. Agora essa nossa relação não quer dizer que o Teatro do Oprimido tenha sido originado a partir da pedagogia do Oprimido (ROVAL; AYER, 2008, p. 9).

Foi um longo processo de mais de trinta anos. Atualmente, o TO está presente em mais de setenta países (ROVAL; AYER, 2008) e em cinco continentes¹³. Sua metodologia torna possível praticá-lo em uma vila rural africana e na cosmopolita Nova York, obviamente com discursos e temáticas diferentes, pois está a serviço da universalização do saber e do bem comum, baseando-se no respeito às especificidades das identidades locais, e em radical oposição à uniformização que massifica+ (SANTOS, 2008, p. 75). Os Grupos de Teatro do Oprimido . GTOs - mais organizados estão conectados em rede pela Associação Internacional de Teatro do Oprimido . AITO . sediado em Paris. No Brasil, o Centro de Teatro do Oprimido . CTO . localizado na cidade do Rio de Janeiro, é o responsável pelo treinamento dos multiplicadores¹⁴ e dos curingas comunitários¹⁵ no Brasil.

Se no seu início o TO trabalhava temáticas relacionadas com a questão das opressões de classe e contra as ditaduras militares na América Latina. Nos últimos anos, o TO revelou-se como uma importante ferramenta pedagógica para a discussão dos mais abrangentes problemas enfrentados pela população

¹³ Cf. o site da Associação Internacional do Teatro do Oprimido - AITO- www.theateroftheoppressed.org.

¹⁴ oAtivista sócio-cultural, oriundo de Pontos de Cultura, grupos culturais, movimentos sociais e organizações sócio-culturais, que utilizam o TO como instrumento de trabalho e de comunicação - lúdico e eficaz - na atuação comunitária, para dinamizá-la e diversificá-la e para ampliar o seu raio de ação (BOAL, 2008, p. 11).

¹⁵ oÉ o facilitador do TO, um especialista na metodologia, um artista com função pedagógica, capaz de ministrar oficinas e cursos, coordenar e dirigir grupos de TO, e mediar o diálogo entre o elenco e a platéia nas sessões de Teatro Fórum (SANTOS, 2001, p. 8).

des (2005, p. 20), "Hoje são novos os tipos de novos repertórios.+ Há grupos de TO nas prisões, nos acampamentos de trabalhadores sem terra, nos manicômios e nas escolas. Há grupos discutindo a questão da visibilidade da diversidade sexual e questões como o racismo e o sexismo, além das questões ambientais. Sendo assim, existe uma busca pelo conhecimento destas técnicas de fácil aplicação e compreensão por parte das populações oprimidas pelos mais diversos fatores, mas principalmente porque, "O TO é um método lúdico e pedagógico, um instrumento eficaz de comunicação e de busca de alternativas concretas para os problemas reais, através de meios estéticos. Cria condições para que o oprimido se aproprie dos meios de produzir teatro e assim amplie suas possibilidades de expressão+ (SANTOS, 2008, p. 75). Por não impor uma temática e respeitar os limites de cada grupo, torna-se, assim, de fácil acesso para qualquer ser humano que tenha o desejo de liberta-se de uma opressão de forma não violenta. "O Teatro do Oprimido, em suas diversas modalidades, é uma constante busca de formas dialogais, formas de teatros que possam conversar, sobre e com a atividade social, a pedagógica, a psicoterapia, a política+(BOAL, 1996, p. 9).

O nascimento do TO como sistema teatral se deu em 1971, no Brasil, com o Teatro Jornal (BOAL, 1996). "Todo o sistema do Teatro do Oprimido foi desenvolvido em resposta a um momento político, bastante particular e concreto. Quando em 1971, a ditadura no Brasil tornou impossível a apresentação de espetáculos populares sobre temas políticos, começamos a trabalhar com as técnicas do Teatro Jornal+(Boal, 2005a, p. 42). Esta técnica consistia em ir para os espaços públicos e denunciar a ditadura militar brasileira ao recriar as versões jornalísticas que eram publicadas, nos jornais de então, com os fatos verdadeiros e confrontar a censura imposta à imprensa da época. Na verdade, a técnica do Teatro Jornal já havia sido experimentada nos Estados Unidos nos anos trinta com o nome de "Living Newspaper"+ (PEIXOTO, 1981).

A atuação de Boal com grupos de oposição ao regime ditatorial brasileiro, fez com que ele fosse preso e torturado pelos militares. Salvo pelo apoio e pressão de amigos e amigas de várias partes do planeta, ele partiu para o exílio na Argentina.

criou o Teatro Invisível, idéia originada com o seu espetáculo *Teatro Invisível* (PEIXOTO, 1981).

Esta técnica consiste em apresentar uma cena para espectadores que não sabem que estão assistindo a uma encenação. Atores e atrizes são espalhados no meio do público e atuam de forma a ativar as reações da audiência com comentários e perguntas feitos de forma que pareçam vindos de pessoas comuns. De acordo com Boal, *No Teatro Invisível*, o espectador torna-se protagonista da ação, um espectador sem que, entretanto, disso tenha consciência. Ele é o protagonista da realidade que vê, mas ignora a sua origem fictícia: atua sem saber que atua, em uma situação que foi, em seus largos traços, ensaiada... e que não teve a sua participação (BOAL, 2005a, 27). Como a polícia não sabia tratar-se de uma encenação, os atores e atrizes não poderiam ser presos. *O Teatro Invisível surgiu porque eu não queria ser preso e tinha que me esconder em cena. E com o Teatro Invisível isso é possível* (ROVAL; AYER, 2008, p. 9). Com a chegada dos militares ao poder na Argentina, Boal mudou-se para o Chile.

Enquanto morava no Chile, Boal começou a trabalhar com indígenas no México, Colômbia, Venezuela e Peru. Com a dificuldade para comunicar-se em um idioma indígena, surgiu a idéia de trabalhar com a linguagem corporal (ROVAL; AYER, 2008). Nascia então o Teatro Imagem. *A assim chamada imagem de transição*, tinha por objetivo ajudar os participantes a pensar com imagens, a debater um problema sem o uso da palavra, usando apenas os seus próprios corpos (posições corporais, expressões fisionômicas, distâncias e proximidades etc.), e objetos (BOAL, 2005a, p. 5).

2.2 O Teatro Fórum e a Radicalização do Fazer Teatral

Foi utilizando o teatro em uma campanha de alfabetização no Peru, em 1973, que Boal começou a desenvolver uma técnica teatral que naquele momento chamou de Dramaturgia Simultânea (BOAL, 2005b e 1992). Assim nasceu o Teatro Fórum (TF), a mais utilizada das técnicas do TO e que, por isso mesmo, terá o seu detalhamento de forma mais profunda neste trabalho.

Boal,

Consistia basicamente nisto: apresentávamos uma peça contendo um problema ao qual queríamos encontrar uma solução. O espetáculo se desenvolvia até o momento da crise, até o momento em que o Protagonista devia tomar uma decisão. Aí parávamos e perguntávamos aos espectadores o que deveria ele fazer. Cada um dava a sua sugestão. E os atores, no palco, improvisavam uma por uma, até que todas as sugestões se esgotassem (BOAL, 1992, p 19).

Era um grande avanço no fazer teatral, mais o domínio ainda estava com os donos do palco. Porém, em uma de suas oficinas realizadas na periferia de Lima, capital peruana, uma mulher propôs uma discussão para a solução do problema apresentado em um espetáculo que lidava com a questão do machismo e da traição conjugal. Não satisfeita com o modo como os atores e as atrizes estavam atuando para representar as suas sugestões, a referida espectadora subiu ao palco e demonstrou, ela mesma, como a cena deveria acontecer. Naquele momento Boal percebeu que era possível uma maior interação entre público e a platéia (BOAL, 2003). Em suas palavras, «Esta forma de teatro produz uma grande excitação entre os participantes: começa-se a demolir o muro que separa atores e espectadores» (BOAL, 2005b, p. 202).

A técnica do TF propõe a radicalização da participação popular nos espetáculos teatrais. Esta radicalização pode ser o veículo para as transformações almejadas. Para Boff (1994, p. 74), «Precisamos sim de revoluções para realizarmos as transformações necessárias. Mas o caminho para realizar estas transformações são hoje diferentes. Não bastam as transformações estruturais: precisamos transformar também as subjetividades, pessoais e coletivas». Pois de nada adianta mudar um sistema político, se não houver mudança de comportamento. A participação espontânea em um espetáculo de TF pode proporcionar o início de uma reflexão sobre a necessidade de modificar um determinado procedimento opressor frente a outras pessoas ou a natureza.

É importante ressaltar que, destacar o TF, não significa deixar de utilizar, de forma alguma, as outras técnicas criadas por Boal e que possam facilitar as oficinas lúdico-pedagógicas com os participantes de um GTO, a exemplo do Teatro do Invisível ou do Teatro Imagem, mas sem dúvida alguma, «Esta

isto Boal durante os anos de 1970, após sociais durante a década de 1960, é a mais radical na socialização dos meios de produção teatral, pois rompe completamente a barreira entre palco e platéia.+ (COLETIVO NACIONAL DE CULTURA, 2006, p. 19).

Boal afirma que: %O Teatro Fórum é um tipo de luta ou jogo, e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer+ (BOAL, 2005a, p. 28). Já para Barbara Santos, Diretora do CTO-Rio, o TF é um,

Espetáculo baseado em fatos reais, no qual os personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus respectivos desejos e interesses. Nesse confronto, o oprimido fracassa e o público é convidado, pelo Curinga, a entrar em cena, substituir o personagem protagonista e buscar alternativas para o problema encenado (SANTOS, 2000, p. 8).

A base da práxis pedagógica do TF consiste em levar o espectador, chamado por Boal de *espect-ator* de uma postura passiva de observador do espetáculo para ter a possibilidade de atuar na peça teatral e propor uma solução para um conflito apresentado. O *espect-ator*, torna-se assim um participante ativo do processo artístico de criação e apropria-se do meio de produção teatral. Segundo Boal, %O espectador, ser passivo, é menos que um homem e é necessário re-humanizá-lo, restituir-lhe sua capacidade de ação em toda a sua plenitude. Ele deve ser também o sujeito, um ator, em igualdade de condições com atores, que devem por sua vez ser também espectadores+ (BOAL, 2005b, 236). Ainda, segundo ele, %Em uma sessão de Teatro do Oprimido não há *espectadores*, mas *observadores ativos*+ (BOAL, 1992, p. 53).

Boal afirma que, %*Todo oprimido*¹⁶ é um subversivo submisso. Sua submissão é seu *tira*¹⁷ na cabeça, sua introjeção. Não obstante, apresenta também outro elemento, a subversão+ (BOAL, 1992, p. 55). Essa possibilidade

¹⁶ O oprimido só chega a esta condição quando começa a questionar a situação de opressão a que é submetido. Segundo Boal. %O *oprimido* não se define em relação a si mesmo (a não ser nas técnicas introspectivas do *Arco-íris do Desejo*), mas em relação ao *opressor*. O oprimido é aquele que pergunta: o que você faria em meu lugar?+ (BOAL, 2003, p.186)

¹⁷ Gíria para designar policial.

r¹⁸ encenado é totalmente factível através do

O espect-ator é convidado a entrar na encenação, assumindo o lugar de um dos atores e assim mudar o destino do oprimido, já que: %A poética do oprimido é essencialmente uma Poética de Liberação: o expectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O expectador se libera: pensa e age por si mesmo! *Teatro é ação!*+(BOAL, 2005b, p. 237). Há uma ruptura do meio de produção teatral no momento exato desta intervenção e essa ruptura é a base do TO. Esta intervenção se dará por uma relação de empatia com o oprimido. A principal característica desta forma de teatro é a quebra entre palco e platéia, além da possibilidade de reabilitar o protagonista¹⁹ oprimido (COLETIVO NACIONAL DE CULTURA, 2007). De acordo com Boal,

Para que uma sessão de Teatro Fórum seja realmente Teatro do Oprimido, é evidente que apenas os espectadores vítimas do mesmo tipo de opressão experimentado pelo personagem (por identidade ou por intensa analogia) poderão substituir o protagonista-oprimido para tentar novos caminhos ou novas formas de libertação. Só assim tem sentido essa tentativa: o espectador (tão oprimido quanto o personagem) estará se exercitando para a ação real na sua vida real (2005a, p. 340).

A solução para o problema poderá não aparecer. Na verdade, %O Teatro Fórum não propõe mensagens ou soluções. Possibilita aos espectadores e atores experimentar alternativa a situações propostas dentro de uma perspectiva de transformação social+(PENNEC, 2001, p. 49). As intervenções serão questionadas e dificultadas pelo %opressor+e pelo curinga, assim outros espectadores terão a oportunidade de substituir o protagonista e exercitar a capacidade de liberdade inerente a todos os seres humanos. Porém, por mais que o problema não pertença ao espec-ator, ele pode intervir ajudando os

¹⁸ Aquele que se utiliza de pressão psicológica, agressão física, humilhação, etc. como maneira de impedir que o desejo do oprimido seja realizado.

¹⁹ Figura de destaque no espetáculo. Tépís é considerado o primeiro ator, pois foi o responsável pela invenção do respondedor ao coro e ao corifeu. Além disso, substituiu a máscara animal dos sátiros pela máscara humana, introduziu a máscara feminina e dramatizou temas míticos e históricos. (PEIXOTO, 1981, p. 67; BOAL, 2003, p. 25)

problemas (CHEMBENE, 2008). O essencial é o que uma sessão do teatro Fórum,

Não deve terminar nunca. Como o objetivo do Teatro do Oprimido não é o de terminar um ciclo, provocar uma catarse, encerrar um processo, mas, ao contrário, promover a auto-atividade, iniciar um processo, estimular a criatividade transformadora dos espect-atores, convertidos em protagonistas, cumpre-lhe, justamente por isso, iniciar transformações que não devem determinar no âmbito do fenômeno estético, mas sim transferir-se para a vida real (BOAL, 2005a, p. 345).

Algumas regras básicas para que um espetáculo de TF seja exitoso são sugeridas por Augusto Boal em seu livro *Jogos para Atores e Não-Atores*. Citaremos, de forma resumida, algumas delas:

- 1-O texto deve caracterizar claramente a natureza de cada personagem, para que o espect-ator reconheça a ideologia de cada um;
- 2-As soluções apresentadas pelo protagonista devem conter pelo menos uma falha política ou social, assim os espect-atores serão estimulados a encontrar uma solução;
- 3-A peça pode ser de qualquer gênero, exceto surrealista ou irracional. O objetivo é discutir situações concretas usando a linguagem teatral;
- 4-Os atores devem exprimir com clareza, através dos seus movimentos e gestos, a ideologia, o trabalho, a função social, etc.;
- 5-Cada cena deve encontrar a expressão exata do tema abordado;
- 6-Cada personagem deve ser representado visualmente, independente do seu discurso. O figurino deve conter elementos essenciais ao personagem;
- 7- O curinga deve explicar aos espectadores as regras do jogo e fazer alguns exercícios de aquecimento;
- 8-As cenas devem conter o conflito que se deseja resolver, a opressão que se deseja combater;
- 9-Pergunta-se aos espect-atores se eles estão de acordo com as soluções propostas pelo protagonista. Provavelmente eles dirão que não. Informa-se que o espetáculo será reapresentado e que os espect-atores terão a chance de modificá-lo;
- 10- Informa-se aos espectadores que o primeiro passo é tomar o lugar do protagonista quando este estiver cometendo um erro. O espectador deve aproximar-se da cena e gritar "Bárá!+". Os atores deverão congelar a cena. O espect-ator deve dizer onde quer que a cena seja recomeçada.

ator substituído não ficará totalmente fora do jogo, de encorajar o espectador e corrigi-lo, caso ele realmente se engane em algo essencial;

12-A partir do momento em que o espectador toma o lugar do protagonista e propõe uma solução, todos os outros atores se transformam em agentes de opressão. O jogo consiste nesta luta entre o espectador - que propõe uma solução - e os atores que tentam oprimi-lo;

13-O objetivo do fórum não é ganhar, mas é permitir que aprendamos e nos exercitemos. Os espectadores, pondo em cena suas idéias, exercitam-se para a vida real;

14-Se o espectador esgota as ações que tinha planejado, sai do jogo. O espetáculo caminhará normalmente para o final conhecido. Um outro espectador poderá se aproximar da cena e dizer "Basta!" e indicar onde quer que a cena seja retomada. A peça recomeçará sempre do ponto em que o espectador desejar. Após cada intervenção, o curinga deverá fazer um resumo de cada alternativa proposta perguntando se alguém na plateia discorda;

15- Ninguém deve imaginar soluções miraculosas. (BOAL, 2005a, pp. 28 a 33)

A base para um espetáculo do TF é um conflito bem arquitetado que seja claro para os espectadores. Segundo Courtney (2003, p. 110), "O conflito produz tensão emocional; com a pessoa criativa, as idéias livremente emergentesqbrotam do inconsciente e são aceitas;+É, em resumo, um conflito gerador de idéias e que pressupõe uma descarga de criatividade motivada pelas emoções geradas por ele e, então racionalizadas, pois é necessário que a emoção tenha sentido+(ARAÚJO, 2005, p. 68).

É preciso diferenciar opressão de agressão. Um espetáculo de TO não deve apresentar cenas onde a fatalidade seja o ponto reinante na encenação. Agressão é o último estágio da opressão e, muitas vezes, uma situação opressiva não é necessariamente de ordem física (BOAL, 2005a). O espectador não se sentirá estimulado a intervir em uma cena de opressão em que o oprimido está prestes a morrer. É preciso que o protagonista tenha possibilidade de vencer. Se, pelo contrário, o protagonista for inexoravelmente fadado ao fracasso, devido à sua fraqueza inata ou por causa da extrema disparidade das forças em conflito, não sejamos masoquistas: não trabalhemos teatralmente uma cena que com certeza nos levará ao desespero+ (BOAL, 1992, p. 72).

Boal acredita que o teatro pertence a todos os seres humanos. A profissão teatral, que pertence a poucos, não deve jamais esconder a

ação teatral, que pertence a todos. O teatro é
dos os seres humanos+ (BOAL, 1992, p. 28).

Para ele,

Mais claro ainda ficou para mim uma verdade: quando é o próprio espectador que entra em cena e realiza a ação que imagina, ele o fará de uma maneira pessoal, única e intransferível, como só ele poderá fazê-lo e nenhum artista em seu lugar. Em cena, o ator é um intérprete que, traduzindo, trai. Impossível não fazê-lo (BOAL, 1992, p. 22).

O TO tem uma de suas bases na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, de quem Boal recebeu influência (BOAL, 2005b). Freire (1998, p. 79) afirma que: *“lá agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”*. Nesse sentido, o diálogo promovido pelo TF pretende ser fecundo e libertador e, sendo assim, educador na linha Freiriana, onde há a abertura para que todos exponham suas idéias. Serão os espect-atores, através de um diálogo franco e honesto, onde não se permite a violência física ou verbal contra a figura do opressor, que solucionarão os conflitos através de intervenções em cenas específicas escolhidas por aqueles que desejarem participar do processo.

Os jogos e os exercícios criados e elaborados por Boal buscam a desmecanização do corpo, engessado pelos ritos e rituais da sociedade moderna. Eles *“apresentam um tipo de conhecimento que é adquirido pelos sentidos e não apenas pela razão”* (ARAÚJO, 2005, p. 71). Esses jogos ajudam a redescobrir os sentidos para que o praticante volte a entrar em contato com eles. Os jogos e exercícios estão assim divididos no TO:

- O tocar (um ato puramente corporal, biológico) e o Sentir (um ato da consciência). Ficamos insensíveis ao toque, por isso para que o corpo humano livremente produza teatro é preciso estimulá-lo, desenvolvendo exercícios que ajudem a se sentir tudo o que se toca;
- Escutar e ouvir. Precisamos nos exercitar para que ouçamos tudo o que escutamos;
- Olhar e ver. Deixamos passar despercebidos milhares de formas, traços, superfícies, volumes em movimento, pois selecionamos os estímulos a partir de nossa forma de estar no mundo. Precisamos, portanto, fazer exercícios para ver tudo aquilo que olhamos (ARAÚJO, 2005, p. 71).

eira,

Os exercícios visam a um melhor conhecimento do corpo, seus mecanismos, suas atrofias, suas hipertrofias, suas capacidade de recuperação, reestruturação, re-harmonização. O exercício é uma *reflexão física* sobre si mesmo. Um monólogo, uma introversão.

Os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagens. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor, são *extroversão* (BOAL, 2005a, p. 87)

Há em todos eles a intenção de estimular os sentidos da memória e as inter-relações. Enquanto os exercícios ajudam a perceber o corpo, principal instrumento do ator e da atriz, os jogos são essenciais para o processo da aprendizagem, pois é alimento dialógico para a liberdade criadora. Para Boal (2003, p. 167), "Todo jogo é um aprendizado de vida; todo jogo teatral, um aprendizado de vida social; E os jogos do Teatro do Oprimido, um aprendizado de cidadania."

2.3 Um Teatro em Busca do Futuro

Com o golpe militar no Chile que levou Augusto Pinochet ao poder, Boal mudou-se para Lisboa e depois para Paris, onde elaborou o método teatral de terapia *Arco-íris do Desejo*. Este método consiste em trabalhar os traumas internos através de psicodramas. Habitado a lidar com opressões concretas como fome, concentração de terra, crianças pedintes, etc. Boal começou a receber em suas oficinas pessoas que eram oprimidas pela solidão ou pelo medo do vazio. Ele relata como nasceu mais esta técnica que veio a compor a metodologia do TO.

Pouco a pouco eu fui mudando de idéia, fui percebendo que em países como a Finlândia e a Suécia, por exemplo, onde as necessidades básicas do cidadão já estão mais ou menos bem satisfeitas no que toca à moradia, saúde alimentação, à segurança social, nesses países o percentual de suicídios é muito mais elevado do que em países como os nossos do terceiro mundo. Por aqui, morre-se de fome; por lá, de overdose, pílulas, lâminas e gás. Seja qual for a forma, é sempre morte. E imaginando o sofrimento de alguém que prefere morrer a continuar com o medo do vazio ou angústias de solidão, fui-me obrigado a trabalhar com essas novas opressões e aceitá-las como tais (BOAL, 1992, p. 23).

descobre que as opressões são internalizadas e
ar-se se houver um desejo para combatê-las.
É este desejo que fará com que a pessoa oprimida busque a ajuda necessária
para a sua libertação.

A volta ao Brasil, em 1986, para trabalhar na multiplicação das técnicas do TO em um projeto financiado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, leva Augusto Boal a ser eleito vereador da capital fluminense. A necessidade de manter um diálogo com o povo fez com que ele adaptasse o Teatro Fórum e o transformasse em Teatro Legislativo. Segundo o próprio Boal, %o Teatro Legislativo é um novo sistema, uma forma bem mais complexa, pois inclui todas as formas anteriores do TO e mais algumas, especificamente parlamentares+ (BOAL, 1996, p. 9) Embora não tenha sido reeleito para um outro mandato, a experiência mostrou que é possível usar o teatro como mecanismo de diálogo com a população em busca de uma cidadania plena.

O ciclo de técnicas criadas por Augusto Boal encerra-se com o estudo da *Estética do Oprimido* em contraposição a estética do consumo tão em voga em nossos dias. Boal define a Estética do Oprimido como %todas as atividades baseadas na Imagem, no Som e na Palavra, que integram o arsenal do Teatro do Oprimido e visam estimular a descoberta das potencialidades criativas dos oprimidos+, e acrescenta, %não pretende a Multiplicação de Cópias, nem a reprodução da Obra, ou a vulgarização do produto artístico+(BOAL, 2008, pp. 11 e 14). De acordo com ele, é preciso rever as nossas opções enquanto produtores e consumidores de arte. É urgente criar alternativas libertadoras das opressões estéticas impostas por um sistema que privilegia um modelo dominante vindo das classes médias altas da Europa e dos Estados Unidos.

Segundo Courtney (2003, p. 159), %o teatro é apenas um dos aspectos da sociedade, mas um aspecto vital.+ Embora Augusto Boal tenha morrido no dia 02 de maio de 2009, é certo que os multiplicadores do TO e os curingas continuarão a criar novas, e a recriar antigas técnicas na busca por uma sociedade social e ambientalmente justa onde o teatro esteja a serviço da transformação da sociedade e de um planeta saudável. Pois, %o Teatro do Oprimido transita constantemente entre a vida e a ficção, entre a realidade viva e a que podemos inventar, entre o passado e o presente, mas sobretudo invade o futuro+(BOAL, 2003, p. 77)

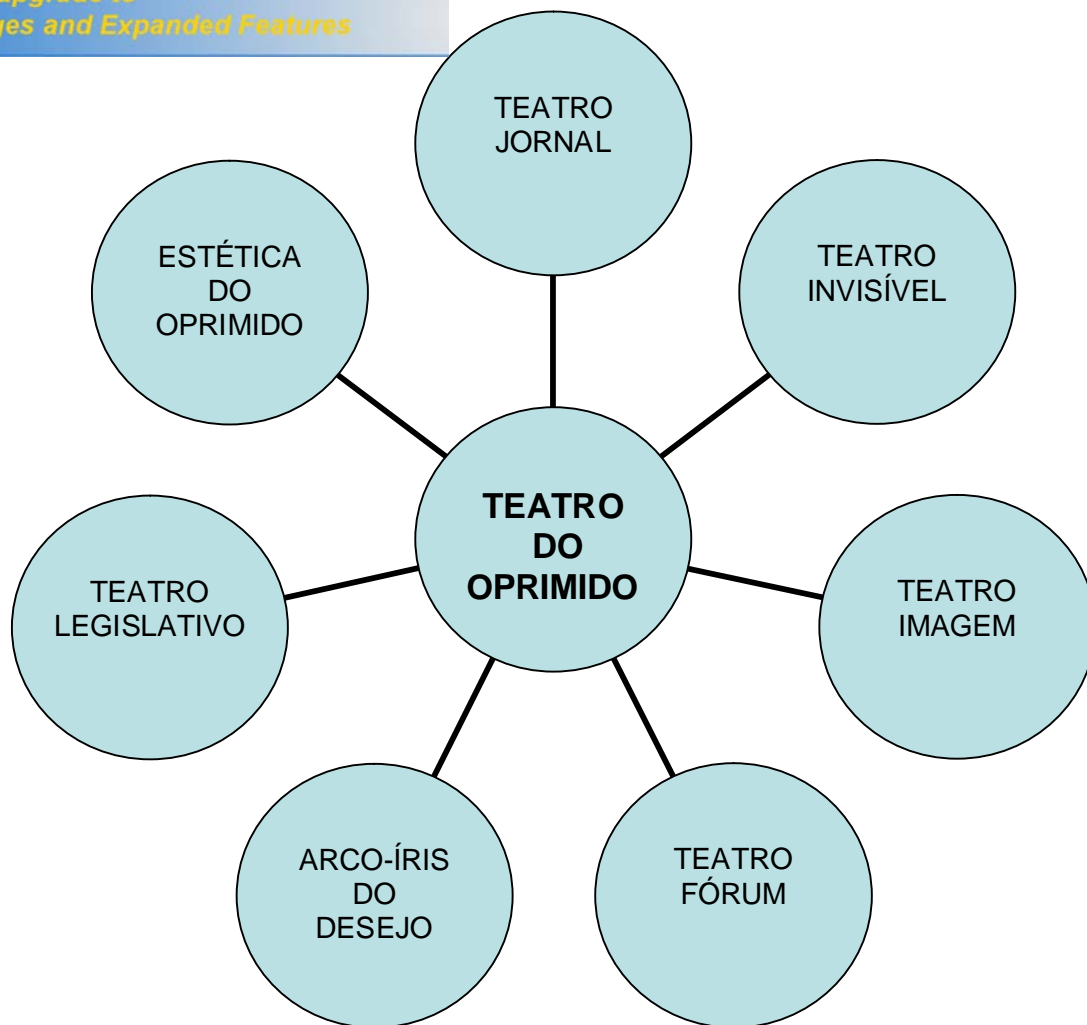


Figura 1. O Teatro do Oprimido e suas técnicas. (Fonte: Flávio José Rocha da Silva)

3. Terceira Cena

O Teatro do Oprimido como Proposta Pedagógica para uma Educação Ambiental Crítica

Somos seres vivos: precisamos de ar, água e terra. O ar está poluído pela fumaça, a água contaminada pelos detritos industriais, e a terra cercada de arame farpado e muros. E nós... não dizemos nada?

Augusto Boal

Educar é substantivamente formar.

Paulo Freire

A arte tem se constituído em uma forte aliada na luta pelo cuidado com a nossa casa comum; visto que tem feito parte de nossas vidas há pelo menos 40 mil anos. Hoje a encontramos em muros, paredes, outdoors. Saindo de ambientes fechados e sagrados como igreja, museus, galerias e residências+ (TOUSO, 2000, p. 26). Ela é parte da história da espécie humana na Terra, pois a arte é imanente a TODOS os homens e não a apenas alguns eleitos+ (BOAL, 2005b, p. 167). A necessidade de se expressar das maneiras mais diversas, faz do ser humano um ser artístico que usa a sua potencialidade criativa para expor os seus sentimentos, ou traduzir uma realidade que ainda não encontrou palavras para ser descrita por meio da pintura, do desenho, da escultura, etc. (GOLDBERG, 2006). Ela é, pois, o instrumento materializador desta necessidade inerente a própria sobrevivência humana. Segundo Boal (2003, p. 44), qualquer arte, é sempre um conjunto de sistemas sensoriais que permitem aos seres humanos . e só a eles! . fazer representações do real+ (2003, p. 44). Já nas palavras de Tolstoi (2002, p. 76),

A arte não é, como dizem os metafísicos, manifestação de uma idéia misteriosa, ou beleza, ou Deus; não é, como os esteto-fisiologistas dizem, uma forma de brincar em que o homem libera um excedente de energia estocada; não é a manifestação de emoções por meio de sinais exteriores; não é a produção de objetos agradáveis; não é, acima de tudo, o prazer; é, sim, um meio de intercâmbio humano, necessário para a vida e para o movimento em direção ao bem de cada homem e da humanidade, unindo-os em um mesmo sentimento.

No rol das expressões artísticas podemos ressaltar o teatro com destaque no processo educativo formal e informal. Courtney (2003, p. 123) afirma que o teatro é a mais velha de todas as artes . a representação, como movimento dançado, personificando um espírito, um animal ou um homem.+O teatro é um meio privilegiado para externar os nossos desejos, e nós somos os nossos desejos (BOAL, 2003). Ele é acessível a todas as classes sociais e formações culturais. A diferença fundamental entre o teatro e as outras formas de arte é a presença de um grupo de espectadores. A pintura, a escultura, etc. exigem

ência. No teatro, a presença do público e pré-
de fato (COURTNEY, 2003).

O teatro foi o único instrumento de prazer intelectual das multidões por cinco séculos, já que entre os séculos IX e XV a Igreja dominava o sistema educacional. Influenciada por Platão, que dizia que o teatro poderia trazer a tona instintos transgressores, a Igreja proibiu a apresentação de espetáculos em seus domínios (embora estes acontecessem às escondidas) por muitos séculos. Mais tarde, Tomás de Aquino, influenciado por Aristóteles, recomendou que se utilizasse o teatro para formar o caráter dos fiéis, já que estes eliminariam os sentimentos impuros através do processo catártico, purgando as emoções. (COURTNEY, 2003). É só na metade do século XIX que o teatro começou a ter uma participação mais efetiva na educação. O mesmo autor afirma que,

Além do mais, o próprio teatro foi um importante instrumento educacional na medida em que disseminava o conhecimento e representava, para o povo, o único prazer literário disponível. Os dramaturgos eram considerados pelos professores tão relevantes quanto Homero, e eram recitados de maneira semelhante. O teatro, em todos os seus aspectos, foi a maior força unificadora e educacional do mundo ático (2003, p, 5).

A experiência com teatro no Brasil não foi trazida com os europeus. Segundo Courtney (2003, p. 188-189), a população indígena primitiva possuía suas tradições dramáticas que se embasavam nas religiões pagãs, e foi sobre estas que estas se estabeleceram as influências vindas de além-mar. Os indígenas teatralizavam, através dos rituais, suas vivências com o mundo natural.

No caso da relação entre teatro e educação no Brasil, os sacerdotes católicos, em especial os Jesuítas, utilizaram os espetáculos para o processo educacional, conquistar os nativos brasileiros e catequizá-los. Também Paulo Freire já tecia comentários no seu livro clássico *A Pedagogia do Oprimido* sobre os resultados positivos empregados em a sua técnica pedagógica com as dramatizações (FREIRE, 1998). Para Sant'Anna e Menegolla (2002), a dramatização constitui uma das mais antigas e evoluídas formas de

dos mais aperfeiçoados instrumentos de

Atualmente, o teatro é ensinado como disciplina nas escolas ou como parte das atividades extracurriculares. Há cursos universitários para o estudo do fazer teatral e ele é até mesmo visto como parte essencial do mercado da cultura. Porém, o teatro ainda é uma realidade distante das classes menos favorecidas, como foi possível constatar em nossa pesquisa. Como recurso pedagógico, o espetáculo teatral é extremamente conveniente para as comunidades mais carentes. Concordamos com Fialho (1998, p. 15) quando ela afirma, "Quando nos referimos ao teatro como recurso didático, por excelência propomos: educação par a uma verdadeira liberdade criadora".

3.2 Teatro e Educação Ambiental

A crise ambiental exige novas formas de exercitar a educação no que concerne à busca de alternativas para forjar sujeitos que modifiquem e multipliquem novas práticas comportamentais na relação entre espécie humana e meio ambiente (RUSS; ALMEIDA; SAVI, 2009; GOLDBERG, 2006). Um dos caminhos apontados para subverter a ordem cartesiana da educação é a presença das várias formas de expressões artísticas no processo de aprendizagem. Araújo e Pasquarelli afirmam que,

As artes e a religiões desenvolveram caminhos para integrar o ser humano com o cosmos. Cada uma delas em seu contexto cultural e histórico, a seu modo. Nosso papel talvez seja o de resgatar e re-significar esses conhecimentos para nos re-encontrarmos com o mundo e, através da educação, ajudarmos outras pessoas a se re-encontrarem (2007, p. 328).

A arte é uma forte aliada no processo educativo. Para Moraes e Sato (2008, p. 2050), "A arte-educação e a Educação Ambiental por serem muito semelhantes trabalham juntas na transformação do homem, por isso, estão sempre ligadas numa estreita relação, sendo a linguagem artística natural ao desenvolvimento do ser humano". Ela pode estreitar a distância entre os conhecimentos científicos e o cidadão comum e ajudar na sensibilização dos problemas ambientais (GOLDBERG, 2006).

aremos mais especificamente do teatro como instrumento. O teatro é acessível a todas as classes sociais e formações culturais. Seu poder como instrumento na EA está em utilizar a imaginação e a criatividade na busca pela facilitação das idéias e das explicitações dos conceitos tratados por especialistas e que muitas vezes não são tão fáceis de entender, seja o ser humano alfabetizado ou não.

O nascimento do teatro se dá com a necessidade que o ser humano tem de ~~%~~ ser outro+ e representar os deuses ou os animais que iriam ser caçados para a sua sobrevivência (PEIXOTO, 1981; COURTNEY, 2003), trazendo assim, uma relação desta expressão artística, desde sua criação, com a natureza. Logo, esta afinidade não é algo novo, embora se revista de outros conteúdos em nossos dias.

São muitas as vantagens de se utilizar o teatro como um instrumento na EA. A primeira é o exercício metodológico lúdico e a possibilidade de ter a participação de todos, mesmos daqueles e daquelas que estão presentes no ato apenas como espectadores, pois mesmo assim, respondem com suas emoções como o choro, a risada, as expressões faciais as mais diversas, etc. A segunda, é a maneira de expressar o mesmo discurso que seria usado em uma aula expositiva de forma diferente e, assim, possibilitar novas formas de educar. Os jogos teatrais são facilitadores da aprendizagem e, como afirma Boal,

Esta é a forma mais natural de aprendizagem e a mais arcaica, pois a criança aprende a viver por meio do teatro, brincando, interpretando personagens. Os jogos teatrais sintetizam as antitéticas disciplina e liberdade . todo jogo tem regras claras que devem ser obedecidas; mas, mesmo obedecendo a regras, a invenção é livre, a criação necessária, e a inteligência pode e deve ser exercida (2003, p. 166).

O teatro também leva a vantagem de poder ser adaptado para os diferentes espaços, já que não há a obrigatoriedade de um espetáculo ser exibido em um palco convencional. Sendo assim, basta uma idéia que configure uma história geradora de conflito, para ganhar a atenção do expectador. Boal comenta sobre a necessidade do conflito no teatro desta maneira,

O filósofo Helgel responde: ~~%~~ a essência do teatro é o conflito de vontades livres!+ Isto é: um personagem é uma vontade em movimento, uma vontade em busca de

...satisfação, do seu objeto, mas que não obtém de
to: é o exercício de uma vontade que colide,
com outras vontades, igualmente e opostas
(1996, p. 83).

O que não nos falta são conflitos ambientais de todas as características. São muitas as vítimas humanas e não humanas de um modelo de desenvolvimento destruidor. Portanto, é fácil montar espetáculos teatrais com base nesta temática.

Na EA, a relação com o teatro vem sendo aprofundada cada vez mais, já que a maioria das vítimas da injustiça ambiental através da poluição, inundações, etc. são também pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar o ensino formal e, por isso mesmo, não sabem ler ou escrever. Sendo assim, nada melhor do que o teatro para formar cidadãos e cidadãs com seus direitos negados e deveres desconhecidos para o exercício pleno da cidadania.

A arte teatral vem sendo um instrumento eficaz nas diversas tendências da EA em decorrência do uso dos jogos e brincadeiras que podem ser introduzidos com ela e, na atividade lúdica, o que importa não é apenas o produto da atividade, mas a própria ação, o momento vivido+ (ABÍLIO, 2008, p. 344). O teatro como modalidade didática pode acelerar a consciência pela necessidade de mudança de postura a ser adotada por integrantes de uma sociedade cada vez mais vítima de um sistema consumista e degradador da vida no planeta e que, apesar de um discurso midiático que coloca a questão ambiental com um enfoque catastrófico, ainda não se deu conta da seriedade de tal situação.

3.3 O Teatro do Oprimido como Proposta para uma Educação Ambiental Crítica

Em sua gênese o TO é antropocêntrico e foi criado para discutir as injustiças sociais. Era um tempo de ditaduras militares na América Latina e as liberdades políticas eram tolhidas dos cidadãos que discordassem dos regimes autoritários. Foi nesse ambiente que Augusto Boal começou a usar o teatro para denunciar as opressões contra os trabalhadores e a censura contra as expressões artísticas. O debate sobre as questões ambientais ainda estava

...s de então. Nos últimos anos o TO tem sido abordagem: a Educação Ambiental. Embora entendamos que a luta pelos direitos humanos é também uma luta ambiental, pois não somos seres separados da natureza, aqui referimo-nos ao contexto de um teatro voltado para os temas que interessam aos seres humanos, mas que não os tem como centro do debate, e que abordam as temáticas mais variadas como a questão do lixo, do saneamento ambiental, do desmatamento, da morte de animais, etc., de forma a expor as inter-relações entre todas estas situações e a qualidade de vida dos seres humanos por elas afetados. Para Pereira (2008, p. 79) %a o Teatro do Oprimido de Augusto Boal é, no fundo, um feliz encontro entre a política, a educação e a arte+.

Uma grande vantagem na utilização do TO como instrumento pedagógico para a EA, é a sua característica de trabalhar com histórias locais sugeridas pelos integrantes dos GTO's e poder fazer a relação destas com as escalas regional, nacional e global. Barbieri afirma que,

É impossível realizar um projeto de educação ambiental exclusivamente atendendo à escala planetária ou à escala nacional, a educação ambiental envolve todas as escalas. Começa em casa. Atinge a rua e a praça, o bairro, a cidade ou a metrópole. Ultrapassa as periferias. Repensa os destinos dos bolsões de pobreza. Penetra nos espaços ditos ~~apressoresq~~ Atinge as peculiaridades e diversidades regionais. Só depois integra em mosaico os espaços nacionais, e colabora com os diferentes níveis de sanidade exigidos pela escala planetária (1998, p. 90).

Além disso, neste processo os participantes aprenderão a respeitar as diferenças e, conseqüentemente, valorizarão os interesses da coletividade e não apenas do indivíduo (LOUREIRO; LIMA, 2006). Pois a prática da ética, do respeito a história local e da ação transformadora estão nas raízes do TO (ver Figura 2).

O TO tem sido adotado por vários grupos, dentro e fora do Brasil, como proposta metodológica para abordagem de temáticas voltadas para a problemática ambiental por atender a um requisito básico para uma EA crítica: a participação. Para Cavalcante (2006, p. 92), %a *participação* é um princípio no trabalho com a Educação Ambiental, pois a partir dela que poderemos avançar nos objetivos de construção de uma sociedade melhor, que pode ser

os e que pode ser vislumbrada a partir de maneira cristalizada no TO por possibilitar a liberdade de todos e todas terem o mesmo direito a voz ativa, sugestões e intervenções no espetáculo, sempre com a intenção de transformar a realidade dos oprimidos de forma não-violenta. Para Pereira, (2008, p. 78), "Éis o caráter pedagógico do Teatro do Oprimido muito próximo à filosofia de Paulo Freire: ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam entre si, construindo um novo caminho".

3.4 O TO e a sua Relação com a Educação Ambiental

As primeiras experiências de TO como instrumento para a EA, foram reportadas no livro *Teatro Legislativo* (Boal, 1996, pp. 146-150) e aconteceram quando Augusto Boal era detentor de um mandato de vereador na cidade do Rio de Janeiro e sua equipe parlamentar acompanhava vários GTOs na periferia daquela cidade e de alguns municípios vizinhos (BOAL, 1996). Citaremos alguns dos grupos que se dedicavam a esta temática:

- *Integrantes do MUB (Movimento de Bairros) do município de Caxias, discutiam os problemas que envolviam o lixo de Caxias;
- *Funcionários e animadores culturais de um CIEP do município de São João de Meriti montaram peças sobre as dificuldades enfrentadas por causa da chuva e da falta de saneamento básico;
- *Um grupo de TO da Comunidade de Caju - Centro do Rio - também teatralizou as conseqüências das chuvas e da falta de saneamento básico para a comunidade;
- *O Grupo Beleza do Chapéu (Chapéu Mangueira - Leme) enfocou a questão do lixo naquele bairro;
- *A ONG Mundo da Lama, Organização Não-Governamental que se dedica a Educação Ambiental, montou uma peça sobre a preservação do manguezal;
- *No Município de Seropédica, um grupo de trabalhadores do Movimento dos Sem Terra - MST - fundou o Grupo Sol da Manhã e trabalhou a questão do lixo produzido pelos feirantes (BOAL, 1996).

il e Núcleo Pintassilgo do GTO da Prefeitura também trabalhou temas relacionados ao meio ambiente (ARAÚJO, 2005).

Outras experiências começaram a aparecer mais tarde, inclusive no âmbito acadêmico e institucional. Aline Pinto de Almeida utilizou o TO na implementação da Agenda 21 no Parque Nacional da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, em 2002 (ARAÚJO, 2005). A construção coletiva das Agendas 21 Locais e Escolares também foi mote para a utilização do Teatro Legislativo na periferia de Brasília (BAREICHA, 2001 apud. ARAÚJO, 2005, p. 80). Também neste mesmo período, o Programa Nacional de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, em parceria com a UNESCO, utilizou a metodologia do TO no processo de Revitalização da Bacia Hidrográfica do rio São Francisco (VEIGA; DUARTE; VASCONCELOS, 2006). Há, também, uma experiência internacional no âmbito da EA com o TO que foi liderada por John Sullivan, do National Institute for Environmental Health Science, nos Estados Unidos (ARAÚJO, 2005).

Aos poucos, a experiência de utilização do TO como instrumento para discutir a temática ambiental começou a se fazer presente no Nordeste do Brasil. Em 2007, a ONG paraibana Fundação Dom Helder Câmara, localizada no município de Bayeux-PB, utilizou o Teatro do Oprimido para falar da destruição do Parque Estadual Mata do Xém-xém (PEMX), sob a nossa responsabilidade como multiplicador comunitário. O TO também foi o instrumento pedagógico do projeto Fábrica de Teatro Popular Nordeste. O trabalho aconteceu em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra . MST - em Alagoas e teve como tema a questão da queimada da floresta local e suas conseqüências para o assentamento (PEREIRA, 2008).

Estas experiências demonstram uma busca por alternativas metodológicas ao processo educacional tradicional na EA. É cada vez mais necessário investigar propostas que possibilitem incorporar no fazer pedagógico a discussão sobre as questões ambientais (BARCELOS, 2008). Novos grupos continuam a utilizar o TO como ferramenta para as discussões, problematizações e buscas de soluções para as temáticas ambientais detectadas pelas populações atingidas e, se o TO não traz a solução, ele certamente contribui para a visibilidade dos problemas. Segundo Araújo e

visão ecológica é mais fácil de ser inserida no plano, nos contextos por justiça ambiental; no entanto, esta visão de equidade no acesso ao uso dos recursos naturais, apesar de relevante, ainda mantém um certo antropocentrismo, ainda é vinculada a racionalidade lógico-instrumental moderna. Acreditamos que o referido antropocentrismo se deva a própria gênese do TO em seu marco histórico, como explicitado anteriormente, mas que é possível redimensiná-lo de acordo com a intenção proposta.

Para Moraes e Sato (2008, p. 2051), o teatro transcende, assim, os limites sugeridos pela própria etimologia da palavra teatro+ (*thea*, olhar com interesse, e *tron*, donde, ou seja, o local de onde se vê); para ele, o teatro teria que ser, sobretudo, o local onde se atua, onde se ensaia a revolução. Daí a identificação com a pedagogia de Paulo Freire, onde o educando deixa de ser mero receptor de ensinamentos por parte do educador e passa a interagir com sua própria experiência de vida.

No processo de construção dos espetáculos teatrais com base nos conflitos ambientais, a obra deve ter o seu fundamento na experiência local e coletiva, ou de outra forma não estaremos promovendo uma EA caracterizada pelo respeito aos valores criativos dos integrantes do grupo, já que a EA clama pela liberdade de expressão, pela autonomia, pela diversidade e pela emancipação para a transformação de sociedades (SATO, 2001, p. 33). Por isso mesmo, todo o espetáculo deve ser produzido de forma interativa.

3.5 Teatro do Oprimido: um caminho para a EA na escola pública

Trabalhar com o TO numa perspectiva de EA na escola pública é resgatar a cidadania ambiental de jovens e crianças que estão à margem da qualidade de vida necessária para um sadio desenvolvimento humano a que tem direito. É também dar-lhes a possibilidade de uma visão crítica diante dos modelos de desenvolvimento que lhes são apresentados no contexto escolar. A escola é reprodutora de conhecimentos, valores e ideologias e pode ser um espaço para semear perspectivas de mudanças sociais estruturais (LOUREIRO; LIMA, 2006).

...m mais a aprender do que a ensinar, visto que governamental e de interesses políticos e ideológicos ao longo dos anos. Além de desmotivadora, em muitos casos, de mentes brilhantes que não se adequam a uma metodologia convencional e não aberta ao lúdico. Suas diretrizes, vindas de frios gabinetes da capital federal, muitas vezes não contemplam a realidade dos educandos que vivem a margem da sociedade de consumo, ou estão inseridos em um mundo distante daquele dos educandos que estão recebendo os conteúdos para uma possível aprendizagem. O sistema escolar brasileiro é, em muitos casos, reprodutor do sistema fragmentado, mecanicista e não aberta ao lúdico que sustenta o modelo capitalista. E, numa perspectiva capitalista, dificilmente a barbárie do mercado vai regular, com justiça, o equilíbrio econômico+ (Pedrini; Depaula, 1998, p. 92). A escola é, muitas vezes, uma ilha na comunidade que não dialoga com a realidade local e implementa uma didática distante da realidade de seus educandos com pouca ou nenhuma prioridade para as artes (LOUREIRO; LIMA, 2006; RUSS; ALMEIDA; SAVI, 2009).

É, também, necessário trabalhar a identidade cultural que se perde quando as pessoas passam a viver de forma isolada e, portanto, não reconhecem o lugar onde vivem com o sentimento de pertença (BERNA, 2004). Uma vez criado e/ou fortalecidos os laços comunitários, é possível discutir vários outros problemas na comunidade, pois, a escola não é uma ilha isolada do aparelho, refletindo as orientações da sociedade e muitas vezes, além de reafirmar os modelos de desenvolvimento, também manifesta e produz suas próprias ideologias+ (PASSOS; SATO, 2002, p. 5). Além disso, é possível que, para os educandos, criem-se novas visões sobre o lugar onde habitam e reprogramem seus sentimentos com relação àquele espaço geográfico e passem a valorizá-lo. (GOLDBERG, 2006)

O teatro pode promover o sentido de grupo perdido com o medo de interagir com o diferente e o novo que é gerado e alimentado pela violência nas periferias das grandes cidades, pois a integração dos membros é um componente essencial para a prática artística teatral. Para Araújo e Pasquarelli (2007, p. 333), as improvisações teatrais, quando contextualizadas e desenvolvidas de maneira crítica, podem trabalhar de maneira lúdica e profunda as dimensões política, histórico-cultural e econômica das questões

...ulucandos poderão dimensionar as questões
...da sua complexidade.

No TO, o uso da criatividade e das várias formas de linguagens possíveis: palavras, cores, formas, movimentos, sons, etc. são necessários (BOAL, 2005b) e possibilitam um sem número de alternativas para expressar-se. Esta relação entre os diferentes tipos de artes encontra espaço no espetáculo e é incentivado para uma melhor absorção do público que é, muitas vezes, composto por pessoas do meio urbano periférico ou rural e sem acesso a um repertório lingüístico formal para discutir os problemas da ordem socioambiental.

O resgate da cidadania ambiental, em uma escola pública, utilizando a metodologia do TO pode ajudar a suprir várias carências do ensino/aprendizagem de jovens e adolescentes vítimas do descaso com a educação brasileira, porque %teatro é simulação de atitudes humanas. Um laboratório, em outras palavras, para o gesto que praticaremos+ (FIALHO, 1998).

3.6 O Teatro Fórum e a Educação Ambiental

O TF é a técnica mais utilizada do TO na EA, por ser esta a que mais se ajusta a uma metodologia de educação participativa, especialmente na temática da Justiça Ambiental. Esta tem sido a conclusão de experiências já realizadas (ARAÚJO; PASQUARELLI, 2007). O TF também ajuda a facilitar as discussões com os participantes respeitando os limites e os potenciais locais, já que é necessário aproveitar as experiências e problemas dos que vivem em cidades descuidadas pelo poder público para discutir a poluição dos riachos, a falta de coleta do lixo e o baixo nível do bem-estar das populações que lá vivem (FREIRE, 2007).

O fazer teatral no TF não é linear e é, %De certa forma, uma profanação: profana-se a cena, altar onde costumeiramente oficiam-se apenas os artistas. Destrói-se a peça proposta pelos artistas para, juntos, construírem outra. Teatro, não didático no velho sentido da palavra e do estilo, mas pedagógico no sentido de aprendizado coletivo+ (BOAL, 1992 p. 22). A possibilidade de intervir permite não a solução para o conflito, mas uma percepção de que

solucioná-lo. É um ensaio para a libertação,

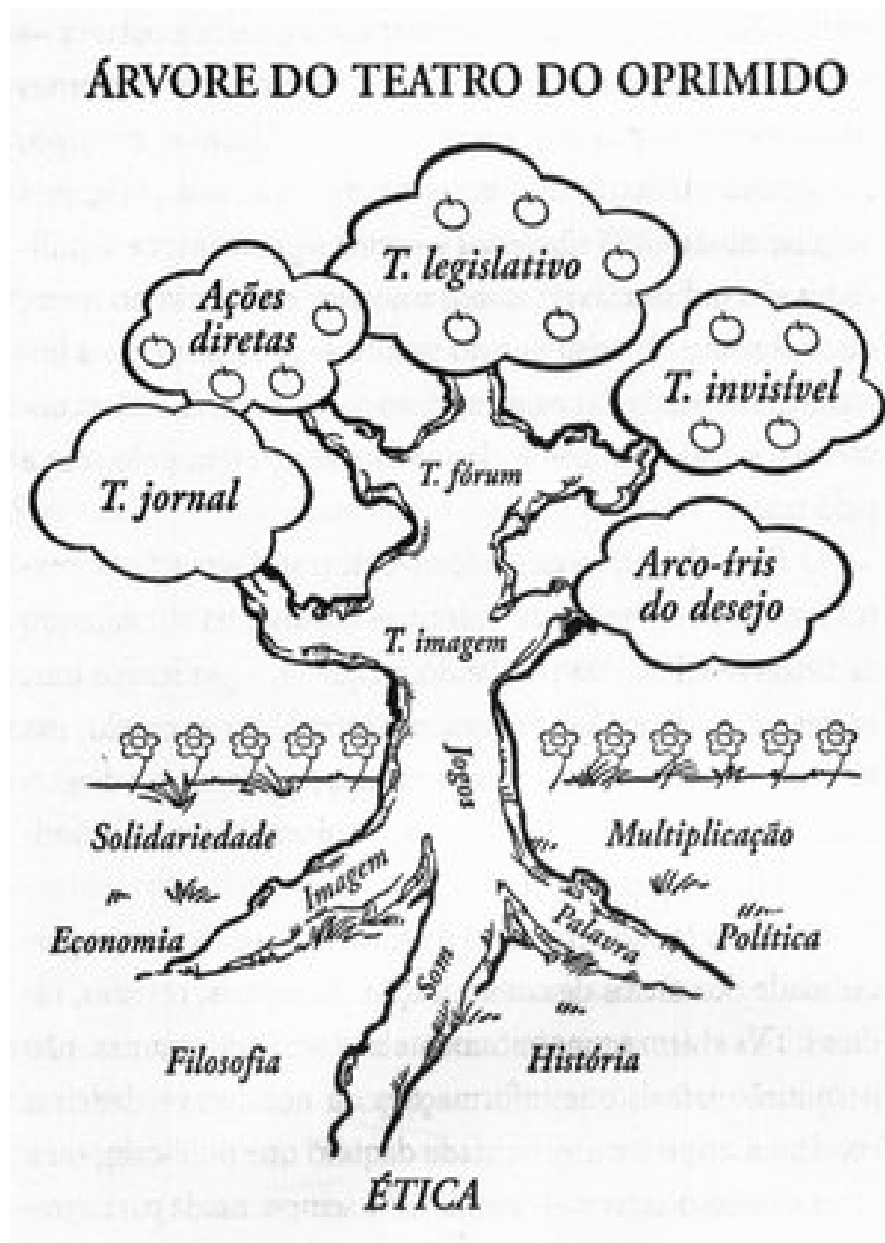


Figura 2. A Árvore do TO (Fonte: BOAL, 2005, p. 17).

estar por inteiro no espetáculo, caso assim o deseje. É uma verdadeira experiência dialógica freireana com as idéias e os participantes do jogo teatral (ver figura 3). É o não receber apenas, mas uma troca que gera o desconforto dos questionamentos para uma futura mudança de comportamento e atitude frente a um processo de opressão identificado de forma empática pelo público, pois há uma identificação mútua entre o artista e a platéia. O artista criador se identifica com a platéia, e a platéia se identifica com aquilo que o artista comunica (COURTNEY, 2003, p. 122). Aí está, então, o cerne do processo pedagógico do TF: um diálogo não imposto e aberto. Boal afirma que,

No Teatro Fórum, todos os espect-atores sabem que podem parar o espetáculo no momento que desejarem. Que podem gritar *Para!* que, democraticamente, dar sua opinião, teatralmente, em cena. Portanto, se escolhem não dizer nada, essa escolha já é participação. Para não dizer nada, o espectador tem que se decidir a não dizer nada: isso já é uma ação (2005a, p. 343).

Mesmo com o convite aberto para a participação, é possível afirmar que, a platéia sofre a influência de diversos fatores, que podem dificultar a sua participação no Fórum. O principal fator é a inibição. O medo da exposição, de falar em público é um sério problema para muitas pessoas. A ignorância e a incapacidade de entender o assunto é outro importante impedimento (NAZIAZENO, 2001, p. 28). Cabe ao facilitador a boa condução da animação pré-espetáculo e do momento das intervenções para fazer com que o público sinta-se a vontade para participar.

Mais do que qualquer outra coisa, o TF possibilita o diálogo e, nas palavras de Boal,

Diálogo é sempre perigoso, porque cria *descontinuidade* entre um pensamento e outro, entre duas opiniões, sentimentos, possibilidades . entre elas, instala-se o infinito; nele, todas as opiniões são possíveis, todos os pensamentos são permitidos. Quando existem dois e não apenas o Pensamento Único, Absoluto . a criação é possível. Diálogo é Democracia! (BOAL, 2003, p. 33).

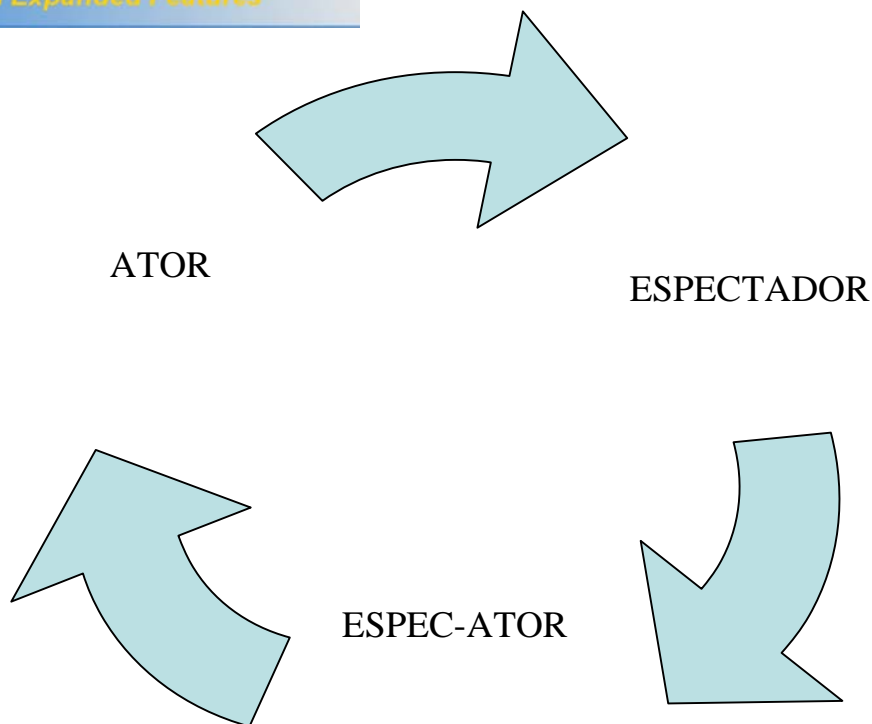


Figura 3. No TO, o espectador é considerado um ator em potencial, ou seja, um espect-ator (Fonte: Flávio José Rocha da Silva).

A técnica do TF como uma ferramenta para a EA também pode levar aos educandos a possibilidade de ter o teatro como meio para passar mensagens críticas de forma prazerosa. Nesse sentido, o Teatro Fórum tem se mostrado adequado na recriação de situações sociopolíticas em que estão em jogo a reflexão crítica sobre os conflitos e os valores, atitudes e comportamentos envolvidos+ (VEIGA; DUARTE; VASCONCELOS, 2006). No TF podemos ver mais concretamente os princípios do TO, como a transformação do espectador em protagonista, preparando-o para transformar a realidade dentro e fora do espetáculo (MENDES, 2000).

Embora Boal não traga na sua teoria elementos que possam integrar o educando nas relações ecossistêmicas (ARAUJO; PASQUARELLI, 2007), nós entendemos que este fato deve-se ao contexto histórico no qual o TO foi formulado. Se o teatro possibilita a conscientização e a sensibilização para além do racional, acreditamos que as técnicas do TO utilizadas como

... fazer uma percepção para os educandos sobre a relação com o meio ambiente em que vivem e que sejam agentes multiplicadores desta nova postura na sociedade. Pois, Não há EA se a reflexão sobre as relações dos seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seus semelhantes não estiver presente em todas as práticas educativas+(VASCONCELOS, 1998, p. 269) .

4.Quarta Cena

A Experiência com o Teatro do Oprimido como Instrumento para a Educação Ambiental na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes – Bayeux/PB

O melhor que se deva fazer aos seres humanos, por nossa ação pertinaz e testemunhante, é que ousem; ousem obstinadamente.

Michele Sato

do Oprimido como Instrumento para a Educação Ambiental na EEEFMPAG: o Cenário, o Figurino e os Atores

4.1 O Cenário

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes . EEEFMPAG - foi fundada em 1984 e está localizado no Bairro Mario Andreazza, conhecido como Bairro do Mutirão (BM), Município de Bayeux (ver Figura 6), e foi construída por reivindicação dos moradores daquela comunidade (SILVA, 1984). Este estabelecimento de ensino recebe mais de dois mil alunos, diariamente, nos três turnos e é o único a oferecer o ensino médio em uma área habitada por mais de dez mil pessoas²⁰. Sua infraestrutura física é composta por vinte e uma salas de aulas sem ventiladores ou cestas de lixo, um pátio e um ginásio sem cobertura, ocupando um espaço geográfico de 2.066,13m² de área construída e de 4.899,40m² de área total. Há, também, um laboratório de química, uma pequena biblioteca e uma sala de informática. A escola sofre com a falta constante de água e as poucas árvores que possuía foram cortadas (restando apenas uma). Com relação aos recursos humanos, havia um total de 78 professores quando realizamos a nossa pesquisa. Destes, 68 possuíam formação educacional de nível superior. Não havia a presença de um supervisor ou um psicólogo escolar, estando a escola sob a responsabilidade de um diretor, dois vice-diretores e três inspetores. Estes dados foram obtidos em entrevista com a diretoria através de questionário (ver Apêndice I).

A situação da EEEFMPAG reflete o descaso com o qual é tratada a escola pública na rede estadual paraibana de ensino. Professores desmotivados para a docência, parte dos alunos com a faixa etária inadequada para o ano que estão cursando, uma direção escolar sem autonomia política para tomar decisões e um edifício com os aparelhos defasados ou não apropriados para a inclusão efetiva dos educandos no processo educacional que fuja aos padrões do ensino de má qualidade, são algumas das causas mais visíveis do fracasso da educação pública naquela escola. É fato que, muitas vezes, a escola pública

²⁰ Fonte: Escritório Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . IBGE - em João Pessoa.

a dela e uma representação em menor escala
ação do seu entorno (ver Figura 5).

O fato de não possuir lixeiras nas salas de aula, não ter arborização e ter o seu %ardim+ repleto de resíduos jogados durante o intervalo das aulas (ver Figura 4), mostra que há um descaso por parte do poder público com relação as escolas da periferia, no que resulta em uma falta do sentimento de pertencimento por parte dos usuários daquele estabelecimento de ensino. Como bem frisou Freire (1999, p. 50), %Como cobrar das crianças um mínimo de respeito às carteiras escolares, às mesas, às paredes se o Poder Público revela absoluta desconsideração à coisa pública?+. Mesmo com todos os problemas apontados, nós acreditamos no potencial multiplicador para uma EA crítica que a EEEFMPAG possui. Desta forma, fazemos coro com a afirmação de Sato,

A escola não é todo-poderosa, mais articula as relações gerais da sociedade, e isto a torna significativa. Ela é uma %subsidiária+ e %tributária+ daquela grande reprodução social geral, posto que ela, além de exercer influência na formação dos que a freqüentam, representa uma desqualificação ativa na identidade daqueles que não a freqüentam (2001, pg. 27).



Figura 4 . Lixo jogado dentro da EEEFMPAG (Fonte: Flávio José Rocha da Silva).

da grande maioria das escolas públicas do
icos. Sua estrutura física não acolhe de forma
adequada os educandos e é visível que a mesma necessita de reformas em
suas instalações físicas. A média de matriculados por turma é de cinquenta
educandos, o que gera desconforto e a impossibilidade de praticar um bom
ensino. Durante a pesquisa, pudemos observar que alguns professores se
ausentaram ou não cumpriram a carga horária obrigatória para a disciplina que
ensinavam.

A substituição dos titulares na diretoria da EEEFMPAG, quando da
mudança de gestores no governo da Paraíba em fevereiro de 2009, gerou
tensão entre os educandos e incertezas com relação ao futuro daquela
instituição. Durante o primeiro semestre desse mesmo ano, os educandos não
tiveram direito a merenda escolar, já que houve falhas na prestação de contas
junto ao Gover no Federal e por isso o envio da mesma foi suspenso²¹.



Figura 5 . Lixo jogado em frente a EEEFMPAG (Fonte: Flávio José Rocha da Silva).

²¹ Durante algumas semanas, as aulas encerraram-se às 16 horas, já que houve casos de desmaios causados pela fome de alguns educandos.

sala de vídeo, laboratórios de química e pode-se afirmar que os mesmos são subutilizados, fazendo com que os educandos tenham acesso de forma esporádica a estes itens. Investe-se em estrutura e aparelhagem, quando os recursos humanos são mal pagos e/ou despreparados para exercer a função da docência em muitos casos. Para Zaidan (2006, p. 216), a escola de que precisamos é aquela que, sem abandonar o ideal de uma formação de humanista geral, preocupe-se acima de tudo com a recuperação da auto-estima dos alunos, como pré-requisito para o exercício de suas capacidades intelectuais.+

O BM, como praticamente todos os bairros periféricos das grandes cidades brasileiras, também passa por sérios problemas com relação aos mais elementares direitos para a obtenção de uma qualidade de vida saudável aos seus moradores. São problemas socioambientais como a falta de esgoto, irregularidade na coleta do lixo, drogas, violência doméstica, desemprego, etc.. Sua população sofre com a privação de direitos básicos a uma cidadania digna.

A própria história do bairro mostra esta falta de respeito da qual são vítimas milhões de brasileiros e de brasileiras. No início da década de oitenta, um grupo organizado através da Igreja Católica ocupou aquela área e exigiu a sua desapropriação ao governo estadual. Depois de conseguirem a posse do terreno, os moradores ganharam material para a construção das casas junto aos órgãos governamentais estaduais, mas com a condição de que os mesmos construíssem as suas moradias em regime de mutirão²². Por este motivo, mesmo tendo o nome oficial de Bairro Mário Andreazza²³, ele ficou conhecido popularmente por Bairro do Mutirão (SILVA, 1994).

Mesmo neste cenário com tantos indicadores negativos já descritos, o BM surpreende por guardar um tesouro natural. Há naquele local uma reserva

²² Trabalho conjunto em benefício coletivo em colheita, construção de casa, etc. (FERNANDO, 2002, p. 370).

²³ Foi ministro dos Transportes nos governos Costa e Silva e Médici... No governo de João Figueiredo, foi ministro do Interior... Foi candidato a sucessão de Figueiredo à Presidência da República, sendo indicado por este último para sucedê-lo. Entretanto, foi obrigado a concorrer na convenção nacional do PDS, quando o deputado federal Paulo Maluf, também se candidatou na convenção nacional do partido. Foi derrotado na convenção nacional do PDS em 11 de agosto de 1984, pelo deputado Paulo Maluf. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Andreazza

de Mata do Xém-xém, cujo nome oficial é Xém²⁴ (PEMX).

Criado pelo Decreto Estadual n. 21262, de 07 de fevereiro de 2000, possui uma área total de 187 hectares. A vegetação de ocorrência, entrecortada pelo riacho denominado de Riacho do Meio, é predominante composta por indivíduos da Mata Atlântica. Localizada na Microrregião de João Pessoa, situa-se próximo ao Aeroporto Castro Pinto, no município de Bayeux, distando apenas 7 quilômetros de João Pessoa (SUDEMA, 2004, p. 160).



Figura 6 . Localização geográfica do município de Bayeux. Em destaque, pode-se ver o PEMX (Fonte: Google Earth. Acessado em 17 de outubro de 2009).

²⁴ Nota linguística: Gramaticalmente, o nome da ave que dá nome à mata é xenxém (*Dendrocygna bicolor*, conhecida também como marreca-caneleira). No entanto, os documentos oficiais referentes ao parque insistem em chamá-la de "Xem-xem" ou, pior ainda, "Xém-xém", contrariando ostensivamente as normas ortográficas. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Unidade_de_Conserva%C3%A7%C3%A3o_Estadual_da_Mata_do_Xem-xem) . Optamos por reproduzir a grafia dos documentos oficiais.

s outros que estão localizados em áreas as ações antrópicas mais diversas. Vítima da desigualdade social brasileira, a população vinda das mais diversas partes do estado da Paraíba e de outros estados aloca-se às suas margens causando-lhe pressão através da utilização daquela reserva de mata atlântica para fins de lazer, criação de animais, retirada de madeira, agricultura, depósito de lixo, etc. (ver Figuras 7 e 8).

Por todos os dados apresentados sobre a situação do bairro e do PEMX, uma ação educativa contínua para a melhora de ambos é urgente. A EEEFMPAG pode e deve ser uma ponte para este processo. Se a educação inicial não responde mais as transformações atuais, obrigando-nos a refletir sobre o *continuum* da educação, em formas permanentes de educação continuada, um processo que pode levar a vida inteira e correr o risco de ainda não obter respostas satisfatórias+ (SATO, 2001, p. 28), não devemos desistir. Propostas como a utilização do TO como um instrumento pedagógico podem ser uma das vias para responder a esta urgência educativa de interação com a nova realidade de um mundo cada vez mais complexo e que necessita de ações urgentes para reverter o quadro socioambiental caótico que estamos presenciando. Para Freire (1999, p. 110), a educação como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.+

Como o BM e o PEMX são interdependentes e a população utiliza-se daquela unidade de conservação (UC) para diversos fins. Não há como proteger o PEMX, sem trabalhar as várias necessidades do BM. A nossa pesquisa foi justamente no sentido de trabalhar com estes dois recortes e demonstrar que a melhoria da qualidade de vida no bairro está conectada a proteção daquela UC e que a EEEFMPAG pode ter um papel importante neste processo .



Figura 7 . Lixo jogado no PEMX (Fonte: Flávio José Rocha da Silva).



Figura 8 . O Riacho do Meio é usado como lazer pelos jovens do BM. Ao fundo podem ser vistos os restos de um isopor flutuando na água do rio (Fonte: Flávio José Rocha da Silva).

Nossa pesquisa captou dados subjetivos, o que implica na escolha da metodologia qualitativa. Esta característica dará a este estudo o perfil de pesquisa fenomenológica, uma vez que trabalha com o universo de crenças, valores, atitudes e fenômenos. Seu objetivo teve a intenção de comprovar a validade do método do TO como instrumento pedagógico para a EA e promovê-la na EEEFMPAG. A escolha desta escola pública naquela área deveu-se, principalmente, por esta estar localizada a cerca de um quilômetro do PEMX (ver Figura 6).

Nosso alicerce metodológico esteve centrado na Pesquisa Participante, pois como explicitado anteriormente sobre as características do TO, cremos ser esta uma metodologia adequada para este tipo de trabalho, já que gera a participação de forma não impositiva. Para Abílio (2008, p. 336), *a* pesquisa participante vem sendo valorizada por educadores ambientais que vêem a necessidade de propostas alternativas da sociedade para solucionar os problemas ambientais.+ De acordo com Gajardo (1986), a Pesquisa Participante tem os seguintes aspectos:

- a) São baseados nas necessidades de grupos social e politicamente marginalizados. Procura realizar este objetivo com grupos relativamente homogêneos, do ponto de vista social e local.
- b) O ponto de partida, o objetivo e a meta da pesquisa participante é o processo de aprendizagem dos que fazem parte da pesquisa. Pelo contrário, o trabalho científico é entendido como contribuição à prática para transformação social, como contribuição à democratização.
- c) Ao invés de manter distância entre o pesquisador e o grupo que vai ser examinado, tal como se exige nas ciências sociais tradicionais, propõe-se a interação.
- d) No desenrolar do estudo, aspira-se uma comunicação o mais horizontal possível entre todos os participantes.
- e) Utiliza o diálogo como meio de comunicação mais importante no processo conjunto no estudo e coleta de informação. (p. 85-86)

O primeiro passo para a realização da nossa pesquisa foi a aplicação de um questionário pré-teste (ver Apêndice II) para sabermos o perfil e o nível de percepção dos educandos das turmas do 8º Ano do Ensino Fundamental e das turmas da 1ª Série do Ensino Médio sobre o meio em que vivem. Pois

, Não é possível respeito aos educandos, à identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiências feitas que chegam à escola. No mesmo instrumento, havia perguntas baseadas nas categorias natureza (TAMAIÓ, 2002), meio ambiente (SAUVÉ, 1997) e EA (GUERRA; ABÍLIO, 1996), além de outras questões. Também aplicamos um questionário junto a diretoria da escola para tomarmos conhecimento sobre as estruturas física e pedagógica daquele estabelecimento (ver Apêndice I). Em seguida formalizamos o convite para as oficinas lúdico-pedagógicas junto aos educandos das referidas turmas.

A nossa intervenção no processo aconteceu de forma ativa com o grupo participante da pesquisa. Foram facilitadas trinta oficinas com alguns educandos voluntários vindos de duas turmas dos 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e de mais duas turmas das 1ª e 2ª Séries, todas do período da tarde. O número foi maior no primeiro semestre da pesquisa, algo em torno de doze educandos. No segundo semestre, este número diminuiu, já que os educandos da 2ª Série do Ensino Médio deixaram de frequentar gradativamente os nossos encontros.

A primeira metade das oficinas aconteceu no segundo semestre de 2008 e a outra metade no primeiro semestre de 2009 (por isso a mudança de 8º para 9º ano e da 1ª para a 2ª Série). Nos encontros, os participantes eram sempre expostos aos jogos e exercícios (ver Figura 9) descritos no livro *Jogos para Atores e Não Atores* do teatrólogo Augusto Boal (2005a) e, logo após sua prática, discutia-se um tema relacionado a questão ambiental com espaço aberto para o diálogo a todos os participantes. Nem sempre este diálogo foi frutífero, entre outras coisas, por causa do tempo disponível que tínhamos para coordenar estas oficinas.

Foi ressaltada por nossa parte, a cada encontro, a importância da multiplicação dos diálogos e conclusões a que chegávamos, após as oficinas, para os amigos na sala de aula, parentes e a comunidade em geral. Os participantes também eram instigados a pensar criticamente sobre cada tema. Para Sato (2002) *Estamos nos acostumando com a beleza do inferno, com o gosto pela tecno-destruição, pela satisfação com o descartável, pelo*

io, pela sociedade do esbanjamento, pelo
mente o pensamento crítico poderá reverter
esta situação.



Figura 9 . Os estudantes praticam os jogos e exercícios, chamados por Boal de % Arsenal do TO+(Fonte: Flávio José Rocha da Silva).

Ao final de cada semestre foram apresentados espetáculos teatrais com as temáticas escolhidas pelo próprio grupo. No primeiro semestre, o grupo decidiu discutir a problemática do lixo na escola (ver Figura 10). A escolha desse tema revela o nível das discussões até então, centrando-se nos problemas do mundo escolar. O segundo espetáculo aconteceu no final do primeiro semestre de 2009 e teve como tema a degradação do PEMX. Esta temática já mostra um olhar para fora da unidade educacional e a perspectiva do pertencimento a algo maior do que aquele ambiente de formação educativa.

O primeiro espetáculo (ver Anexo III) foi apresentado para cerca de quarenta educandos de diversas turmas na Sala de Informática da escola e conseguiu quatro intervenções por parte do público. O tema abrangeu os

contecem nas salas de aula da EEEFMPAG,
a e visual.



Figura 10 . Os integrantes do grupo de TO da EEEFMPAG encenam a realidade vivenciada por eles em sala de aula (Fonte: Flávio José Rocha da Silva).

A segunda peça teatral foi apresentada no pátio e contou com cerca de três intervenções (ver Figura 11). Para este espetáculo, o grupo realizou várias discussões sobre a relação entre a comunidade do BM e o PEMX para produzir as quatro cenas apresentadas: o lixo na mata, a caça, a retirada de lenha e a omissão do poder público para coibir a degradação do PEMX (ver Anexo IV). Na avaliação dos integrantes, o grupo mostrou-se frustrado com o público que assistiu ao espetáculo, por julgar que este não se comportou adequadamente. No entanto, foi unânime a opinião que a apresentação aconteceu como esperado por parte dos atores e atrizes.

O encerramento da pesquisa deu-se com a aplicação do questionário pós-teste (ver Apêndice III) nas turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental e do 2ª Série do Ensino Médio como forma de verificarmos se houve a

com os outros educandos dessas turmas que
quais as concepções formadas a partir da
vivência com aqueles que participaram.



Figura 11 - Educandos da EEEFMPAG assistem a peça teatral com a temática da degradação do PEMX (Fonte: Flávio José Rocha da Silva)

4.2.1 As Dificuldades para o Figurino Planejado

Como em todo e qualquer processo de pesquisa, dificuldades e mudanças alheias ao planejamento inicial estiveram presentes. Obviamente que, *um método é um caminho que se faz ao caminhar e não um conjunto de receitas e procedimentos*+ (SOBRINHO; SATO, 2008, p. 2052). Sendo assim, aqui traçaremos um esboço aberto dos empecilhos que surgiram ao longo deste estudo.

A primeira dificuldade foi encontrar um horário comum em que os educandos voluntários pudessem estar juntos. Na impossibilidade de ter uma solução adequada para todos, decidiu-se que nos encontraríamos no horário escolar vespertino e que esperaríamos até que todos encerrassem as aulas,

nas. Este fato gerou outro problema que era muito nas atividades para que eles não chegassem às suas casas ao anoitecer, fato causado pelo medo da violência. Como havia muita ausência dos professores, especialmente no segundo semestre de 2008, foi possível contornar esta dificuldade.

O segundo obstáculo foi encontrar um local adequado para facilitar as oficinas. Sem uma sala própria para a prática das aulas de arte, sempre tínhamos que esperar o término das aulas em alguma sala e remover as cadeiras e as carteiras para conseguir um espaço apropriado para a movimentação exigida pelos jogos e os exercícios.

Vencidos estes primeiros obstáculos no primeiro semestre da pesquisa, o segundo nos reservou algumas surpresas. Verificou-se que muitos educandos transferiram ou foram transferidos para outro turno ou para outras escolas. Observou-se uma diminuição no número de alunos, principalmente nas turmas da 2ª Série do Ensino Médio. Este fator influenciou na diminuição do número de educandos matriculados nas 2ª Séries em 2009 na EEEFMPAG e, conseqüentemente, na diminuição do número de questionários pós-testes aplicados nestas turmas.

As apresentações teatrais também sofreram com as imprevisibilidades inerentes a qualquer ação humana. Com as paralisações e ameaças de greves por parte dos professores das redes estadual e municipal, não foi possível apresentar os espetáculos em outros estabelecimentos de ensino público do bairro, como planejado inicialmente, que não o da sede da pesquisa. Para compensar esta perda para a comunidade estudantil do BM, decidimos fazer uma apresentação no Centro Comunitário para a Pessoa Idosa do Bairro do Mutirão, onde estiveram presentes cerca de trinta pessoas. Estas paralisações também impossibilitaram a nossa intenção de mantermos os nossos encontros semanal mente.

Além dessas dificuldades, a imprevisibilidade da política brasileira também jogou o seu papel nesta pesquisa. Com a mudança de governador²⁵, o cargo de diretor da escola, que geralmente tem laços político-partidários,

²⁵ Em fevereiro de 2009, o governado Cássio Cunha Lima foi cassado e o segundo colocado nas eleições de 2006, Senador José Targino Maranhão, assumiu a titularidade do governo da Paraíba.

Para nossa sorte, a nova gestora mostrou-se r a nossa pesquisa.

Com o relato das complicações aqui descritas, queremos evitar o que bem nos alerta Sato (2001),

Em diversos trabalhos publicados, apresentados ou informados na área de Educação Ambiental (EA), percebemos uma tendência de somente considerar os bons resultados, fruto de uma trajetória que parece ter sido traçada linearmente, como se os obstáculos e as dificuldades sentidos no caminhar pudessem cegar o mérito da proposta. Isso tem aumentado o grau de fortalecimento da EA, que aparece como se fosse um campo fácil de ser estudado e viabilizado (2001, p. 16).

4.3 Os Atores

Os participantes das oficinas variaram de idade e gênero, principalmente no primeiro semestre da pesquisa. A partir de fevereiro de 2009, com a saída gradativa dos educandos da 2ª Série, o grupo tornou-se mais homogêneo em termos de faixa etária, porém com uma predominância de participantes do sexo masculino.

Já com relação aos educandos entrevistados, o universo pesquisado foi de 67 educandos no 8º Ano para o pré-teste e de 63 educandos do 9º Ano para o pós-teste. Já para o pré-teste da 1ª Série, foram respondidos 89 questionários e, no pós-teste, 43 educandos responderam as perguntas na 2ª Série. A diminuição no número de educandos na 2ª Série no pós-teste deveu-se a causa externas e nós acreditamos que este fator não desqualifica o resultado da pesquisa.

As perguntas realizadas apenas no pré-teste, exibem o perfil dos educandos e a percepção que eles têm da EEEFMPAG e do conteúdo recebido nas aulas. As respostas mostram que a grande maioria (30% no 8º Ano e 44% na 1ª Série) usa o tempo livre praticando esportes e é possível comprovar que as artes ainda estão ausentes na vida da maioria. Apenas 7% do 8º Ano e 1% da 1ª Série afirmaram dedicar-se a esta atividade quando não estão na escola. O trabalho, dentro ou fora de casa, ainda é uma questão séria a ser levada em conta entre os jovens e os adolescentes do bairro (19% no 8º Ano e 15% na 1ª Série). Esses últimos dados refletem o que revelam as

il na Paraíba, divulgadas em setembro de 2008, com as crianças e adolescentes paraibanos de 10 a 14 anos, 13% trabalham, o mesmo acontecendo com 31,5% dos jovens entre 15 e 17 anos²⁶.

A grande maioria dos educandos, 47% no 8º Ano e 61% na 1ª Série, acha a escola um espaço agradável. O espaço escolar é, certamente, o lugar da socialização, da amizade e do início de muitos relacionamentos para eles.

Exatos 20% em cada grupo gostaria de ter uma escola mais organizada e 25% do 8º Ano e 16% da 1ª Série responderam que o ensino da EEEFMPAG deve melhorar quando a pergunta foi sobre a escola ideal. Porém, as artes ainda não figuram entre as maiores reivindicações dos educandos, possivelmente porque ela ainda é vista como algo supérfluo. Esta porcentagem é um reflexo de uma sociedade que não enxerga a arte como essencial para a vida humana. Estamos ainda distantes da afirmação de Sato (2002, p. 16), *“A arte, como a palavra, é onde os sentidos circulam e habitam.”* A esse respeito, afirma Zaidan (2006, p. 215) que a escola continua *“inibindo ou mutilando o desabrochar de outras dimensões fundamentais a inteligência humana.”* Pois é reprodutora de um modelo cartesiano e ainda vinculada a um sistema que não questiona o padrão de desenvolvimento atual. Sato (2002, p. 8) questiona, *“Estará a escola apta para enfrentar as incertezas, arriscar-se pelo inesperado ou aceitar a diversidade?”* E acrescenta: *“A educação em sonho deve invadir a arte, a filosofia, a ciência e a técnica.”*

Um número significativo de educandos, 17% no 8º Ano e 14% na 1ª Série respondeu que gostaria que os professores tratassem do assunto meio ambiente em sala de aula. Este número revela que o assunto meio ambiente possivelmente ainda não é tratado de forma sistemática como um conteúdo interdisciplinar na EEEFMPAG. Penteado afirma que,

Uma coisa é ler sobre o meu meio ambiente e ficar informado sobre ele, outra é observar diretamente o meu meio ambiente, entrar em contato direto com os diferentes grupos sociais que o compõem, observar como as relações sociais permeiam o meio ambiente e a exploram, coletar junto às pessoas informações sobre

²⁶ Pesquisa divulgada no Jornal da Paraíba em setembro de 2008. http://www.paraiba1.com.br/noticia_aberta?id=11973.

ções que mantêm com o meio ambiente em que
enfim, aprender como a sociedade lida com ele
(p. 53).

Quando perguntados se a EEEFMPAG promovia eventos esportivos e culturais, mais da metade responderam que sim, sendo os números 54% do 8º Ano e 58% da 1ª Serie. Porém, quando a pergunta era se participavam destas atividades, 53% do 8º Ano e 47% da 1ª Série responderam que não participavam. Este resultado mostra que a escola não está conseguindo trazer a comunidade estudantil para o planejamento destas atividades e, portanto, os educandos não se sentem promotores das mesmas. Para Penteado,

Desenvolve-se a capacidade de participar, de se relacionar com o mundo (grupos sociais e demais elementos do meio ambiente) de maneira organizada e com um objetivo específico. No caso da vida escolar, este objetivo é conhecer melhor o mundo e aprender a organizar o seu comportamento social para resolver questões.+Com isto cresce a capacidade e a qualidade humana de exercer a cidadania de uma maneira organizada e democrática, sem perder de vista em nenhum momento a existência do %outro+, porque se aprende a participar, a entrar em relação social de uma maneira organizada. (1994, p. 56)

Um dado preocupante é o número de educandos fora da faixa etária ideal para o ano que estão cursando. Por exemplo, no 8º Ano, 12% tinham 16 anos e 9% tinham 17 anos ou mais em agosto de 2008 quando foi aplicado o pré-teste. Em Junho de 2009, durante a aplicação do pós-teste no 9º Ano, 14% tinham 16 anos e 13 % tinham 17 anos ou mais.

O mesmo fenômeno podia também ser comprovado com as turmas da 1ª Série: 10% tinham 18 anos e 4% tinham 19 anos ou mais em agosto de 2008. Já quando aplicamos o pós-teste na 2ª Série, 14 % tinham 18 anos e 5% tinham 19 anos ou mais. Estes dados comprovam que ainda falta muito para que os filhos e filhas das classes menos favorecidas consigam terminar o ensino médio em uma idade compatível que anteceda a entrada ao mercado de trabalho. Segundo dados do Instituto de Pesquisas Aplicadas .

entre 15 e 17 anos freqüentam o ensino

Os dados sobre gênero não trazem muita surpresa. A maioria das turmas apresenta um número superior dos educandos do sexo feminino que do sexo masculino. Os números do pré-teste são de 52% para o 8º Ano e de 53% para a 1ª série de mulheres. Já no pós-teste, 63% responderam ser do sexo feminino no 9º Ano e na 1ª Série houve a única inversão com 56% afirmando ser do sexo masculino.

4.4 Diagnóstico sobre a percepção ambiental e sobre o TO

Embora tivéssemos uma temática para ser abordada a cada oficina (ver item 4.5 para detalhamento sobre as oficinas), as discussões não seguiam uma linearidade no sentido de limitar os educandos em suas reflexões dentro do tema proposto. Caso a temática sugerida não fosse discutida, na semana seguinte retornávamos ao assunto da oficina passada e registrávamos as indagações, questionamentos e conclusões dos educandos na perspectiva de que estes estavam sendo irradiados nas salas de aula e em seus espaços de convivência cotidiana. O resultado desta irradiação pode ser conferido nos gráficos e suas análises a seguir. As temáticas escolhidas foram expostas de forma a fazer uma ponte com o conteúdo escolar e a realidade dos educandos.

A pergunta sobre como eles vêem a natureza foi baseada nas categorias de Tamaio (2002). São elas:

Romântica - Aponta a grandiosidade da natureza, sempre harmônica, enaltecida, maravilhosa, com equilíbrio e beleza estética, algo belo e ético. *O homem não está inserido neste processo.*

Antropocêntrica . Interpreta a natureza como uma fornecedora de vida e como fonte de recursos para o homem; o ser humano é o centro do universo e modifica a natureza (ação antrópica). *A natureza é vista como uma estrutura isolada do homem.*

Generalizante . Define a Natureza de uma forma ampla, vaga e abstrata: *Tudo é natureza.*

²⁷ Fonte: Site do Instituto de Pesquisas Aplicadas - IPEA. Acessado em 22/01/2010.
<http://www.ipea.gov.br/default.jsp>

lista . O meio ambiente aparece como sinônimo de natureza, priorizando o lugar onde os seres vivos vivem bem como os fatores bióticos e abióticos. Ela é tudo que não sofreu ação de transformação pelo homem, tais como as matas, bichos, os alimentos.

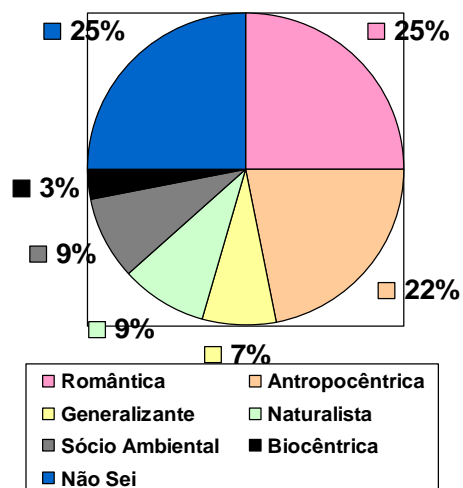
Sócio-Ambiental . Desenvolve uma abordagem histórico-cultural. Essa leitura apresenta o homem e a paisagem construída como elementos constituídos da Natureza. Postula uma compreensão de que o homem apropriou-se da natureza e que o resultado dessa ação foi gerado e construído no processo histórico.

Biocêntrica - É aquela que mostra que o ser humano é mais um ser vivo que está inserido no Meio Ambiente sem que este último tenha que, necessariamente, ter utilidade para o homem. Essa visão se diferencia da antropocêntrica porque ela não depende da utilidade que o Meio Ambiente possui ter ao ser humano (TAMAIIO, 2002).

Os educandos dos 8º e 9º Anos diminuíram a sua visão *Romântica* da natureza de 25% para 12% e aumentaram a visão *Naturalista* de 9% para 32%. Também diminuíram a visão *Biocêntrica* de 25% para 7%. Já os educandos das 1ª e 2ª Séries, também diminuíram a visão *Romântica* que tinham da natureza de 28% para 13% e aumentam a *Sócio Ambiental* de 3% para 11%, no pós-teste.

O termo natureza é muito difundido e gera muita confusão, já que é usado popularmente para definir um sem número de fenômenos. Infelizmente, para mais de 20% do 9º Ano e para mais de 10% da 2ª Série, ela ainda é vista como produto para servir ao ser humano. Para Boff (1995, p. 24), a ética da sociedade dominante hoje é utilitarista e antropocêntrica. Certamente esta visão tem influenciado os educandos da EEEF MPAG.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

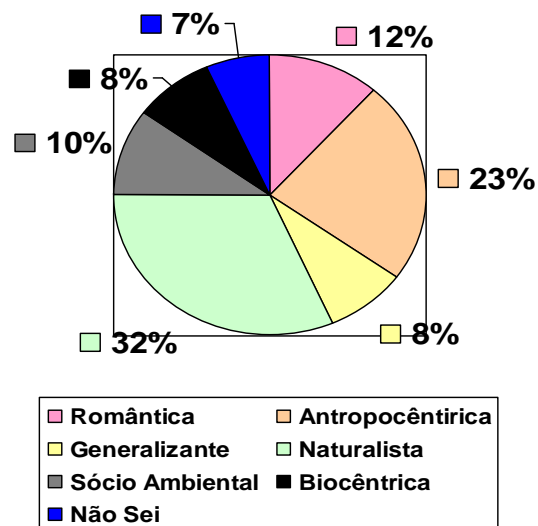
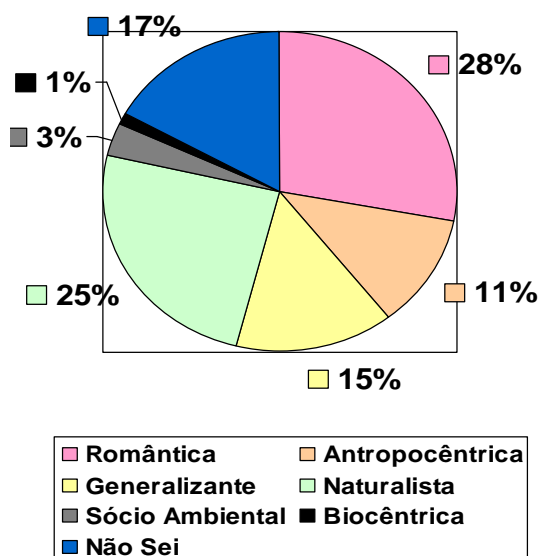


Gráfico 1 . Percepção dos Educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Natureza.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

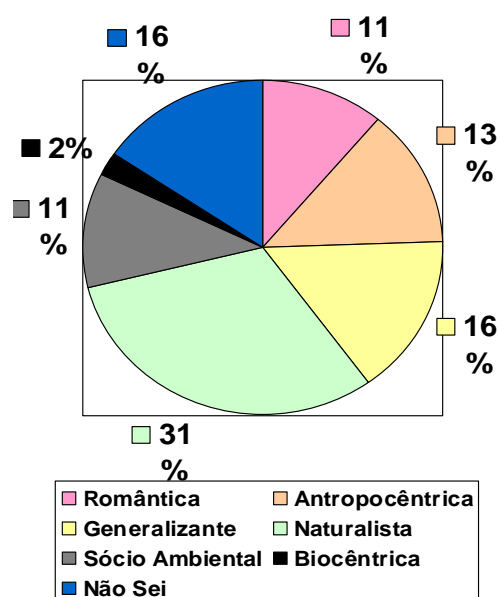


Gráfico 2 . Percepção dos Educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Natureza.

iente foi baseada nas categorias de Sauv 
uinte maneira:

Como natureza . natureza como catedral, ou como um útero, pura e original.

Como recurso . Herança biofísica coletiva, qualidade de vida.

Como problema .  nfase na polui o, deteriora o e ameaças.

Como lugar para viver . A natureza com os seus componentes sociais, históricos e tecnológicos.

Como Biosfera . Espaçonave Terra, %Gaia+, a interdependência dos seres vivos com os inanimados.

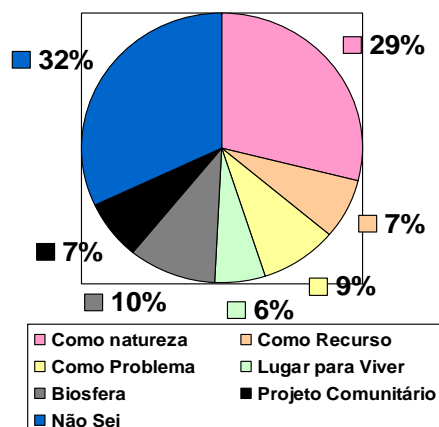
Como projeto comunitário . A natureza como foco na análise crítica, na participa o política da comunidade.

Sauv  (1997), afirma que, %Essas concep es sobre o meio ambiente podem ser consideradas numa perspectiva sincr nica: elas coexistem e podem ser identificadas nos diferentes discursos e práticas atuais.+

O termo meio ambiente   exageradamente usado em nossos dias. A média, o governo, as ONGs, as igrejas, etc. vêm usando esta terminologia para qualquer assunto relacionado a ecologia. Sendo assim,   totalmente fácil de entender a confusão dos educandos. %O meio ambiente engloba aspectos históricos, culturais, econ micos e sociais, a intera o dos seres humanos com os outros seres vivos, de sua espécie ou não, e com os fatores não-vivos, abióticos+ (GONÇALVES; SOARES; CORTEZ, 2007, p.182). As discussões sobre o meio ambiente estão presentes no currículo escolar, mas de forma superficial. Para Sato (2001, p. 19), %A dimensão ambiental   percebida, mas não se inscreve em uma prática pedagógica transformadora.+

Do momento da aplica o do pré-teste ao do pós-teste nos 8  e 9  Anos, houve uma diminui o da categoria *Não Sei* de 32% para 22% e um aumento das categorias *Como Biosfera* de 10% para 15%. Também a categoria *Como Lugar para Viver* aumentou de 6% para 16% .

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

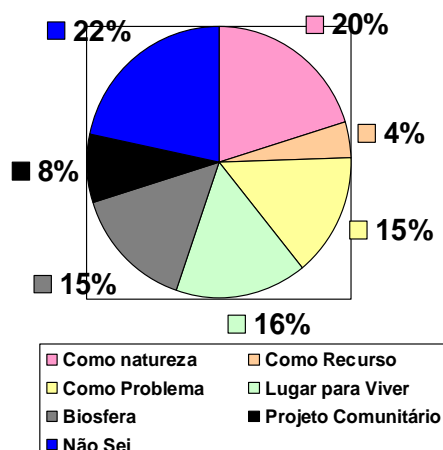
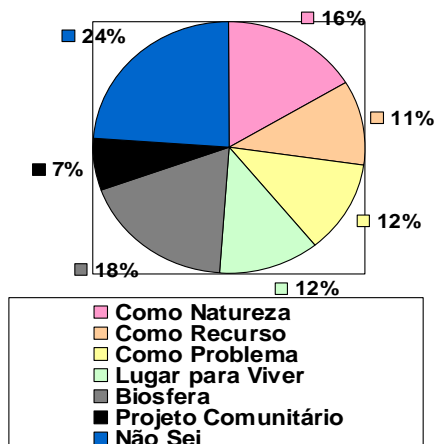


Gráfico 3 . Percepção dos Educandos do 8º e 9º Anos sobre o conceito de Meio Ambiente.

Já nas 1ª e 2ª Séries, houve uma mudança significativa de concepção a respeito do meio ambiente. No pré-teste, 24% responderam *Não Sei* e no pós-teste este número caiu para 13%. Já na categoria *Como Natureza*, o número no pré-teste foi de 16% e aumentou para 35%. O mesmo fenômeno foi observado por Guerra e Abílio (2006) em uma pesquisa realizada em algumas escolas públicas do município de Cabedelo/PB utilizando estas categorias. Para os autores, *a maioria esmagadora não percebe a si próprio como componente desse meio ambiente...+ (GUERRA; ABÍLIO, 2006)*. A categoria *Como Problema* diminuiu de 12% para 4% ao final dos dois semestres, o que denota um melhor entendimento das causas sociais da crise ambiental.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

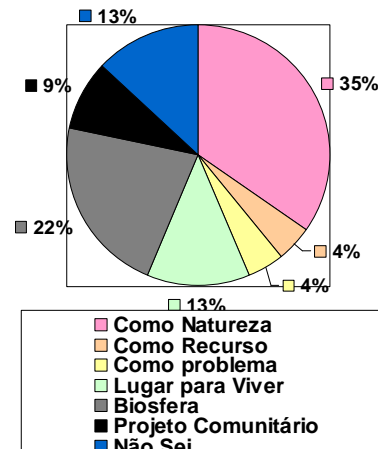


Gráfico 4 - Percepção dos Educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Meio Ambiente.

As categorias usadas para a questão sobre o que os educandos entendiam por EA foram criadas por Guerra e Abílio (2006, p. 38). São elas:

Generalista . Demonstra uma visão ampla e confusa sobre os conteúdos e/ou atividades de Educação Ambiental.

Preservacionista . Valoriza em excesso o processo de preservação dos recursos naturais (manutenção dos recursos naturais intocáveis ou para as gerações futuras).

Conservacionista . Valoriza o processo de conservação dos recursos naturais (os recursos naturais podem ser explorados desde que seja utilizado de forma racional).

Sensibilização/Conscientização - Processo de formação do indivíduo crítico e reflexivo quanto aos problemas ambientais e utilização dos recursos ambientais de forma racional.

Desenvolvimento Sustentável . Promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável aspirar. Minimizar impactos adversos sobre os recursos naturais, a fim de manter a integridade global do Ecossistema.

Ecologista Ecossistêmica . Demonstra uma confusão com a Ciência Ecologia ou seus conceitos; ou quando se verifica que é apenas no Ecossistema onde se deve desenvolver atividade de Educação Ambiental.

Prática Educativa - Demonstra que haja interações entre disciplinas, através de um planejamento

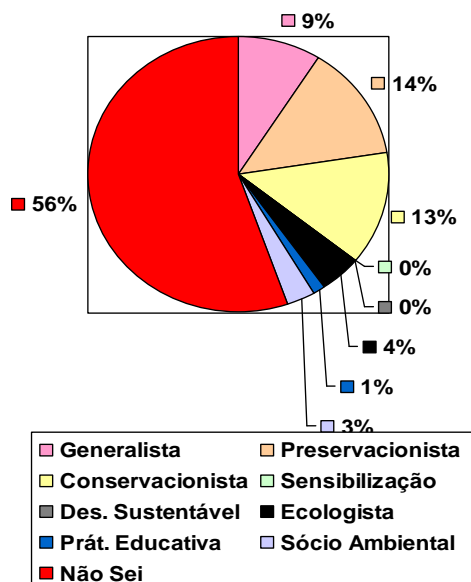
do das experiências de aprendizagem, para se
envolver atividades e/ou práticas educativas.
Ambiental . Considera o Meio Cultural e o Social
inserido no Ambiente Natural; Processo de formação-
informação e o desenvolvimento da consciência crítica
sobre as questões ambientais com a participação das
comunidades na conservação e manutenção do
equilíbrio ambiental.

O conceito de EA para os educandos era muito vago quando aplicamos o questionário pré-teste. Naquele momento, 56% do 8º Ano e 43% da 1ª Série disseram não saber do que se tratava. Este índice caiu para 23% no 9º Ano e 29% na 2ª Série quando aplicado pós-teste. A visão *Preservacionista* ainda é muito forte, seguida da *conservacionista*. É possível que tal fato se deva a toda a influência exercida pelos meios de comunicação de massa e sua visão acrítica acerca da crise ambiental. Um outro problema é que os livros didáticos que abordam os temas de meio ambiente e EA, tratam estes tópicos superficialmente, podendo resultar em um não entendimento claro e aprofundado por parte dos educandos sobre estas temáticas (GUERRA E ABÍLIO, 2006).

A EA deve penetrar no âmago das questões ambientais como o consumismo (GONÇALVES; SOARES; CORTEZ, 2007). Muitas vezes, a EA é vista como uma ação pontual e por isso mesmo não é absorvida pelos educandos. Para Leff,

A Educação Ambiental inscreve-se nesta transição histórica que vai do questionamento dos modelos sociais dominantes (o neoliberalismo econômico, o socialismo real) até a emergência de uma nova sociedade, orientada pelos valores da democracia e pelos princípios do ambientalismo. Daí a necessidade de rever criticamente o funcionamento dos sistemas educacionais, como também os métodos e práticas da pedagogia (1998, p. 255).

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

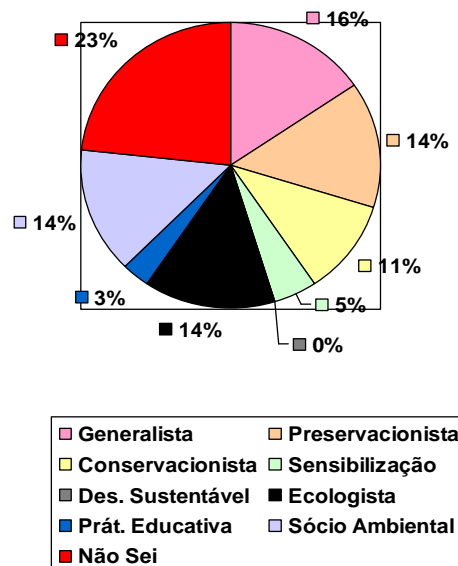
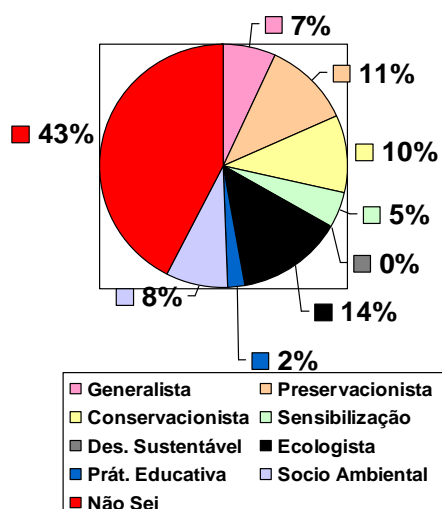


Gráfico 5 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Educação Ambiental.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

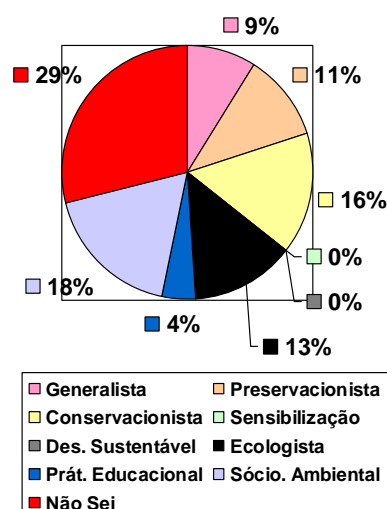


Gráfico 6 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Educação Ambiental.

que é *Desenvolvimento Sustentável*, os educandos ainda mostraram-se confusos com relação a este tema. Os índices revelam uma melhora de 30% no 9º Ano e de apenas 10% na 2ª Série, após as oficinas, no entendimento desta temática. A percepção de que desenvolvimento está ligado a trabalho ainda existe para muitos. Porém, a visão de que é algo que não prejudica a natureza subiu de 0% para 19%. A expressão desenvolvimento sustentável passou a fazer parte dos discursos políticos do mundo atual em interpretações variadas+ (SOUZA; CRUZ, 2007, p. 158). Esta apropriação por grupos com diferentes interesses, gera uma polissemia, fazendo com que este termo perca sua objetividade conceitual. Além disso, o termo desenvolvimento está muito associado ao acesso a emprego e a presença de indústrias.

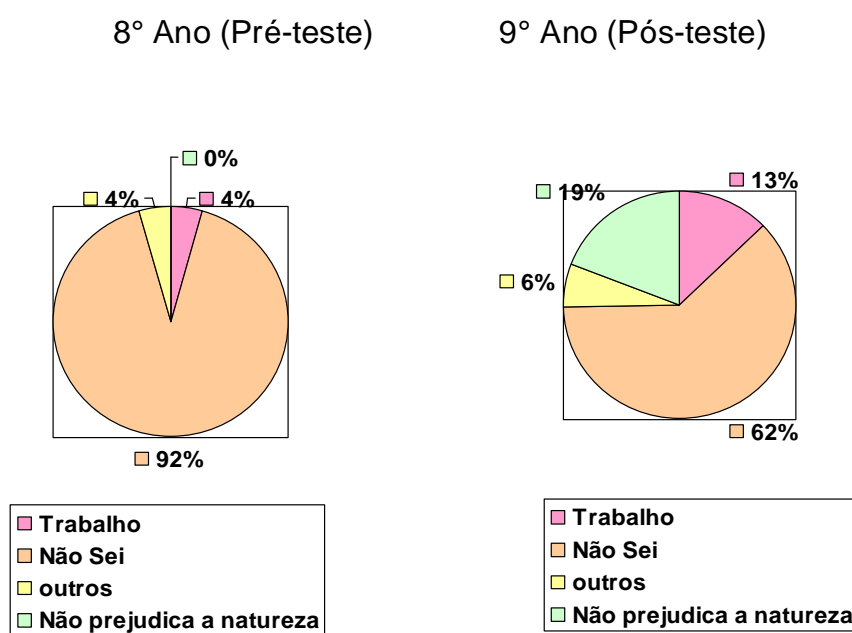
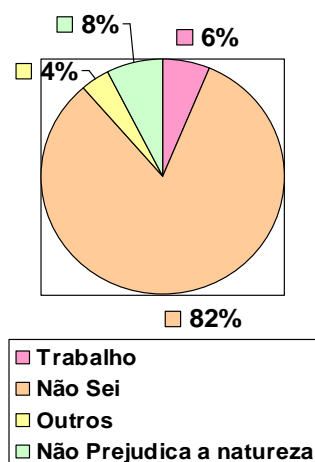


Gráfico 7 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Desenvolvimento Sustentável.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

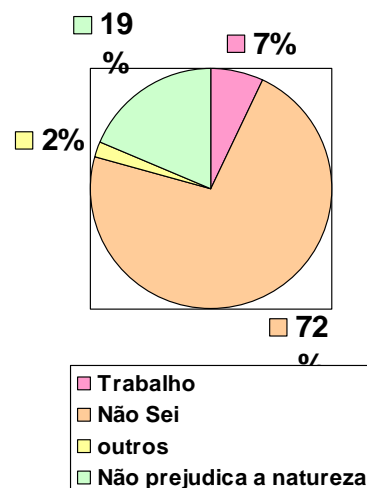
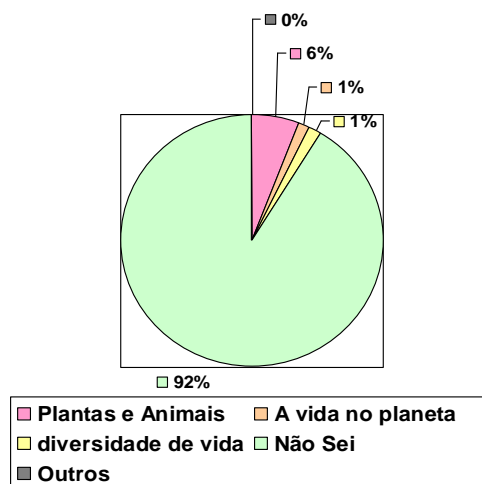


Gráfico 8 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Desenvolvimento Sustentável .

O termo *Biodiversidade* foi, certamente, o menos trabalhado em nossas oficinas. Como resultado, houve pouco avanço no entendimento sobre esta temática. Mesmo assim, a categoria *Não Sei* teve uma diminuição de 92% para 62% no 9º Ano e de 82% para 72% na 2ª Série, ao término de nossa pesquisa. A categoria *Diversidade da Vida* foi respondida por 1% no 8º Ano e por 5% na 1ª Série no Pré-teste. Esta mesma categoria obteve um aumento para 7% no 9º Ano e 15% na 2ª Série no Pós-teste. Já a categoria *Plantas e Animais* obteve 6% no 8º Ano e 7% na 1ª Série no Pré-teste e 10% no 9º Ano e 18% na 2ª Série no Pós-teste. Este resultado mostra uma deficiência de nossa parte ao abordar esta temática, mas também que os educandos não estão recebendo o conteúdo escolar de forma a fazer uma relação com o cotidiano deles, pois com uma reserva florestal próxima a EEEFMPAG, este tema poderia ser repassado em uma aula de campo.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

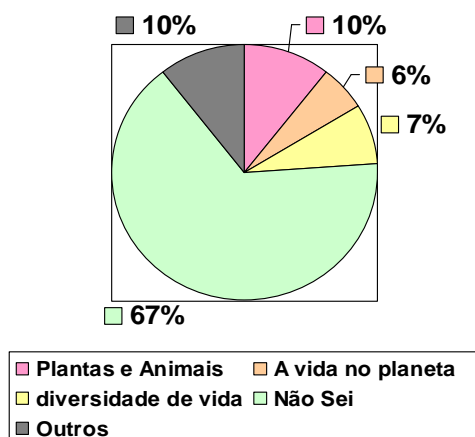
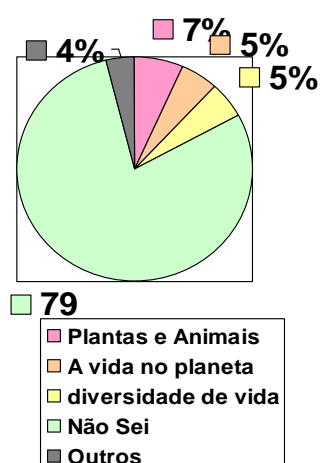


Gráfico 9 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o conceito de Biodiversidade.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

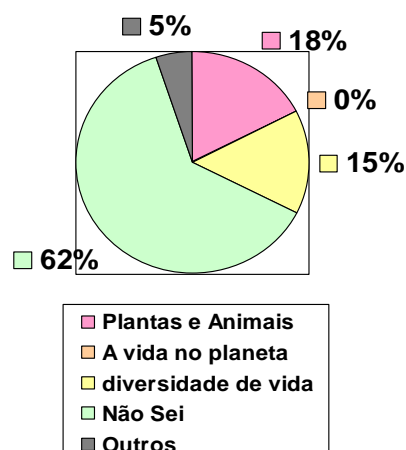


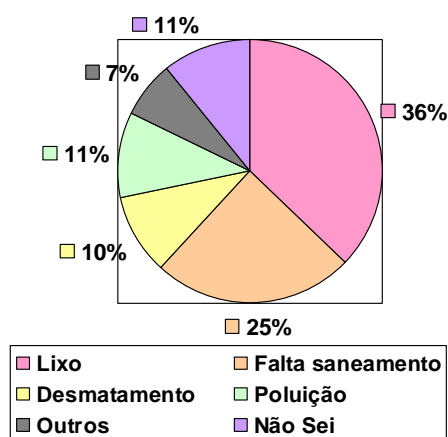
Gráfico 10 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o conceito de Biodiversidade.

to upgrade to Pages and Expanded Features

mentais do bairro, os educandos facilmente identificaram o lixo como problema. As quatro turmas, tanto no pré como no pós-testes ficaram próximos aos 35% ao apontaram este como o maior desafio do BM. Essa identificação do lixo como problema se dá, principalmente, porque é algo muito visível, diferente da poluição atmosférica, por exemplo. Guerra e Abílio (2006, p. 107), afirmam que, %o gerenciamento de resíduos sólidos é um grave problema para as prefeituras, pois com o aumento da população de forma desenfreada, toneladas de lixo são produzidas ao mês. Essa produção desenfreada traz conseqüências desastrosas ao ambiente e à saúde pública.+

Um dado interessante é que o segundo colocado foi a falta de saneamento básico. Este tópico foi apontado por 25% do 8º Ano e 23% da 1ª Série no pré-teste e por 27% do 9º Ano e 28% da 2ª Série no pós-teste, refletindo o que já se sabe através das estatísticas: somente metade da população brasileira é atendida pela rede de saneamento básico, e apenas 1% tem o esgoto tratado²⁸.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

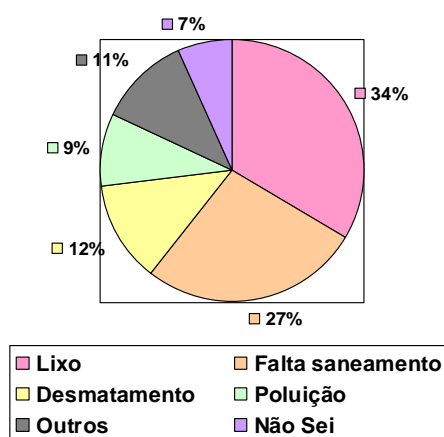


Gráfico 11 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre os principais problemas ambientais no BM.

²⁸ Fonte: Jornal Correio da Paraíba. 21/10/09.

1ª Série (Pré-teste)

2ª Série (Pós-teste)

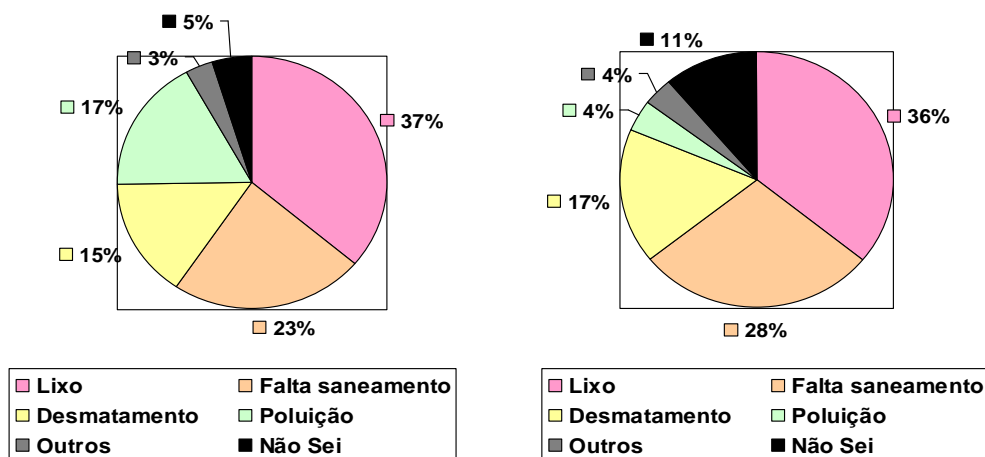
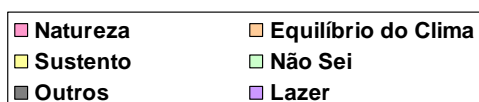
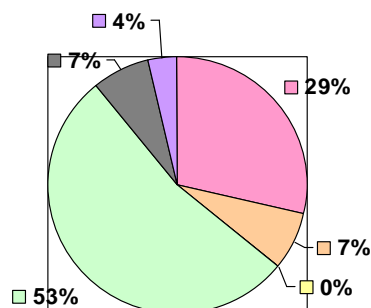


Gráfico 12 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre os principais problemas ambientais no BM.

Quando solicitados a responderem sobre a importância do PEMX para o BM, os educandos do 9º Ano surpreenderam com as respostas dadas no pós-teste. Se em agosto de 2008 apenas 7% responderam que o PEMX era importante para o *Equilíbrio do Clima*, este percentual saltou para 35% em junho de 2009. Ao mes mo tempo, a categoria *Não Sei* caiu de 53% para 21%. Já com relação as 1ª e 2ª Série não houve mudanças substanciais, a não ser na categoria *Não sei*, com uma elevação de 29% para 40% no pós-teste. É possível que todo o aparato de informações trazido pela mídia nos últimos anos com relação a importância das florestas para a regulação do clima tenha ajudado nesta mudança. A visão de que lá está a presença da natureza também foi umas das respostas mais citadas (22% no pós-teste da 2ª Série). Vê-se aí a visão antropocêntrica presente. A separação ser humano e natureza ainda é muito refletida nestas respostas. %o homem não prescinde de um meio ambiente, algo próprio à condição humana. Na época em que vivia no interior da natureza, o ser humano pouco conflitava com o seu meio ambiente+(GONÇALVES; SOARES; CORTEZ, 2007, 182).

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

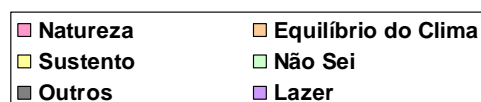
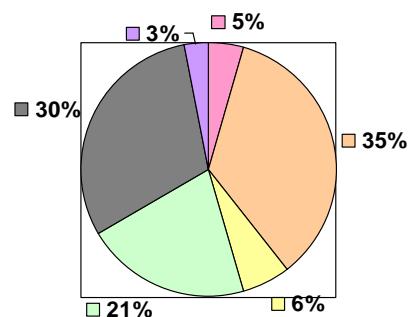
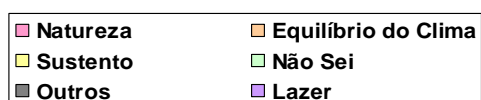
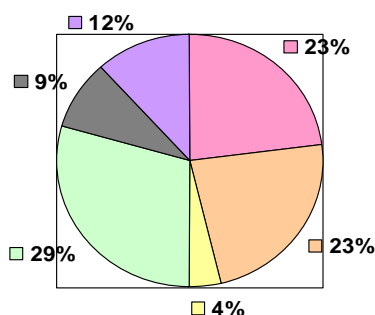


Gráfico 13 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o PMEX.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

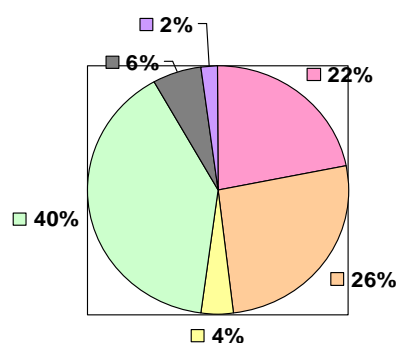
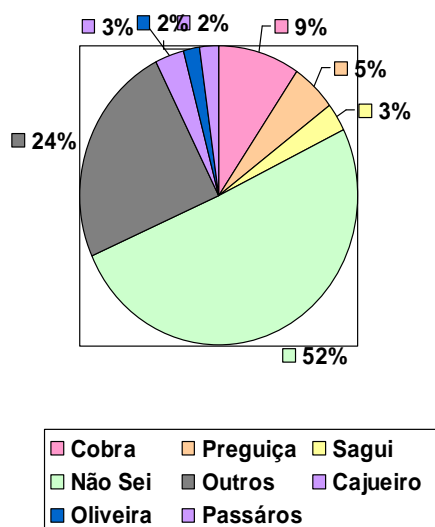


Gráfico 14 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o PEMX.

a intenção de mostrar a porcentagem de familiaridade com as espécies de animais e plantas que habitam o PEMX. O resultado alcançado após as oficinas pode ser considerado positivo, especialmente no 9º Ano. A categoria *Não Sei* caiu de 52% para 15% quando aplicado o pós-teste e a categoria *Outros* subiu de 24% para 43%. No caso da 2ª Série, a mudança depois das oficinas foi de apenas 5% na categoria *Não Sei*, mesmo índice encontrado para cima na categoria *Outros*, para designar espécies animais lembradas e que não chegavam a um número substancial. O animal mais lembrado foi a cobra, em ambos os grupos.

8º Ano (Pré-teste)



9º (Pós-teste)

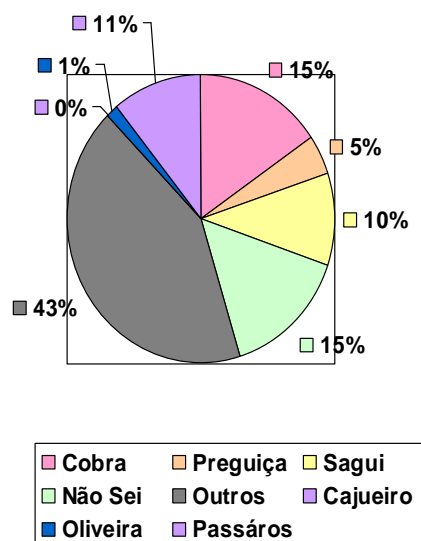
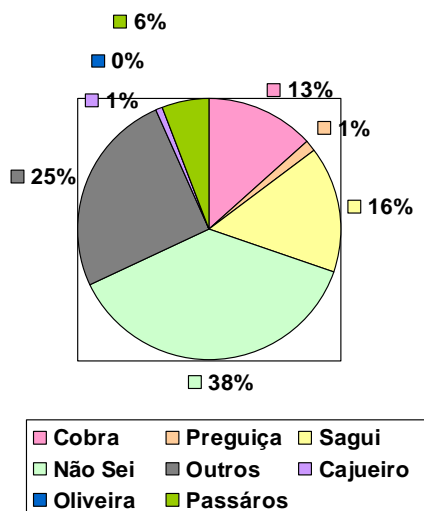


Gráfico 15 - Animais e plantas típicos que ocorrem no PEMX conhecidos pelos educandos dos 8º e 9º Anos.

1ª Série (Pre-teste)



2ª Série (Pós-teste)

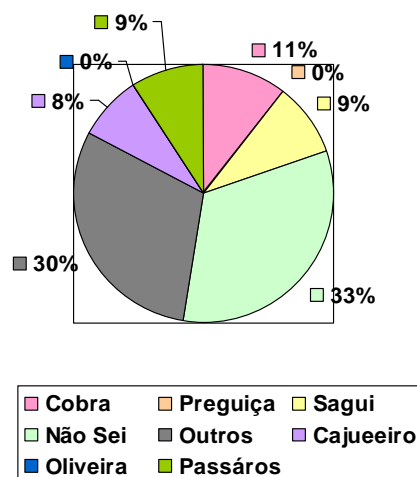
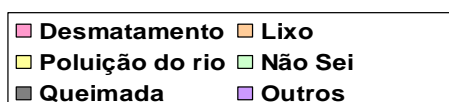
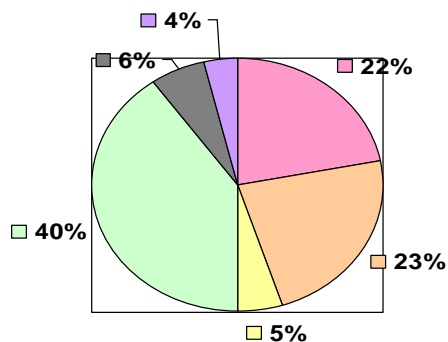


Gráfico 16 . Animais e plantas típicos que ocorrem no PEMX conhecidos pelos educandos as 1ª e 2ª Séries.

O lixo foi, novamente, apontado como o grande vilão no PEMX. Guerra e Abílio (2006, p. 105), apontam um dado interessante a esse respeito, o paradoxo dessa história é que o lixo é um indicador curioso de desenvolvimento de uma nação. Quanto mais pujante for a economia, mais sujeira o país produzirá. É preocupante que a visão economicista se sobressaia a uma verdadeira qualidade de vida.

O desmatamento foi apontado como a segunda causa por 33% no 9º ano e 35% na 2ª Série. A falta de fiscalização por parte de Estado é uma das causas deste fato, segundo os entrevistados.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

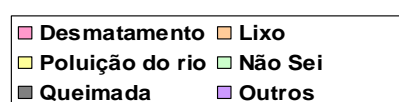
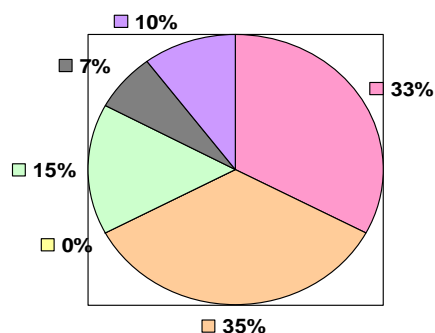
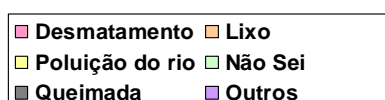
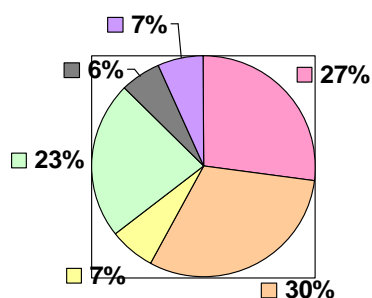


Gráfico 17 . Os principais problemas ambientais no PEMX apontados pelos educandos dos 8º e 9º Anos.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

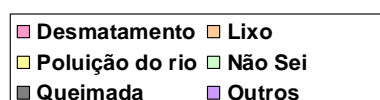
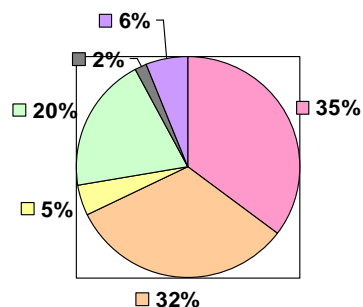
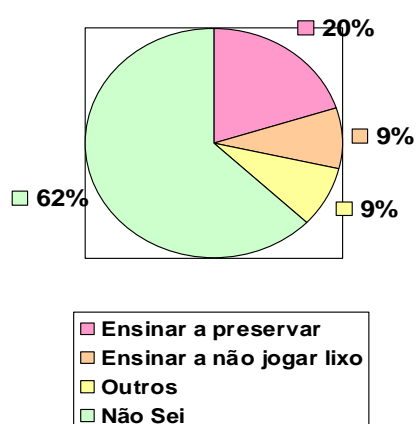


Gráfico 18 . Os principais problemas ambientais no PEMX apontados pelos educandos das 1ª e 2ª Séries.

dos sobre o papel da EA ainda é muito potencial crítico da EA ainda não faz parte do repertório de respostas dos educandos. O percentual de 30% do 9º Ano e 37% da 2ª Série respondeu que a EA deve ensinar a preservar a natureza e 21% do 9º Ano e 23% da 2ª Série responderam que a EA deve ensinar a não jogar lixo no chão. Vale salientar que houve uma grande diminuição na categoria *Não Sei* no pós-teste do 9º Ano (de 62% para 35%). Essa visão limitada sobre a EA deve muito aos eventos e as datas comemorativas ou ações educativas não contínuas e pela falta de uma reflexão crítica acerca das verdadeiras causas da nossa crise ambiental, tanto por parte da escola como por parte da mídia. Segundo Sato, (2001, p. 16). Proliferam-se, assim, ações pontuais de abraçar árvores ou oficinas de reciclagem de papel, sem nenhuma postura crítica dos modelos de consumo vivenciados pelas sociedades, ou pela análise do modo de relação dominadora do ser humano sobre a natureza, com alto valor antropocêntrico. Essa afirmação corrobora para a limitação da conceituação de uma EA com postura crítica ao atual modelo de desenvolvimento.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

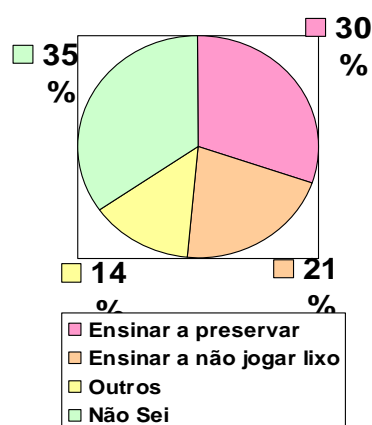


Gráfico 19 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre como a EA pode contribuir para resolver os problemas ambientais no BM e no PEMX.

1ª Série (Pré-teste)

2ª Série (Pós-teste)

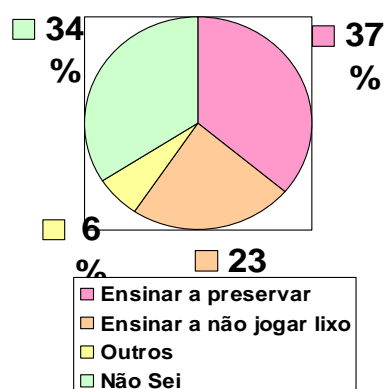
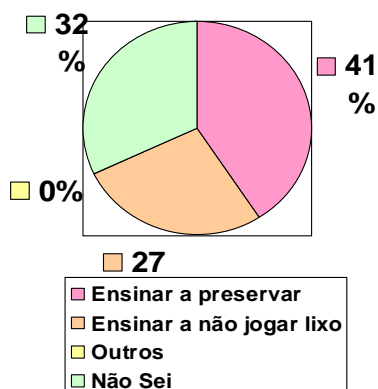
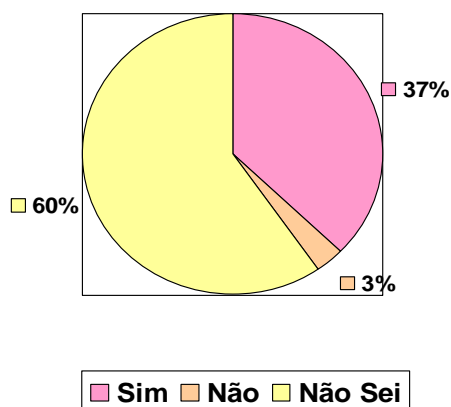


Gráfico 20 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre como a EA pode contribuir para resolver os problemas ambientais no BM e no PEMX.

Quando questionados sobre se achavam que o teatro poderia contribuir na aprendizagem escolar, o pós-teste revelou uma grande crença de forma positiva (67% no 9º Ano e 97% na 2ª Série). As experiências com teatro na EEEFMPAG ainda são pontuais e partem da iniciativa dos próprios educandos. Para Japiassu (1998), as artes são ainda contempladas sem a atenção necessária por parte dos responsáveis pela elaboração dos conteúdos programáticos de cursos para a formação de professores alfabetizadores e de propostas curriculares para a educação infantil e ensino fundamental no Brasil. Esta observação pode ser facilmente verificada na EEEFMPAG, já que grande parte das atividades artísticas promovidas na escola é de iniciativa dos próprios educandos através de grupos de dança ou gincanas.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

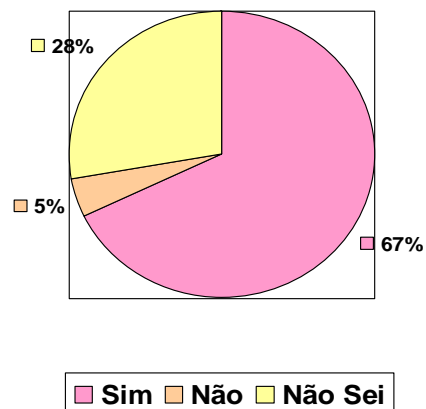
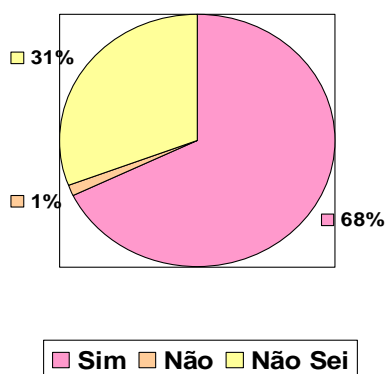


Gráfico 21 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre como teatro pode contribuir no aprendizado.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

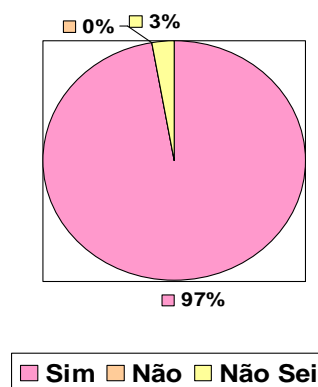


Gráfico 22 . Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre como o teatro pode contribuir no aprendizado.

...e a importância do teatro na educação, 82% disseram que o teatro ajuda na aprendizagem.

Este é também o entendimento de Japiassu (1998) quando afirma, "Em muitos *jogos teatrais* que abordam textos de maneira lúdica, a transcendência da referência objetual se dá inevitavelmente no processo desencadeado pelo jogo, oportunizando *insights* aos jogadores." Já para Leff, (1998, p. 261), "O ensino tradicional básico falha não tanto por ser disciplinar, mas por não impulsionar e orientar as capacidades cognitivas, inquisitivas e criativas do aluno e por estar desvinculado dos problemas do seu contexto sócio cultural e ambiental". Neste sentido, as artes poderiam acrescentar muito ao ensino tradicional ao lidarem com estes problemas de forma lúdica e prazerosa.

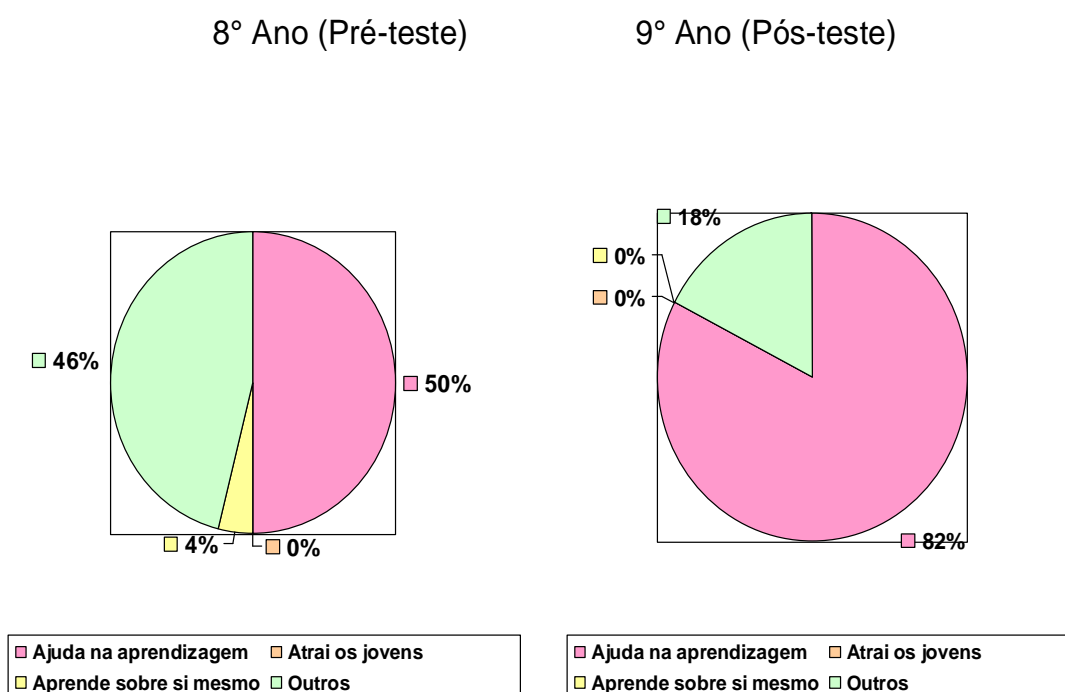
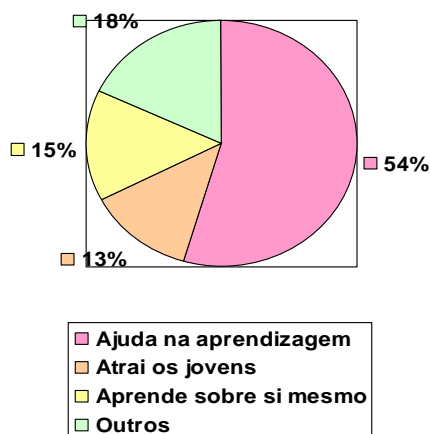


Gráfico 23 . Percepção dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre a importância do teatro na educação.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

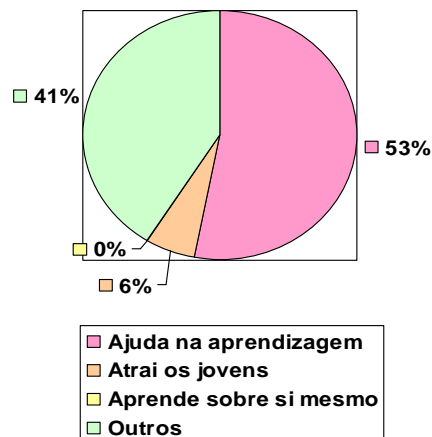
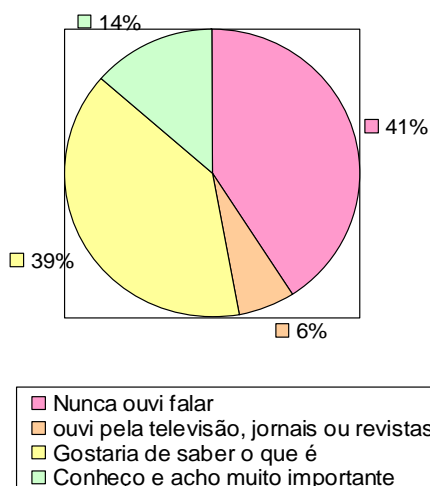


Gráfico 24 - Percepção dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre a importância do teatro na educação.

O último questionamento feito aos educando foi sobre o conhecimento que eles tinham sobre o TO. Embora quase todos saibam o que é teatro, muitos não sabem que existem as várias escolas teatrais com suas teorias e práticas específicas. No 8º Ano, 14% conheciam esta metodologia quando foi aplicado o pré-teste. Quando responderam a esta mesma pergunta, já no 9º Ano, 21% disseram que sim, conheciam o TO. Com relação a 1ª Série, apenas 4% conheciam em agosto de 2008, índice que pulou para 21% em junho de 2009. As respostas revelam que, embora não houve um aumento substancial, outros educandos passaram a conhecer esta metodologia teatral.

8º Ano (Pré-teste)



9º Ano (Pós-teste)

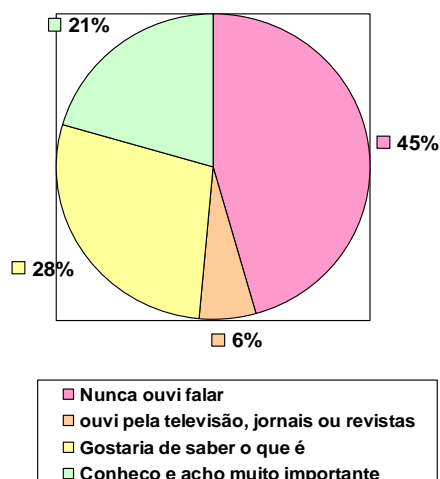
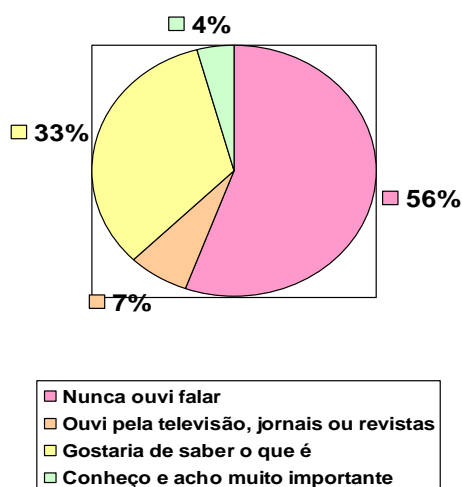


Gráfico 25 . Conhecimento dos educandos dos 8º e 9º Anos sobre o Teatro do Oprimido.

1ª Série (Pré-teste)



2ª Série (Pós-teste)

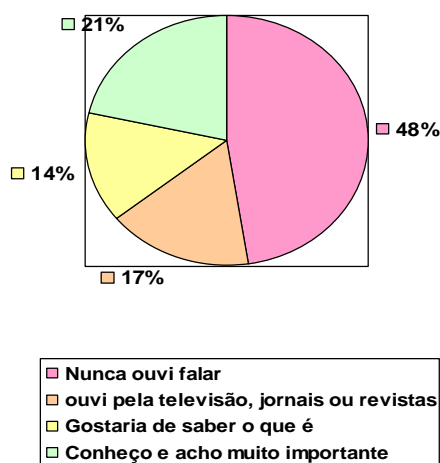


Gráfico 26 . Conhecimento dos educandos das 1ª e 2ª Séries sobre o Teatro do Oprimido.

as com a Metodologia do TO

As oficinas lúdico-pedagógicas (ver roteiro das oficinas no Anexo I) realizadas com um grupo de educandos da EEEFMPAG aconteceram na sede daquele estabelecimento de ensino e tinham duração entre uma e duas horas cada. Como já relatado anteriormente, dificuldades alheias a nossa vontade fizeram com que alguns dos nossos encontros não se realizassem como o desejado. O número de participantes variou entre três e vinte e um (uma única vez para cada um destes números). Segundo Boal (1996, p. 78)

O período da oficina em si mesmo, já é útil e revelador: cria-se um espaço estético onde os participantes podem se exprimir politicamente através dos exercícios, dos jogos do arsenal do Teatro do Oprimido, através da formação de imagens, do debate dos temas, etc.

Na primeira oficina foi apresentado o nosso projeto. As seis oficinas seguintes foram dedicadas a apresentação do TO e as suas várias técnicas. Uma atenção especial foi dada ao TF, já que este seria a nossa principal ferramenta de trabalho a ser utilizada para os espetáculos. Procurou-se explicitar a teoria e a história do TO como forma de fazer com que os participantes entendessem esta metodologia e o seu contexto histórico. Paralelamente as explicitações sobre o TO, a cada oficina nós trazíamos um tema para ser debatido no grupo. Para Barcelos (2008),

Uma proposta metodológica em educação ambiental ao mesmo tempo em que parte, necessariamente, do cotidiano, à medida que está pautada por eventos da realidade local, não pode descolar-se de uma reflexão e preocupação com o global, com o planetário. (2008, p. 93)

Seguindo esta linha de planejamento, do segundo ao quinto encontro o tema foi *Conhecendo o Nosso Ambiente: a escola e o nosso ambiente*. A intenção era fazer uma relação entre a EEEFMPAG e o meio que eles vivem e possibilitar o entendimento de que a escola não está isolada (SATO, 2001). Algumas das respostas dadas pelos participantes ao final das oficinas foram:

%Eu amo o Mutirão. Gosto da galera.+

%Sempre mostram o negativo. A mídia sempre mostra coisa ruim.+

sempre mostra coisa ruim.+
o e sujeira.+

%É um bairro desvalorizado. Falta esgoto, calçamento, sujeira.+

%É legal, apesar dos problemas.+

%Tem descaso político. Sem coleta de lixo, sem infra-estrutura.+

%A escola precisa melhorar.+

%Não tem cemitério e o lazer é na mata.+

Na sexta oficina nós trouxemos um tema com um enfoque mais específico: *Conhecendo o Nosso Ambiente: a escola e o lixo*. Este tema suscitou várias discussões, já que era uma realidade bem mais visível para eles. Houve muitos questionamentos sobre o fato de sempre apontarmos a culpa para o outro. Os educandos também expressaram a sua noção do que seria uma escola ideal. Os comentários feitos pelos participantes traduzem bem esta visão:

%Eu limpo e o outro não limpa+

%Eu não quero minha casa suja, mas eu não respeito a rua+

%A escola é suja+

%Um ambiente saudável é um ambiente limpo+

%A escola dos meus sonhos é uma escola limpa, organizada, com lixeira, com professores qualificados, com aulas de sexologia, jardins+

%Os alunos precisam ter consciência de limpeza.+

%A relação da escola com o bairro não é boa, não tem influência+

%Precisa de polícia+

%Usar a escola nas férias como uma colônia de férias+

%Precisa participação nas coisas do bairro, conscientizar os colegas+

A partir da sétima oficina, nós introduzimos temas mais complexos, como por exemplo: *Conhecendo o Nosso Ambiente: O que é natureza?* O mesmo tema foi discutido na oitava oficina. Já no nono encontro, o tema foi: *Conhecendo o Nosso Ambiente: O que é meio ambiente?* Durante estes encontros, os educandos nos surpreenderam ao resgatarem o mito da

ha) e alguns buscaram, através de entrevistas com os idosos, conhecer mais sobre este mito (ver Anexo II). Este resgate foi importante por dois motivos: primeiro pela interação intergeracional quando os educandos foram entrevistar seus parentes mais velhos e, segundo pela valorização dos mitos criados pelos povos tradicionais. Também foi a partir da sétima oficina que começamos a refletir sobre um tema para o nosso espetáculo. Vejamos alguns comentários dos educandos quando a discussão foi sobre natureza e meio ambiente.

%Tudo que está a nossa volta.+

%Tudo que Deus criou.+

%Tudo que é natural.+

%A gente é natureza.+

%Vida.+

%Quando eu destruo a natureza, os animais vão invadir o meu espaço.+

A partir do momento que os educandos decidiram que queriam trabalhar a temática do lixo na escola, nós voltamos a destacar este tema nas oficinas. O décimo, o décimo primeiro e o décimo segundo encontros tiveram como tema: *O Lixo que Produzimos*. Já no décimo terceiro, discutimos o tema *Soluções para o Lixo que Produzimos*. Os comentários ainda mostram que os educandos não enxergavam uma relação entre consumismo e lixo produzido de forma exagerada e desnecessária. Muitas vezes a escola reafirma modelos e padrões de desenvolvimento sem questioná-los (SATO, 2002). Leiamos alguns das falas dos educandos a respeito da problemática do lixo:

²⁹ Comadre Fulorzinha é uma personagem mitológica do Nordeste brasileiro, o espírito de uma cabocla de longos cabelos, ágil, que vive na mata protegendo a natureza dos caçadores, que gosta de ser agradada com presentes, principalmente fumo e mel.

Algumas pessoas a confundem com Caipora (ou *Caapora*) ou Curupira. Tem personalidade zombeiteira, algumas vezes malvada, outras vezes prestimosa.

Diz-se que açoita violentamente aqueles que adentram suas matas sem levar uma quantidade de fumo como oferenda e também lhes enrola a língua. Furtiva, seu assovio se torna mais baixo quanto mais próxima ela estiver, parecendo estar distante. Ela também gosta de fazer tranças e nós em crina e rabo de cavalo, que ninguém consegue desfazer, somente ela, se for agradada com fumo e mel. Dizem, também, ser vista à distância em forma de bola de fogo.

na escola com papel de bala, caneta estragada, guardanapos usados, poeira, sandália suja com lama, chiclete e folha de papel.+

%O problema é que a escola não tem lixeiros.+

%Quando a escola está limpa ela fica mais bonita, menos poluída e melhora aprendizagem+

%Nós precisamos de um jardim, mutirão de limpeza, gramado, árvores, limpar o mato e dois inspetores para vigiar tudo.+

%Para melhora a escola, os professores precisam ter mais autoridade, chamar o supervisor e o diretor;

%Botar lixeiro nas salas, limpar as paredes;

%Chamar o Conselho Tutelar;

%Qualificar os professores;

%Ter psicólogo educacional;

%Respeitar o professor.+

O décimo quarto encontro foi dedicado apenas ao ensaio geral. Após a apresentação do espetáculo, encerramos o semestre com uma avaliação sobre as nossas atividades e sobre o espetáculo. Aqui citaremos alguns comentários feitos pelos educandos:

%Aprendemos sobre o TO e sobre o meio ambiente.+

%O que nós aprendemos nos ajudou nas aulas.+

%Ainda não colocamos na prática o que aprendemos.+

%Foi bom discutir a escola dos nossos sonhos.+

%Aprendemos que tudo vem da natureza.+

%Não ajudou na escola, mas sim no dia-a-dia.+

%Teve desistência de alguns e falta de interesse.+

%Foi bom ter apresentado a peça.+

%A interação do público com a peça foi boa, mesmo sem apresentar a solução. Tivemos quatro intervenções na peça.+

Os nossos encontros foram retomados em fevereiro de 2009. Algo que não esperávamos era a mudança de alguns educandos da 2ª Série para o turno da noite ou para outras escolas. Também perdemos dois educandos do

...ora eles quisessem continuar a participar do ...a-se apenas no 9º Ano e na 2ª Série do turno da tarde e não nos foi possível permitir a permanência deles junto ao grupo.

A décima sexta oficina foi dedicada a fazermos uma memória sobre o semestre passado e a questão da EA na EEEFMPAG. Os educandos recebem informações, mas muitas vezes são repassados friamente, segundo eles. Ainda acontecem as ações pontuais como a comemoração do Dia da Árvore, por exemplo, mas nenhuma discussão crítica a respeito do consumismo na sociedade. A esse respeito, os educandos disseram:

%Alta Educação Ambiental na escola.+

%A mídia incentiva a competição mostrando que sempre existe um ganhador e um perdedor.+

%Existe a idéia de que precisamos vencer a natureza.+



Figura 12 . Os educandos praticam os jogos e exercícios usados para intercalar as discussões sobre a problemática ambiental no Bairro do Mutirão.

oram dedicadas a apresentação da Árvore do
s cada aspecto que é essencial para a prática
do TO, lembrando principalmente a questão da ética como motor para
repensar as nossas atitudes e as nossas relações de poder: homem versus
mulher, ser humano versus natureza, etc. Para Boff, (2005) %Não podemos
mais nos apoiar no poder como dominação e na voracidade irresponsável da
natureza e das pessoas.+ As discussões com os integrantes do grupo
centraram-se principalmente no falar versus agir. Seguem algumas falas
pronunciadas pelos educandos:

- %Não é ético usar mais do que precisamos.+
- %Devemos começar a melhorar as coisas na nossa própria casa.+
- %É importante saber a nossa história.+
- %Ética não é somente falar, é fazer.+
- %O exemplo fala mais alto.+

O décimo nono e o vigésimo encontros tiveram como tema o *Manifesto do Teatro do oprimido* (ver apêndice III) e a pergunta *O que é um ecossistema?* Foi interessante perceber que os jovens ainda estavam muito interessados em discutir a crise ambiental que estamos vivenciando no planeta nestes dois encontros. Apesar de tentarmos focar nos temas propostos, era visível que os integrantes preferiam continuar a discussão sobre as questões éticas que nos levaram a esta crise. Esta preocupação reflete a afirmação de Boff (2005), %Hoje, em face da crise ecológica mundial, a grande pergunta é, como devemos viver? Como nos relacionar com a Terra para preservá-la, não a ameaçar e garantir a nossa própria vida e a vida e existência de todos os demais seres que vivem na Terra?+. Certamente as oficinas prévias semearam estas perguntas que não queriam calar. Alguns comentários feitos pelos participantes foram:

- %O que diferencia os seres humanos dos outros animais é o livre arbítrio, a escolha.+
- %O que nos diferencia é o cuidado, o partilhar.+
- %Ricos ou pobres poluem mais? Os pobres consomem também, não no mesmo nível, mas consomem.+
- %Nós estamos em crise.+

ente na sala de aula. As pessoas não prestam
atenção.+

Sentindo a necessidade de aprofundar o tema *O que é um ecossistema?* continuamos com esta discussão na vigésima, vigésima primeira e vigésima segunda oficinas para que os educandos tivessem um melhor entendimento sobre este termo, já que percebemos que seria importante, visto que a escola, muitas vezes, aborda estes temas de forma superficial e disciplinar. %A abordagem na educação ambiental deve ser sempre interdisciplinar, cujo objetivo é superar a fragmentação do conhecimento.+ (FONSECA; COSTA; COSTA, 2005, p. 146). A partir deste momento, também começamos a pensar o nosso segundo espetáculo teatral.

O tema *Consumismo* foi focado nas duas oficinas seguintes. A questão do consumo perpassa toda a problemática ambiental dos nossos dias. Se uns consomem mais que outros, este ato está imbuído de uma ideologização nunca antes vista na humanidade. O consumo desenfreado é a base do sistema capitalista e para Sato (2002, p. 22), %Este sistema favorece a outra crise, a crise ecológica, favorecendo o consumo de todos os bens naturais e culturais.+ O discurso Neoliberal do direito ao consumo esconde questões como: Consumir o que e consumir para que? Como é produzido o que eu consumo? Este pensamento escamoteia o que vem a ser uma verdadeira cidadania.

O modelo da sociedade de consumo de massa, hegemônico no Ocidente e imposto a todo o mundo, alicerçado no desenvolvimento material sem limites nem restrições e em um consumismo irracional e predatório, degrada o meio ambiente em todas as suas instâncias (biológica, cultural, política, social, ética) e a própria natureza humana, coloca em risco o planeta Terra e a sobrevivência da humanidade (GONÇALVES; SOARES e CORTEZ, 2007, p. 181).

Os dois encontros que se seguiram foram dedicados a pensar, planejar e discutir as cenas que seriam apresentadas. O grupo discutiu quais seriam as ações predatórias mais visíveis e freqüentes no PEMX baseado nas suas experiências. Para Reigota (1994a, p. 26-27), %Na educação escolar deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno, procurando levantar os

unidade, as contribuições da ciência, os
as possibilidades concretas para a solução
deles.+

Os integrantes do grupo se mostraram bastante entusiasmados com a pintura do painel que serviu de cenário para o segundo espetáculo, que tinha como inspiração a Mata do Xem-xém (ver Figura 13). Esta atividade foi desenvolvida nas vigésima sétima e vigésima oitava oficinas. O mesmo aconteceu quando, no vigésimo nono encontro, eles decidiram parodiar a composição Razões e Emoções da Banda NX Zero (ver Anexo V) para encerrar o espetáculo. Estas ações ajudaram na integração do grupo e a mostrar que o trabalho de equipe pode superar as dificuldades e aumentar a criatividade. Segundo Abílio (2008), *Na atividade lúdica, o que importa não é apenas o produto da atividade, o que dela resulta, mas a própria ação, o momento vivido*+(2008, p. 344).



Figura 13 . Integrantes do grupo pintam o painel que serviu de cenário para a segunda peça teatral



oficina do semestre para o ensaio geral. Cabe
as lúdico-pedagógicas foram um espaço para
a prática dos jogos e exercícios do TO como forma de integrar os participantes
e fazer com que tivéssemos discussões prazerosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência na EEEFMPAG comprovou que o conteúdo repassado de forma mecânica ainda é uma constante na vida escolar da maioria dos educandos daquele estabelecimento de ensino público. Em oficinas semanais nós praticamos os jogos e exercícios do TO e também fizemos a relação entre estes jogos e o conteúdo sobre meio ambiente. Um enfoque especial foi dado à preservação do PEMX. Esta reserva está encravada no meio do BM e vem sofrendo com o crescimento urbano desordenado e suas conseqüências. Foi possível perceber um aumento no nível das discussões por parte dos integrantes do grupo a cada semana e um aprofundamento das reflexões.

Sem dúvida alguma, a metodologia do TO funcionou como motor para esta experiência como uma EA lúdica, participativa e crítica. Os jogos e exercícios trouxeram uma leveza para as discussões e possibilitaram uma abertura e uma cumplicidade que não seria tão fácil de conseguir em tão pouco tempo de encontro e apenas uma vez a cada semana.

Extremamente importante foi a possibilidade de os educandos, eles mesmos, escolherem as temáticas a serem trabalhadas nos espetáculos teatrais, assim como a feitura do cenário para a segunda peça e a composição de uma paródia musical idealizada pelos próprios participantes.

As apresentações também promoveram um importante intercâmbio com o restante dos educandos que não fizeram parte do processo semanal das oficinas lúdico-pedagógicas e um grupo de idosos da comunidade.

Uma das surpresas da pesquisa foi a ausência dos educandos da 2ª Série do Ensino Médio nas últimas oficinas e do processo de feitura do segundo espetáculo teatral. Tal fato pode ser atribuído à proximidade com a preparação para a tomada de exames para a entrada na universidade e no mundo profissional. Por isso sugerimos que este tipo de trabalho seja desenvolvido com educandos do ensino fundamental, pois estes ainda não sofrem as pressões para a inserção no mercado de trabalho ou no ensino superior.

Por fim, concluímos que o TO é uma ferramenta válida para a EA e pode ser amplamente utilizada, pois é de fácil acesso e possibilita, além do conhecimento, o prazer de fazer teatro, levar o teatro e deixar que o outro

é no resultado do espetáculo teatral. Porém, é ambiental esteja aberto a criatividade dos adolescentes e jovens, assim como paciente às mudanças de humores tão comuns nesta fase da vida.

Que esta pesquisa, como todas deveriam, tenha promovido a justiça e a cidadania ambiental e ajudado a um grupo de adolescentes a perceber o mundo a sua volta de uma maneira crítica, mas ao mesmo tempo permeada por arte e novas possibilidades de aprendizagem.

Almeja-se que este trabalho tenha contribuído para uma mudança de postura naquela escola e na comunidade onde ela está localizada, pois as grandes mudanças começam com pequenas peças teatrais. Assim, o PEMX poderá continuar proporcionando o espetáculo da diversidade da vida neste planeta para todos que o visitarem.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Francisco José Pegado. **Ética, Cidadania e Educação Ambiental**. In Meio Ambiente e Desenvolvimento: Bases Para uma Formação Interdisciplinar. ANDRADE, Maristela Oliveira de (Org). João Pessoa: Editora Universitária. 2008.
- ARAÚJO, Alexandre Falcão de e PASQUARELLI, Vital. **Teatro e Educação Ambiental. Um Estudo sobre Ambiente, Expressão Estética e Emancipação**. Rio Grande: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. 2007.
- ARAÚJO, Alexandre Falcão. **Teatro e Educação Ambiental: Um Estudo a respeito de Ambiente, Expressão Estética e Emancipação**. Piracicaba: Relatório Final do projeto de Iniciação Científica apresentado a FAPESP. 2005.
- BARBIERI, Edson. **Biodiversidade: Capitalismo Verde ou Ecologia Social**. São Paulo: Editora Cidade Nova. 1998.
- BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: Sobre Princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis: Editora Vozes. 2008.
- BERNA, Vilmar. **Como Fazer Educação Ambiental**. São Paulo: Paulus. 2004.
- BERRY, Thomas. **The Dream of the Earth**. San Francisco: Sierra Books Club. 1988.
- BOAL, Augusto. **Função Ritual, Comercial e Política da Arte**. Metaxis: Fábrica de Teatro Popular do Nordeste. Ano 5. 2008.
- _____. (a). **Jogos para Atores e Não-Atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
- _____. (b). **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.
- _____. **O Teatro como Arte Marcial**. Rio de Janeiro: Garamond. 2003.
- _____. **Teatro Legislativo: Versão Beta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1996.
- _____. **O Arco-íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1992.
- Boff, Leonardo. **Ética da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante. 2005.
- _____. **Princípio-Terra: A Volta à Terra como Pátria Comum**. São Paulo: Editora Ática. 1995.

Participante na América Latina. São Paulo:

CARDOSO, Claudete da Cruz. **Educação Ambiental Crítica**: Contribuições para uma mente e um sistema Sócio-Econômico Menos Degradante. In Revista Educação Ambiental em Ação. Número 27, Ano VII. 2009.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação**. In Identidade da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004.

CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. **A Pedagogia radical de Henry Giroux e a Educação Ambiental crítica**: Rumo a uma ambientalização da pedagogia. João Pessoa: Editora Universitária. 2006.

CHEMBENE, Dinis; Outros. **Um Teatro Ético, um Teatro Solidário**. In Metaxis: Fábrica de Teatro popular do Nordeste. Número 5. 2008.

Coimbra, Audrey de Souza e FERNANDES, Adriano de Amorim. **Movimentos Sociais e Educação Ambiental**. In Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental: Rio Grande. Volume 15. 2005

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA. **Teatro e Transformação Social: Teatro Fórum e Agitprop**. São Paulo. 2006.

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro & Pensamento**. São Paulo: Perspectiva. 2003.

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS-Latim. Porto: Porto Editora. 2000.

FERNANDO, J; CARDOSO, Rosa Maria Cury. **Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Santa Cecília: Ícone Editora. 2002.

FIALHO, Terezinha. **Teatro na Educação: Um Desafio**. João Pessoa: Editora Universitária. 1998.

FONSECA, Vera Lucia Bastos de; COSTA, Mara de Fátima Barrozo da e COSTA, Marco Antônio Ferreira. **Educação Ambiental no Ensino Médio: Mito ou Realidade**. Rio Grande: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Civilização Brasileira. 1998.

_____. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1999.

ológica. Rio de Janeiro: Editora Guanabara

GOLDBERG, Luciane Germano. **Arte-Educação-Ambiental: O resgate da singularidade e a formação de um imaginário ambiental.** In Fundamentos , reflexões e experiências em educação ambiental. PAZ, Ronilson, José da (Org.). João Pessoa: Editora Universitária. 2006.

GONÇALVES, Marcio L. Q.; SOARES, Maria L. de A. e CORTEZ, Ana T. C.. **Educação Ambiental ou Educação para o Desenvolvimento Sustentável: alternativas para uma crise de civilização.** João Pessoa: In Revista Gaia Scientia. 2007.

GUERRA, Rafael Angel Torquemada e ABÍLIO, Francisco José Pegado. **Educação Ambiental na Escola Pública.** João Pessoa: Foxgraf. 2006.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental Crítica.** In Identidade da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004.

JACOBI, Pedro Roberto; **Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo.** São Paulo: Revista Educação e Pesquisa. V. 31, n. 2, p. 233-250. 2005

JAPIASSU, Ricardo Otonni Vaz. **Jogos Teatrais na Escola Pública.** São Paulo: Ver. Fac. Educ. v.24 n.2. jul/dez 1998.

JORNAL CORREIO DA PARAÍBA. **Agenda Brasileira é tida como Vergonhosa.** João Pessoa. P. A5. 21/10/09.

KUNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial: Uma Moral Ecumênica em Vista de uma Sobrevivência Humana.** São Paulo: Paulinas. 2001.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental. Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Rio de Janeiro: Vozes. 1998.

LEONARDI, M. **A Educação ambiental como Instrumento de Superação da Insustentabilidade da Sociedade Atual.** In CAVALCANTE, C. (Org.). Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco. 1999.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental.** In Identidade da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004.

- _____, Ricardo Bernardo. **Educação Ambiental** da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004.
- _____, e LIMA, Maria Jacqueline Girão Soares de, **A Educação Ambiental e a Escola; uma tentativa de (re)concialiação**. João Pessoa: Editora Universitária. 2006.
- MAMEDE, Simone B. **Interpretando a Natureza! Subsídios para a Educação Ambiental**. Campo Grande. Uniderp. 2003.
- MENDES, E. M. B. **O Teatro do Oprimido a Serviço da Educação Popular na Construção de um Ser Crítico/Libertador**. Maceió. 2000.
- MORAIS, Luciano Ferreira de Moraes; SATO, Michele. **O Teatro do Oprimido e da Crueldade como Expressões de Criação Sociopoética e da Educação Ambiental**. João Pessoa: Conferência da Terra. 2008.
- NAZIAZENO, Dione e Outros. **Os Espectadores e o Teatro Fórum**. In Revista Metaxis: A Revista do Teatro do Oprimido.
- PASSOS, Luiz Augusto e SATO, Michele. **Estética da Carta da Terra: pelo prazer de na tensividade) com-viver com a diversidade!** In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). 2008.
- NORDI, Nivaldo et al. **Etnoecologia, Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**. In A contribuição da Educação Ambiental à Caixa de Pandora. SATO, Michèle e SANTOS, José Eduardo dos, (Orgs.). São Carlos: Rima Editora. 2006.
- PEDRINI, Alexandre de Gusmão e DEPAULA, Joel Campos. **Educação Ambiental: Críticas e Propostas**. In Educação Ambiental: Reflexões e práticas contemporâneas. PEDRINI, Alexandre de Gusmão (Org.). Petrópolis: Vozes. 1998
- PEIXOTO, Fernando. **O Que é Teatro?** São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.
- Programa Nacional de Educação Ambiental. Ministério da Educação. Brasília: 2003.
- PENNEC, Mado Le. **Trabalho Social: A Instituição em Duas Cenas**. In Metaxis: A Revista do Teatro do Oprimido. Ano I Número 1. Rio de Janeiro. Gráfica Duas Mil Cores. 2001.
- PENTEADO, Heloísa D. **Meio Ambiente e Formação de Professores**. São Paulo: Cortez Editora. 1994

outros. **Uma Experiência de Teatro Fórum**. São Paulo: Metaxias. Número 5. 2008.

_____, **O Teatro como Instrumento de Comunicação e Formação do Leitor Crítico**. In Revista Metaxis. Número 5. 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O Desafio Ambiental**. Rio de Janeiro: Record. 2004.

RAMOS, Vanessa. **Teatro por Vias Opostas**. São Paulo. Jornal Brasil de Fato. P. 12. 3 a 9 de Julho de 2008.

REIGOTA(a), Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1994.

_____. (b). **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Editora Cortez. 1994.

ROVAI, Renato; AYER, Maurício. **A gente aprende ensinando**. Entrevista com Augusto Boal. São Paulo. Revista Fórum. 2008.

RUSS, Bruna Ribas; ALMEIDA, Doriane Conceição de e SAVI, Maurício. **Sensibilização Ambiental Através da Arte**. In Revista Educação Ambiental em Ação. Número 28, Ano VIII. 2009

SANT'ANNA, Ilza Martins; MENEGOLLA, Maximiliano. **Didática: Aprender a Ensinar. Técnicas e Reflexões Pedagógicas para Formação de Formadores**. São Paulo: Edições Loyola. 2002.

SANTOS, Barbara. **Um Outro Mundo é Possível!** In Revista Metaxis: A Revista do Teatro do Oprimido. Ano I Número 1. Rio de Janeiro. Gráfica Duas Mil Cores. 2001.

_____. **O Curinga e a Arte de Curingar**. In Metaxis: A Fábrica de Teatro Popular do Nordeste. Número 5. 2008

SATO, Michele. **Debatendo os Desafios da Educação Ambiental**. Rio Grande: Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental. 2001.

_____. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima Editora. 2002

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental e Desenvolvimento sustentável: Uma Análise Complexa**. Revista de Educação Pública, V. 06 N° 10 Jul/Dez . 1997.

SEGURA, D. S. B. **Educação Ambiental na Escola Pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo. Annablume/Fapesp. 2001

SILVA, Maria Rizolena Miranda da. **História da Fundação do Bairro Mário Andreazza**. Bayeux: Trabalho Mimiografado. 1994.

Educação Ambiental: Por quê? Para quê? Para quem? In: *Educação Ambiental em Ação*. Número 29, Ano VII. 2009.

SOUZA, Rosimeri Melo e CRUZ, Cláudia. A. C. **Reflexões sobre práticas discursivas no campo ambiental e programas de desenvolvimento sustentável**. João Pessoa: In Gaia Scientia. 2007

STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus. 1990.

SUDEMA. Atualização do Diagnóstico Florestal do Estado da Paraíba 2004. João Pessoa: Gráfica Santa Marta. 2004.

TAMAIÓ, I. **O Professor na Construção do conteúdo de Natureza: uma experiência de Educação Ambiental**. São Paulo: Annablume. 2002.

TOLSTOI, Leon. **O que é Arte? A polêmica visão do autor de Guerra e Paz**. Rio de Janeiro: Ediouro. 2002.

TOUSO, Débora Minelli. **Arte nas Paredes**. In Meio Ambiente: Coleção Temas Transversais. Baccega, Maria Aparecida (Org.). São Paulo:Ícone Editora. 2000.

VASCONCELOS, Hedy Silva Ramos de, **A Pesquisa-Ação em Projetos de Educação Ambiental**. In Educação Ambiental:Reflexões e práticas contemporâneas. PEDRINI, Alexandre de Gusmão(Org)Petrópolis:Vozes. 1998

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo:Companhia das Letras. 1997


VILLAS-BOAS, Dinabel; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Educação Ambiental na Escola: Descobrindo o Manguezal**. João Pessoa. 2002.

VEIGA, Bruno G. A. Duarte; LAURA G. e VASCONCELOS, Lia T. **Gestão das Águas e Participação Social**. In V Congresso Ibérico de Gestão e Planejamento da Água. 2006.

ZAIDAN, Michel. **Políticas Públicas, Escola e Direitos Multiculturais**. In Educação Popular e Movimentos Sociais. SCOCUGLIA, Afonso Celso; JEZINE, Edineide (Orgs). João Pessoa: Editora Universitária. 2006.

Apêndice I

Questionário utilizado com a diretoria.

	<p align="center">UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE - PRODEMA Sub-Programa UFPB-UEPB</p>
---	--

Dissertação de Mestrado: O Teatro do Oprimido como Instrumento para a Educação Ambiental

Mestrando: Flávio José Rocha da Silva
Orientador: Prof. Dr. Francisco José Pegado Abílio

DIAGNÓSTICO: Estrutura Funcional e Pedagógica da Escola

1. IDENTIFICAÇÃO:

Nome da Escola: -----

Endereço: -----

Diretor: ----- Supervisor: -----

Telefone: -----

2. ESTRUTURA FUNCIONAL

2.1. Número total de alunos matriculados na escola: -----

Ensino Fundamental: ----- Ensino Médio: -----

2.3. Número de Alunos por turno

Matutino: E. Fundamental ----- E. Médio: -----

Vespertino: E. Fundamental ----- E. Médio: -----

Noturno: E. Fundamental ----- E. Médio: -----

2.4. Número de Professores (as) da Escola:

E. Fundamental ----- E. Médio: -----

Nível de Formação Profissional:

() Nível Superior com Formação Pedagógica

() Nível Médio com formação Pedagógica

() Outros: -----

2.5. Serviço Técnico-Pedagógico existente:

Supervisor Escolar:-----

Orientador Escolar: -----

Gestor Escolar: -----

Psicólogo Educacional: -----

Pedagógico: :----- Não: -----

3. INFRA-ESTRUTURA:

3.1. Número de Salas de Aula da Escola: -----

3.2. Estrutura Presente e em Boas condições de Uso:

- () Sala de Vídeo () Sala para Professores () Sala de Atendimento ao Aluno
() Laboratório de Ciências () Laboratório de Informática () Biblioteca
() Auditório () Cantina () Bebedouros
() Sala de Estudos e Planejamento () Sala de Supervisão () Quadra de Esportes
() Campo de Futebol () Ginásio Coberto () Cozinha () Almoxarifado

Outros:

4. RECURSOS DIDÁTICOS PRESENTES E DISPONÍVEIS PARA USO

- () Retroprojektor () Computador () Internet () Projetor de Slides
() Máquina de Xérox () Videoteca () Mimeógrafo () Vídeo Cassete
() TV () Espirilytes () Gravador () Microsystem (Som)
() Álbum Seriado () Software () CD Rom () Jogos Educativos
() Kits Didáticos

Outros:

5. ASPECTOS DO AMBIENTE E FUNCIONAMENTO ESCOLAR

5.1. Área Construída (m²): -----

6.2. Área Total (m²): -----

6.3. Quanto ao Fornecimento de Água e Energia:

6.3.1. Costuma faltar água?: -----

6.3.2. Procedência da água: CAGEPA: ----- Poço: -----

6.3.3. Existe Saneamento Básico na área da Escola?: -----Fossas sanitárias? --

6.6.4. Costuma faltar energia?: Sim: ----- Não: -----

6.4. A escola é murada? Sim: ----- Não: -----

6.5. A escola é pintada? Sim: ----- Não: -----

6.6. Quanto à arborização do pátio da escola:

- () Inexiste () até 10 árvores () de 10 a 20 árvores

la é bem arborizado

6.7. Quanto a Merenda Escolar.

() Fornecimento diário () Esporádico () Não Oferece

7. QUANTO A INFORMATIZAÇÃO

7.1. Número de computadores que a escola dispõe: -----

7.2. Usuários dos computadores:

() Professores () Alunos () Funcionários () Comunidade

7.3. A escola possui assinatura com algum provedor de acesso a Internet?

() sim () não Qual? -----

8. CONDIÇÕES MATERIAIS E MANUTENÇÃO DA ESCOLA

8.1. Cadeiras em condições de uso e suficientes? () sim () não

8.2. Birôs para professores em todas as salas? () sim () não

8.3. Armários individualizados para professores? () sim () não

8.4. O material de expediente (papel, grampo, clips, pincel atômico, giz, etc.) é disponível e acessível a funcionários e professores? () sim () não

8.5. As salas de aulas recebem influência externa de barulhos? () sim () não

8.6. Estado geral das janelas, portas, paredes, pisos e telhados:

() bom () regular () ruim

8.7. Iluminação natural das salas de aula:

() bom () regular () ruim

8.8. Ventilação natural das salas de aula:

() bom () regular () ruim

8.9. Condições de acústica das salas de aula:

() bom () regular () ruim

8.10. Estado geral dos banheiros:

() bom () regular () ruim

8.11. Estado geral dos bebedouros:

() bom () regular () ruim

9.1. A escola recebe algum tipo de recurso financeiro? () sim () não

9.2. Se recebe, qual a origem da fonte de renda?

() Governo Federal () Governo Estadual () Governo Municipal

() Convênios () outros: -----

9.3. Valor estimado da verba anual da escola: -----

9.4. Quem Gerencia esta verba?

() Comissão ó Membros: -----

() Direção

() outros: -----

9.5. O uso dos recursos é direcionado à que áreas (em porcentagem)?

Material Didático: -----

Manutenção da escola: -----

Merenda dos alunos: -----

Outros: -----

**A equipe do projeto agradece sua colaboração
MUITO OBRIGADO**

Apêndice II

Questionário utilizado com os educandos do 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e da 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio da EEEFMPAG no Pré-Teste



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE - PRODEMA
Sub-Programa UFPB-UEPB

Dissertação de Mestrado: O Teatro do Oprimido como Instrumento para a Educação Ambiental

Mestrando: Flávio José Rocha da Silva

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Pegado Abílio

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Idade: -----

Sexo () Feminino () Masculino

Turma/Série: _____

Ocupação fora da escola (trabalha? Pratica esportes?):

Você acha a **Escola** um lugar agradável? Como seria a **Escola Ideal** pra você?

Quais **Assuntos** você gostaria que fossem tratados na escola pelos professores (além dos conteúdos das disciplinas)?

A escola promove **Atividades Esportivas e Culturais**? Se ela promove, como você participa destas atividades?

No seu ponto de vista o que vem a ser:

Meio Ambiente? -----

--

Educação Ambiental? -----

Desenvolvimento Sustentável? -----

Biodiversidade? -----

Quais os principais **Problemas Ambientais** que você tem conhecimento no **Bairro do Mutirão**?

Qual a Importância da **Mata do Xém-xém** para o Bairro do Mutirão?

Você conhece alguns **Animais** e **Plantas** típicas que ocorrem na **Mata do Xém-xém**? Você poderia citar alguns / algumas?

Quais os principais **Problemas Ambientais** que você tem conhecimento na **Mata do Xém-xém**?

Como a **Educação Ambiental** pode contribuir para resolver os **Problemas Ambientais** tanto no **Bairro do Mutirão** quanto na **Mata do Xém-xém**??

Qual a importância do **Teatro na Educação**? Você acredita que o **teatro na escola** pode contribuir para um melhor aprendizado dos conteúdos? Justifique sua resposta.

Você tem conhecimento sobre o Teatro do Oprimido?

- () Nunca ouvi falar
- () Ouvi falar na Televisão ou li em jornais e revistas
- () Gostaria de saber o que é
- () Conheço e acho muito importante.

Justifique sua resposta:

Apêndice III

Questionário utilizado com os educandos do 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e da 1ª e 2ª Séries do Ensino Médio da EEEFMPAG no Pós-Teste



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE - PRODEMA
Sub-Programa UFPB-UEPB**

Dissertação de Mestrado: O Teatro do Oprimido como Instrumento para a Educação Ambiental

Mestrando: Flávio José Rocha da Silva

Orientador: Prof. Dr. Francisco José Pegado Abílio

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

No seu ponto de vista o que vem a ser :

Natureza?

Meio Ambiente?

Educação Ambiental?

Desenvolvimento Sustentável?

Biodiversidade?

Quais os principais **Problemas Ambientais** que você tem conhecimento no **Bairro do Mutirão?**

.....

Qual a Importância da **Mata do Xém-xém** para o Bairro do Mutirão?

.....

e **Plantas** típicas que ocorrem na **Mata do**
juns / algumas?

Quais os principais **Problemas Ambientais** que você tem conhecimento na
Mata do Xém-xém?

Como a **Educação Ambiental** pode contribuir para resolver os **Problemas**
Ambientais tanto no **Bairro do Mutirão** quanto na **Mata do Xém-xém??**

Qual a importância do **Teatro na Educação?** Você acredita que o **teatro na**
escola pode contribuir para um melhor aprendizado dos conteúdos? Justifique
sua resposta.

Você tem conhecimento sobre o Teatro do Oprimido?

- () Nunca ouvi falar
- () Ouvi falar na Televisão ou li em jornais e revistas
- () Gostaria de saber o que é
- () Conheço e acho muito importante.

Justifique sua resposta:

Apêndice IV

***Manifesto divulgado pela Associação Internacional do Teatro do Oprimido
É AITO.***

Manifesto do Teatro do Oprimido³⁰

Leia o Manifesto do Teatro do Oprimido, produzido pela Associação Internacional do Teatro do Oprimido. Isso mesmo, internacional. Associação Internacional do Teatro do Oprimido (AITO)

Declaração de princípios Preâmbulo

1. O objetivo básico do Teatro do Oprimido é o de Humanizar a Humanidade.
2. O Teatro do Oprimido é um sistema de Exercícios, Jogos e Técnicas Especiais baseadas no Teatro Essencial, que busca ajudar homens e mulheres a desenvolverem o que já trazem em si mesmos: o teatro.

O Teatro Essencial

3. Todo ser humano é teatro!
4. O teatro se define pela existência simultânea · dentro do mesmo espaço e no mesmo contexto · de espectadores e atores. Todo ser humano é capaz de ver a situação e de ver-se, a si mesmo, em situação.
5. O Teatro Essencial consiste em três elementos principais: Teatro Subjetivo, Teatro Objetivo e Linguagem Teatral.
6. Todo ser humano é capaz de atuar : para que sobreviva, deve produzir ações e observar o efeito de suas ações sobre o meio exterior. Ser humano é ser teatro: ator e espectador co-existem no mesmo indivíduo. Esta co-existência é o Teatro Subjetivo.

³⁰ <http://www.opalco.com.br/foco.cfm?persona=materias&controle=112>

...nita a observar uma coisa, pessoa ou espaço, à sua capacidade e à sua necessidade de produzir ações, a energia e o seu desejo de agir são transferidos para essa coisa, pessoa ou espaço, criando, assim, um espaço dentro do espaço: o Espaço Estético. Este é o Teatro Objetivo.

8. Todos os seres humanos utilizam, na vida diária, a mesma linguagem que os atores usam no palco: suas vozes e seus corpos, movimentos e expressões físicas. Traduzem suas emoções, desejos e idéias em uma Linguagem Teatral. Teatro do Oprimido

9. O Teatro do Oprimido oferece aos cidadãos os meios estéticos de analisarem seu passado, no contexto do presente, para que possam inventar seu futuro, ao invés de esperar por ele. O Teatro do Oprimido ajuda os seres humanos a recuperarem uma linguagem artística que já possuem, e a aprender a viver em sociedade através do jogo teatral. Aprendemos a sentir, sentindo; a pensar, pensando; a agir, agindo. Teatro do Oprimido é um ensaio para a realidade.

10. Oprimidos são aqueles indivíduos ou grupos que são, social, cultural, política, econômica, racial ou sexualmente despossuídos do seu direito ao Diálogo ou, de qualquer forma, diminuídos no exercício desse direito.

11. Diálogo é definido como o livre intercâmbio com os Outros, individual ou coletivamente; como a livre participação na sociedade humana entre iguais; e pelo respeito às diferenças e pelo direito de ser respeitado.

12. O Teatro do Oprimido se baseia no Princípio de que todas as relações humanas deveriam ser de natureza dialógica: entre homens e mulheres, raças, famílias, grupos e nações, sempre o diálogo deveria prevalecer. Na realidade, os diálogos têm a tendência a se transformarem em monólogos que terminam por criarem a relação Opressores-Oprimidos. Reconhecendo esta realidade, o princípio fundamental do Teatro do Oprimido é o de ajudar e promover a restauração do Diálogo entre os seres humanos.

Princípios e Objetivos

movimento estético mundial, não-violento, que
ade.

14. O Teatro do Oprimido procura ativar os cidadãos na tarefa humanística expressa pelo seu próprio nome: teatro do, por e para o oprimido. Nele, os cidadãos agem na ficção do teatro para se tornarem, depois, protagonistas de suas próprias vidas

15. O Teatro do Oprimido não é uma ideologia nem um partido político, não é dogmático nem coercitivo, e respeita todas as culturas. É um método de análise, e um meio de tornar as pessoas mais felizes. Por causa da sua natureza humanística e democrática, o TO está sendo amplamente usado em todo o mundo, em todos os campos da atividade social como, por exemplo, na educação, cultura, artes, política, trabalho social, psicoterapias, programas de alfabetização e na saúde. No Anexo desta Declaração de Princípios, alguns projetos exemplares são apresentados para ilustrar a natureza e o escopo deste Método teatral.

16. O Teatro do Oprimido está sendo usado em dezenas de países de todo o mundo, aqui relacionados em Anexos, como um instrumento poderoso para a descoberta de si mesmo e do Outro; para clarificar e expressar os desejos dos seus praticantes; como instrumento para modificar as causas que produzem infelicidade e dor; para desenvolver todas aquelas características que trazem a Paz; para respeitar as diferenças entre indivíduos e grupos; para a inclusão de todos os seres humanos no Diálogo necessário a uma sociedade harmoniosa; finalmente, também está sendo usado como instrumento para a obtenção da justiça econômica e social, que é o fundamento da verdadeira Democracia. Em resumo, o objetivo mais geral do Teatro do Oprimido é o desenvolvimento dos Direitos Humanos essenciais. A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DO TEATRO DO OPRIMIDO (AITO)

17. A AITO é uma organização que coordena e promove o desenvolvimento do Teatro do Oprimido em todo o mundo, de acordo com os princípios e os objetivos desta Declaração.

inter-relacionando os praticantes do Teatro do Oprimido, promovendo a troca entre eles, e o seu desenvolvimento metodológico; facilitando o treinamento e a multiplicação das técnicas existentes; concebendo e executando projetos em escala mundial; estimulando a criação local de Centros do Teatro do Oprimido (CTOs); promovendo e criando condições de trabalho para os CTOs e os seus praticantes, e criando um ponto de encontro internacional na Internet.

19. A AITO tem os mesmos princípios e objetivos humanísticos e democráticos do Teatro do Oprimido, e vai incorporar todas as contribuições de todos aqueles que trabalharem dentro desta Declaração de Princípios.

20. A AITO entende que todos aqueles que trabalham usando as várias técnicas do Teatro do Oprimido, subscrevem esta mesma Declaração de Princípios.

Anexo I

ROTEIRO DAS OFICINAS

Primeira Oficina

- 1-Conhecendo o projeto O TO como Instrumento para a Educação Ambiental
- 2-Conhecendo o Teatro do Oprimido - Introdução
- 3-Exercícios: A cruz e o Círculo e Variante, Hipnotismo Colombiano e Variantes, Empurrar um ao Outro e João-bobo e Variante

Segunda Oficina

- 1-Conhecendo o TO: O Teatro Jornal
- 2-Apresentando uma pequena peça com uma notícia sobre o meio ambiente do Mutirão
- 3-Exercícios: Jack ao Contrário e Eu e as Manchetes dos Jornais

Terceira Oficina

- 1- Conhecendo o Teatro Fórum
- 2-Conhecendo o nosso ambiente: A escola e o nosso ambiente
- 3- Exercícios: A Floresta dos sons, Segurando o/a outro/a na cadeira. Criando imagens do bairro dos nossos sonhos.

Quarta Oficina

- 1- Conhecendo o Teatro Fórum
- 2- Conhecendo o nosso ambiente: A escola e o nosso ambiente. Conversando sobre Comadre Fulorzinha
- 3- Exercícios: Movimento premeditado. Dividir o movimento, Círculo máximo e círculo mínimo. Criando imagens da escola dos nossos sonhos.

Quinta Oficina

- 1- Conhecendo o Teatro Fórum
- 2-Conhecendo o nosso ambiente: A escola e o nosso ambiente. Conversando sobre Comadre Fulorzinha

mais, Luta de Box imaginária. Criando imagens da

Sexta Oficina

- 1-Conhecendo o Teatro Fórum
- 2-Conhecendo o nosso ambiente: A escola e o lixo, Conversando sobre a Comadre Fulorzinha
- 3-Exercícios: Papel colado, Os três duelos irlandeses, Tex avery

Sétima Oficina

- 1-Conhecendo o Teatro Fórum
- 2-Conhecendo o nosso ambiente: O que é natureza?
- 3-Exercícios: Roda de ritmo e movimento, jogo de ritmos e movimentos, unificando os ritmos.

Oitava Oficina

- 1-Conhecendo o nosso ambiente: O que é natureza?
- 2- Preparando o espetáculo teatral
- 3-Exercícios: A máquina dos ritmos, Série das palmas e Imitando os movimentos.

Nona Oficina

- 1-Conhecendo o nosso ambiente: O que é meio ambiente?
- 2- Preparando o espetáculo teatral
- 3-Exercícios: Série das palmas e Imitando os movimentos.

Décima Oficina

- 1-Conversando sobre o lixo que produzimos.
- 2- Preparando o espetáculo teatral
- 3-Exercícios: Série das palmas e Imitando os movimentos.

Décima Primeira Oficina

- 1-Conversando sobre o lixo que produzimos.
- 2- Preparando o espetáculo teatral

entos, O espelho.

Décima Segunda Oficina

- 1- Conversando sobre o lixo que produzimos.
- 2- Preparando o espetáculo teatral
- 3- Exercícios: A Floresta dos Sons, O Escultor Toca o Modelo, O Escultor não Toca o Modelo, o Escultor Anda pela Sala..

Décima Terceira Oficina

- 1- Soluções para o lixo que produzimos.
- 2- Preparando o espetáculo teatral
- 3- Exercícios: O Escultor não Toca o Modelo, o Escultor Anda pela Sala.

Décima Quarta Oficina

- 1 - Ensaio geral do espetáculo teatral

Décima Quinta Oficina

- 1- Avaliação do semestre
O que foi positivo? O que foi negativo?
- 2- Avaliação do Espetáculo. O que devemos melhorar?
- 3- Exercícios: O jogo das profissões e o Baile na Embaixada

Décima Sexta Oficina

- 1- Relembrando o semestre passado
- 2- Exercícios: O jogo das profissões e o Baile na Embaixada

Décima Sétima Oficina

- 1- Conhecendo a Árvore do Teatro do Oprimido
- 2- Exercícios: Preparando uma peça no Estilo Teatro do Invisível, Criando imagens com objetos.

o Oprimido

2- Exercícios: Os três duelos irlandeses, Tax Avery e Estátua de sal.

Décima Nona Oficina

1- Conhecendo o Manifesto do Teatro do Oprimido

2- O que é ecossistema?

3- Exercícios: Tax Avery, Preenchendo os espaços vazios

Vigésima Oficina

1- Conhecendo o Manifesto do Teatro do Oprimido

3- Exercícios: Mosquito africano, O aperto de mãos.

Vigésima Primeira Oficina

1- Pensando o espetáculo teatral

2- O que é ecossistema?

2- Exercícios: Bons dias, Roda de ritmo e movimento e Jogo de ritmo e movimento

Vigésima Segunda Oficina

1- Pensando o espetáculo teatral

2- O que é um ecossistema?

2- Exercícios: Ao contrário de Jackson, Anda, pára, justifica

Vigésima Terceira Oficina

1- Pensando o espetáculo teatral

2- O que é um ecossistema

2- Exercícios: A mosca africana

Vigésima Quarta Oficina

1- Pensando o espetáculo teatral

2- De onde vem o consumismo?

2- Exercícios: Ilustrar um tema com o próprio corpo, Imagem da transição, Múltipla imagem da opressão, Múltipla imagem da felicidade.

2- Exercícios: Pensando o Teatro Fórum, O gesto ritual e Código Social, ritual e rito.

Vigésima Sexta Oficina

1- Pensando o espetáculo teatral

2- Exercícios: Pensando o Teatro Fórum, O ritual, Ritual e máscaras

Vigésima Sétima Oficina

1- Preparando o cenário do espetáculo teatral

Vigésima Oitava Oficina

1- Preparando o cenário e ensaio do espetáculo teatral

Vigésima Nona Oficina

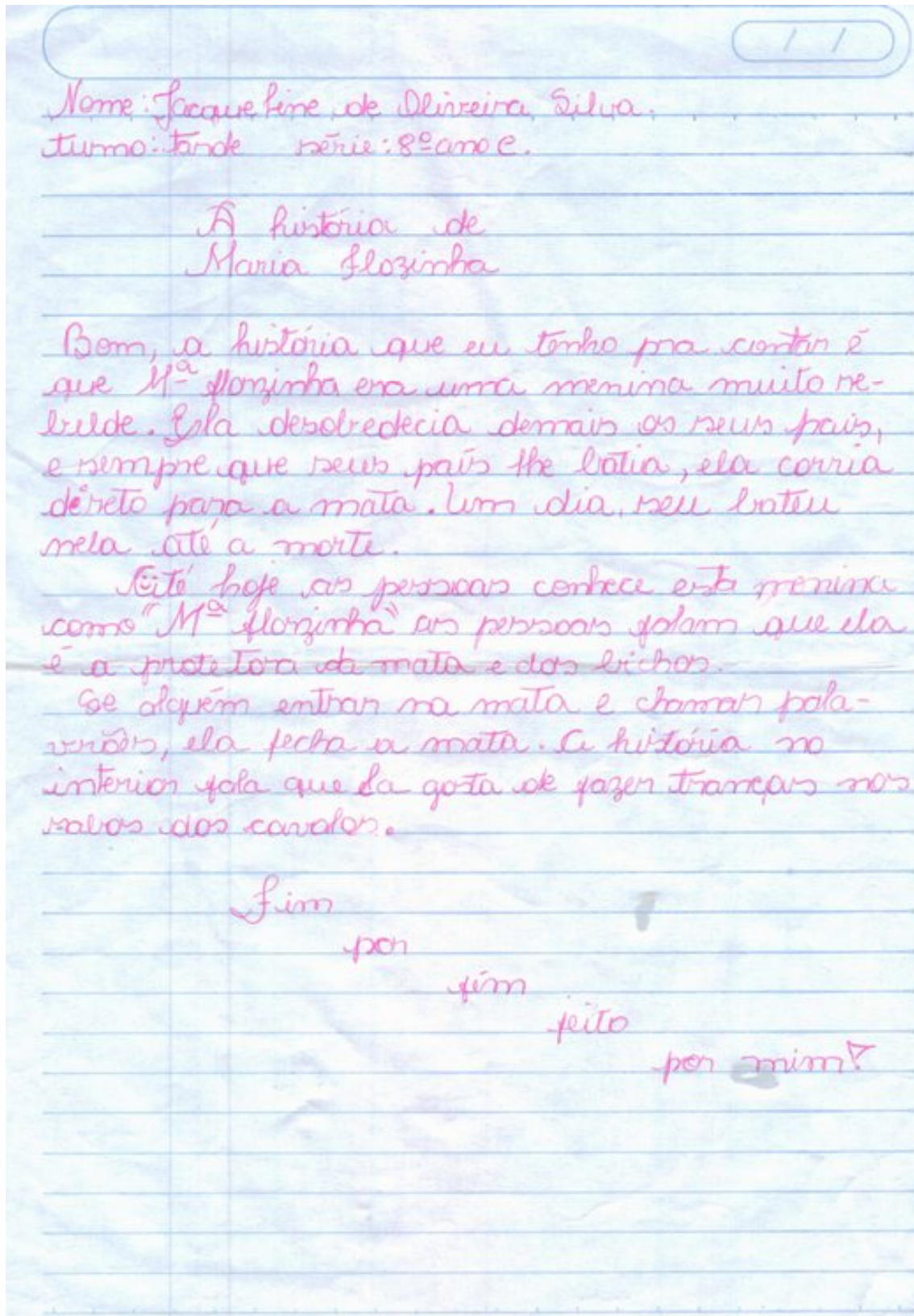
1- Preparando o cenário e ensaio do espetáculo teatral

Trigésima Oficina

1- Técnicas de ensaio do TO

Anexo II

Material produzido pelos educandos do 8º Ano e da 1ª Série sobre o mito da Comadre Florzinha.





19/09/08

"Teatro" Donef

"A lenda de Maria Fleginha"

Era uma vez uma menina que morava em um sítio quando viu uma borboleta e foi atrás dela quando entrou na mata e se perdeu, e não conseguiu achar o caminho de volta, passou muitos dias algumas pessoas passava pela mata e via as borboletas entrarem, quando foi uma vez um caçador encontrando com os amigos falou: eu fui até a mata e não vi nada, todo mundo no dia seguinte foi caçar, um dos amigos se perdeu dos outros, ele começou a pedir socorro e ninguém apareceu foi quando ele viu uma pessoa de certa então foi pedir ajuda viu que era ela e correu foi aí que ela fechou a mata e o pegou.

Desde então nunca mais se soube dele.
Essa é a lenda de Maria Fleginha.

Fim



Maria Juliana

Foi uma linda menina que morava num Sítio,
Perto da Mata. Foi um certo Dia Quando o Pai dela
saíu Para trabalhar e Deixou ela sozinho em casa Para
fazer o Almoço, e ela foi Dormir, quando acordou
ela foi Brincar de Boneca, Quando o pai dela
chegou, que foi preparar o almoço e não tinha
nada pra comer, e começou a chamar palavras
com ela e ela batia muito nela, ela desesperada querendo
fugir para não apanhar mais, e correu para a ma-
ta fechada e passou varios dias perdida na mata
ela passou muita fome e sede, que acabou morrendo
daí essa historia virou uma lenda, tem gente que
acredita e tem gente que ~~ignora~~ ignora, mas dizem
quando alguma pessoa vai ate a mata maltrata-
lar os animais mesmo a mata sendo aberta ela
fecha a mata e faz com que as pessoas se percam,
os animais fogem da mata e os matam, dizem
tambem que ela assobia, se o assobio estiver pro-
ximo a você e porque ela esta longe, e se estiver
muito longe e porque ela esta muito perto de
você, ela também petuda que as pessoas chamem
palavras na mata.

Essa é a historia de
Maria Juliana



[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Curriculo Juliana

Curriculo Juliana era uma menina baixinha, muito magrinha, porém morava num ranchoinho com seu pai e mãe e ela e sua irmã pois seu pai trabalhava muito e deixava ela sozinho e era muito exigente e queria que a menina fizesse almoço todos os dias pois ele não podia trabalhar e trabalhar para começar. Certo dia a menina decidiu dormir e esqueceu de almoço quando ela acordou não tinha mais tempo, ela viu então não pôde e ficou de sono quando seu pai chegou não gostou, então pegou o bichinho e bateu muito nela a menina saiu correndo de pra dentro da mata e não voltou nunca mais que ela foi para proteger os animais mais ela ficou sem assustar até hoje com seus animais.

Obs: isso é uma lenda urbana !!!

Obs: Juliana P.R. da Silva

Anexo III

Roteiro da Primeira Peça Teatral

Título da Peça: O Lixo da Nossa Escola

Número de participantes: nove educandos do 8º Ano e três da 1ª Série.

Primeira Cena . Dois estudantes chegam mais cedo para poder sentar na frente.

Segunda Cena . Os demais estudantes chegam fazendo muito barulho e algazarra. Um estudante começa a escrever na parede usando o giz. Os demais começam a jogar papel uns nos outros. Os primeiros estudantes reclamam, mas não são atendidos

Terceira Cena . A professora chega e pede silêncio. A mesma não é atendida.

Quarta cena . Os dois primeiros estudantes vão reclamar a professora. Eles reclamam que ela não consegue parar os alunos de poluírem o ambiente. A professora diz que ela ganha muito pouco e que não vai se desgastar com isso.

Anexo IV

Roteiro da Segunda Peça Teatral

Título da Peça . Poluindo a Mata do Xém-Xém

Número de Participantes . Sete educandos do 9º Ano

Primeira Cena . Dois jovens caminham perto da mata e começam a conversar sobre as belezas do PEMX e sua biodiversidade.

Segunda Cena . Uma moradora sai de casa com o lixo e começa a despejá-lo na mata. Os dois jovens reclamam, mas não são escutados. A mulher diz que o carro do lixo demora a passar por ali.

Terceira Cena . Os jovens continuam caminhando quando encontram dois homens saindo da mata. Um está carregando uma gaiola com um passarinho e o outro está carregando lenha. Os jovens começam a questionar os dois e eles se defendem dizendo que vão vender o passarinho e a madeira porque precisam de dinheiro.

Quarta Cena . Os dois jovens vão até a guarita para reclamar com o guarda. Este diz que nada pode fazer porque está sozinho para vigiar todo o PEMX.

Anexo V

Paródia da Música Razões e Emoções da Banda NX Zero

DIZER, O QUE EU POSSO DIZER?
SE ESTOU CANTANDO AGORA
P'RA VOCÊ SE CONSCIENTIZAR
QUE AS VEZES ACHO
QUE NÃO TEM MAIS SOLUÇÃO
MAS AS VEES ACHO
QUE PODERÍAMOS SER
MELHOR P'RA NAÇÃO
SÓ QUERO QUE SAIBA
ENTRE DESMATAMENTO E A POLUIÇÃO
A SAÍDA É PRESERVAR A NATUREZA
SE NÃO AGORA DEPOIS NÃO TEM VOLTA
É VOCÊ QUE TEM QUE PRESERVAR
SENTIR, O QUE EU POSSO SENTIR?
SE EM UM MINUTO TUDO ACABAR
NÃO VOU TER COMO FUGIR
QUE NÃO TEM MAIS SOLUÇÃO
MAS AS VEZES ACHO
QUE PODERÍAMOS SER
MELHOR P'RA NAÇÃO
SÓ QUERO QUE SAIBA
ENTRE DESMATAMENTO E A POLUIÇÃO
A SAÍDA É PRESERVAR A NATUREZA
SE NÃO AGORA DEPOIS NÃO TEM VOLTA
É VOCÊ QUE TEM QUE PRESERVAR



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)